

ROCCO
JUVENS LECTORES



Archie Greene

e o segredo dos magos

D. D. EVEREST



Archie Greene

e o segredo dos magos

D. D. EVEREST

TRADUÇÃO
ROSA AMANDA STRAUZ

ROCCO
JOVENS LEITORES

*Para minha mãe, que me ensinou
que tudo é possível.*

E para o Cat Suit Club, que soube disso primeiro.

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

- 1 O bolo de aniversário para ninguém
- 2 Uma encomenda inesperada
- 3 Errado, porém sincero
- 4 O símbolo misterioso
- 5 Uma Recomendação Especial
- 6 A Trilha de White
- 7 O Velho Zeb
- 8 Houndstooth Road
- 9 Sanduíches Foxes para o chá
- 10 Os Guardiões da Chama
- 11 Chocolateria Pena & Tinta
- 12 Os assentos de estudo
- 13 O Museu das Coleções Mágicas
- 14 Estranhas vozes
- 15 Restauração para principiantes
- 16 Um visitante
- 17 Magia negra
- 18 Livros perigosos
- 19 O almanaque
- 20 Atrás da porta azul
- 21 O especialista em dragões
- 22 Excursão à meia-noite

23	Notícias de uma invasão
24	O departamento de Livros Perdidos
25	Ecos do passado
26	O Livro do Passado
27	O dono do glifo
28	Sob ataque
29	O lobo gritante
30	Derramamento de magia
31	Perguntas sem respostas
32	O Livro das Almas
33	A ampulheta
34	Leitura na escuridão
35	Últimas anotações
36	O escritor fantasma
37	O protetor
38	A cripta
39	O segredo final
40	Protetores de livros
	Agradecimentos

Os três tipos de magia

Magia Natural



A mais pura forma de magia vem de seres e plantas mágicos e das forças elementares da natureza, como o Sol, as estrelas e os mares.

Magia Mortal



É produzida pelo homem. Inclui instrumentos mágicos e outros dispositivos criados por magos para canalizar o poder mágico.

Magia Sobrenatural



O terceiro e mais sombrio tipo de magia usa o poder de espíritos e outros seres sobrenaturais.

As três habilidades do aprendiz

Descobrir



Restaurar



Guardar



Os cinco mandamentos da prudência mágica

Em 1666, um acidente mágico provocou o Grande Incêndio de Londres. Os Mandamentos da Prudência Mágica foram estabelecidos para prevenir outros desastres mágicos. (Mandamentos é o modo mágico de dizer Leis.)

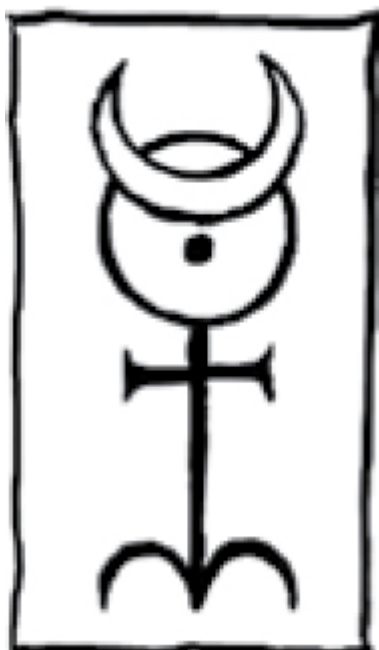
Primeiro Mandamento – Todos os livros e objetos mágicos devem ser devolvidos ao Museu das Coleções Mágicas para inspeção e classificação. (Eles são classificados nos níveis um, dois ou três de poder mágico.)

Segundo Mandamento – Livros e objetos mágicos não podem ser usados, comprados ou vendidos até que sejam devidamente identificados e classificados.

Terceiro Mandamento – É proibido o uso não autorizado de magia fora das instalações mágicas.

Quarto Mandamento – De acordo com a proibição de práticas perigosas, a guarda de livros e objetos mágicos com a finalidade de acumular poder pessoal é ilegal.

Quinto Mandamento – É estritamente proibido maltratar criaturas mágicas.



*Profundamente enterrado na fria caverna
Um segredo ainda hiberna
O prêmio guardado por duas sentinelas arcaicas
Com coração de leão e olhos de águia.
As sombras dormem no silêncio escuro
O presente final permanece seguro
Para passar, basta descobrir
O nome daquele a quem melhor servi.*

O bolo de aniversário para ninguém

Sardinha. Era este o misterioso ingrediente do bolo de chocolate de Loretta Foxe, e seus dois filhos sabiam disso. Este bolo em particular tinha cobertura de glacê de mirtilo e doze velas. Estava na casa da família Foxe, em Oxford, sobre a mesa da cozinha.

Além do bolo, havia também pilhas de sanduíches, tigelas de guloseimas coloridas e vários potinhos de vidro sem marca, de conteúdo desconhecido porque seus rótulos tinham sido retirados havia muito tempo. No centro da mesa, encontrava-se uma grande jarra com um borbulhante líquido cor-de-rosa.

Amora e Cardo Foxe sentaram-se e lançaram um olhar faminto para a comida colocada diante deles.

– Podemos começar agora, mãe? – perguntou Amora.

Ela tinha quatorze anos, olhos verdes, cabelos compridos e escuros que caíam pelas costas em largos cachos e, mesmo no calor do verão, usava um gorro de lã estampado com um pompom pendurado sobre um dos ombros.

– Ainda não, Amora – gritou Loretta Foxe de dentro da grande despensa. Sua voz ecoou energicamente.

– Mas estamos morrendo de fome – gemeu Cardo Foxe. Com onze anos, tinha cabelos castanhos despenteados e um punhado de sardas escuras no nariz.

– Cardo, falei para você esperar – insistiu Loretta.

Silêncio.

– Podemos pelo menos beber alguma coisa? – pediu Cardo.

– Beber? – perguntou sua mãe, a voz cantarolante. – Claro que podem, queridos! O suco de sabugueiro está muito bom, mas não exagerem. Vocês sabem que não somos feitos de suco de sabugueiro.

Cardo Foxe revirou os olhos – o gesto universal que filhos usam com pais irritantes.

Amora pegou a jarra e serviu dois copos de suco de sabugueiro. As crianças o tomaram de um gole só. Ela pegou a jarra para servir mais um pouco. Neste momento, Loretta saiu da despensa. Era uma mulher pequena, com olhos azuis penetrantes e uma espessa juba de cabelo escuro, que usava um vestido roxo e vinha trazendo outra bandeja de sanduíches.

Ela pegou a filha com a mão na jarra.

– O que eu falei a respeito do suco de sabugueiro, Amora? Você acha que sabugueiro dá em árvore?

– Não, mãe – disse a filha suspirando e revirando os olhos como Cardo acabara de fazer.

Amora cheirou o bolo e ergueu as sobrancelhas.

– É sua receita de sempre, mãe? – perguntou Cardo.

– Sim – declarou Loretta. – Chocolate e marshmallow com recheio de sardinha.

Era o que as crianças imaginavam. Sabiam que a mãe era especialista em misturas incomuns. Na verdade, ela era especialista em todo tipo de coisas incomuns, assim como o resto da família. Para desespero dos indigestos vizinhos, isso incluía seu gosto na decoração externa da casa. Loretta adorava tons de púrpura. A porta da frente da casa dos Foxes era pintada de um fúcsia berrante, e as esquadrias das janelas, de um esplêndido carmesim. Mas o que realmente inflamava os ânimos e fazia tremerem as cortinas de Houndstooth Road,

Oxford, era a fachada da casa de número trinta e dois, pintada com um resplandecente e vivo tom de ameixa.

– Estamos comemorando um aniversário – declarou Loretta, distribuindo os sanduíches na mesa com um floreio.

– Isso nós já percebemos – disse Cardo –, mas de quem?

– Não importa – respondeu Loretta. – Apenas fique feliz por estarmos comemorando.

– Mas um bolo de aniversário para ninguém? – indagou Amora.

– Eu não disse que era para ninguém! – Loretta fungou. De repente, seus olhos pareciam estar cheios de lágrimas.

Amora e Cardo trocaram olhares preocupados.

– Agora – prosseguiu Loretta –, só falta seu pai. Então, poderemos acender as velas e fazer um brinde.

– Um brinde para o quê? – perguntou Cardo, cheio de curiosidade.

– Você quer dizer um brinde para *quem* – corrigiu sua mãe.

– Para o quê. Para quem. Tanto faz. – Cardo deu de ombros.

Loretta dirigiu ao filho um olhar de reprovação – olhar que havia aperfeiçoado em muitos anos de maternidade. Em seguida, abriu um sorriso enigmático, de quem esconde um segredo.

– Para nossos parentes ausentes! E para aniversários especiais!

Uma encomenda inesperada

A cerca de mil e seiscentos quilômetros dali, em uma pequena cidade litorânea chamada West Wittering, Horácio Catchpole abriu o portão de número três do Condomínio Crabgate. Horácio tinha quarenta e poucos anos e um rosto comum que passaria despercebido na multidão. Isso era muito bom, porque ele tinha o tipo de trabalho que exigia discrição. Horácio trabalhava para a Folly & Catchpole, o mais antigo e secreto escritório de advocacia da Inglaterra, e hoje estava envolvido em uma tarefa importante.

Um pacote embrulhado em pergaminho marrom liso, amarrado com algumas tiras de couro, estava bem seguro em sua mão direita. Um rolo de papel amarrado com fita escarlate acompanhava o pacote e estava escondido em seu bolso interno por medida de segurança.

Horácio não fazia a menor ideia do que havia no pacote, mas isso não era estranho ao tipo de trabalho que ele realizava.

O escritório londrino da Folly & Catchpole, na saída da Rua Fleet, guardava os mais diversos segredos – muitos deles desconhecidos até mesmo para os funcionários mais antigos. A reputação da empresa fora construída sobre a ideia de que cada um devia cuidar de seus próprios assuntos.

No entanto, seria falso dizer que Horácio não estava curioso a respeito do conteúdo daquele pacote. Ele ficara guardado no porão da empresa durante os últimos quatrocentos anos, esperando para ser entregue em uma data marcada.

Finalmente, o dia havia chegado e, para seu grande orgulho, Horácio fora encarregado da tarefa.

Horácio sabia de cor o que estava escrito no livro de registros do cliente. “Dia 10 de maio de 1603, chegou um pacote de tamanho médio acompanhado de um pergaminho. Para ser entregue ao Sr. Archie Greene.” No entanto, era um mistério quem tinha deixado as instruções. Por mais que Horácio olhasse para o livro de registros, o nome estava borrado e apagado demais para ser decifrado.

Horácio ajeitou os punhos engomados de sua camisa surrada, porém bem-passada, e abotoou o paletó de seu velho conjunto de três peças. Ajustou a gravata azul-marinho desbotada e enfiou seu lenço recém-lavado no bolso de cima. Só então deu duas fortes batidas na porta de número três do Condomínio Crabgate.

Um menino abriu a porta. Era pequeno e magro, com cabelos castanhos opacos. O que chamou a atenção de Horácio, no entanto, foi a cor de seus olhos. Um deles era verde-esmeralda, como um lago profundo, e o outro cinza-prateado, como um carvalho maltratado pelo tempo.

Horácio sorriu bondosamente para o menino. Havia esperado muito tempo por aquele momento. Estava prestes a começar a falar, quando o jovem olhou para ele e disse:

– Obrigado, mas não queremos comprar nada.

– Rapazinho – falou Horácio com sua voz mais imponente –, venho da Folly & Catchpole, o mais antigo escritório de advocacia da Inglaterra, e tenho assuntos importantes a tratar.

Mas suas palavras foram recebidas pelo estrondo de uma porta batida na cara. Sentindo-se rejeitado no momento em que deveria representar o coroamento de sua carreira, Horácio voltou a bater na porta. Para sua surpresa, ela se abriu com tanta força que ele quase caiu para dentro.

– Veja bem – disse o mesmo garoto magrinho que Horácio encontrara momentos atrás –, não quero ser rude nem nada, mas seja lá o que você estiver vendendo, não nos interessa.

Horácio sentiu seu estômago se contorcer. Ele havia pensado sobre aquele momento diversas vezes. Em sua imaginação, o incrédulo destinatário do pacote seria dominado pela emoção e declararia vida longa à lendária Folly & Catchpole. Mas o menino parecia totalmente indiferente. Seus pais saberiam melhor o que fazer. Horácio pigarreou.

– Então, meu jovem – disse ele, com um sorriso forçado nos lábios –, seu pai está em casa?

O menino sacudiu a cabeça negativamente.

– Humm... Sua mãe?

– Não – respondeu o menino. – Não tenho pai nem mãe, só avó. E ela disse que eu não devo falar com estranhos. – A porta se fechou novamente.

Horácio enxugou a testa com seu lenço. Percebeu que o tecido começava a ficar amarrotado.

Respirou fundo e contou até dez antes de bater na porta novamente. Desta vez, só uma fenda se abriu.

– Você de novo?

– Eu mesmo – disse Horácio. – Estou aqui para tratar de um assunto importante, importante e *oficial* – acrescentou para reforçar o efeito de suas palavras. – Tenho uma encomenda para entregar neste endereço.

A expressão do menino mudou rapidamente.

– Por que não disse logo? – ele sorriu. – É meu aniversário. Estou fazendo doze anos hoje, então deve ser para mim.

Horácio piscou, hesitante.

– Não. Creio que não. Esta encomenda é de natureza muito séria e certamente não é destinada a uma crian...

Tarde demais. O menino já havia agarrado o pacote com ambas as mãos e o levado para dentro de casa com um puxão, enquanto Horácio perdia o equilíbrio e se esborrachava sobre uma moita de urtigas no jardim.

Naquele momento, Horácio ressurgia por entre as urtigas que pinicavam todo seu corpo, e a porta estava firmemente fechada. Ajeitou sua gravata e alisou os poucos cabelos grisalhos. Então, sem alternativa, inclinou-se e gritou através da portinhola por onde o carteiro entregava suas cartas.

– Este pacote é muito antigo, tenha cuidado com ele. Não deve ser para você. É para alguém chamado Archie Greene.

A portinhola se abriu.

– Sou eu! – gritou o menino. – Eu sou Archie Greene!

Errado, porém sincero

Archie sentou-se na pequena sala e ficou encarando o pacote. Até aquele momento, estava apreensivo com o longo e solitário verão que teria pela frente. Seu aniversário sempre coincidia com o início das férias escolares e, normalmente, isso significava enfrentar seis semanas de tédio. Não tinha irmãos nem irmãs para brincar e os poucos amigos da escola estariam fazendo dispendiosas viagens ao exterior enquanto ele permanecia preso em casa. Mas um pacote misterioso, aquilo era empolgante!

No entanto, seu entusiasmo inicial começou a diminuir à medida que ele observava o estranho pacote. Parecia velho. Ele sentia que era velho. E, pior de tudo, tinha cheiro de coisa velha – de poeira e teias de aranha. Pela sua experiência, aquilo queria dizer que provavelmente era mesmo velho. Infelizmente, Archie passara a maior parte de sua curta vida tentando manter distância de coisas velhas.

Ele ansiava pelo cheirinho de alguma coisa nova. Algo comprado em uma loja de verdade. Não que fosse ganancioso ou mimado. Na verdade, era exatamente o contrário. Ele nunca tivera nada que fosse novinho em folha.

As roupas que usava, a cama na qual dormia e os pratos nos quais comia eram todos velhos. Até mesmo a bicicleta que ele havia ganhado no Natal do ano anterior era velha, mas gostava dela assim mesmo. Sua avó juntara todo o dinheiro que tinha e a comprara através de um anúncio do *West Wittering News*. Ela havia feito um grande esforço para comprá-la, mas dava para ver a tinta vermelha descascada em vários pontos, e a

engrenagem chacoalhava e rangia, mostrando que a bicicleta tivera uma vida dura.

Vovó – cujo verdadeiro nome era Gardênia Greene – era a única coisa na vida de Archie com a qual ele não se importava que fosse velha. Seu rosto era marcado pelo desgaste de setenta anos, mas seus olhos ainda eram vivos e brilhantes.

E não era culpa da avó que eles tivessem tão pouco dinheiro. Ela não havia pedido para criar seu neto, afinal. Simplesmente aconteceu daquele jeito. E, mesmo com o amor que Archie sentia por sua avó, isso não o impedia de imaginar como teria sido sua vida se seus pais não o tivessem deixado com ela, ainda bebê, para sair de férias com sua irmã mais velha. Se eles não tivessem embarcado naquele maldito navio em direção à França. Ou se o capitão não tivesse cochilado ao volante. Na verdade, Archie não se lembrava de sua mãe e de seu pai. Tampouco se lembrava de sua irmã, que teria quase quinze anos agora, mas era sempre mais doloroso pensar neles no seu aniversário.

– Archibald! – Seus pensamentos foram interrompidos pela avó, que o chamava do andar de cima. – Quem estava aí?

– Um homem. Ele me trouxe uma encomenda.

A cabeça da avó surgiu emoldurada pela porta. Ela fazia uma boa ideia do que havia dentro do pacote. Passara os últimos doze anos temendo aquele momento. Mas, agora que havia chegado, ela se sentia estranhamente aliviada, como se um grande peso tivesse sido retirado de seus ombros.

– Estou vendo – disse ela, tentando parecer casual. – Você sabe de quem é?

Archie não fazia a menor ideia de quem enviara o pacote. Hesitou. Vovó o havia criado para ser cauteloso, mas havia um lado dele que ansiava por aventura. Enquanto encarava o embrulho, podia sentir sua curiosidade fervilhando. Deu uma espiada na avó. Ela encolheu seus ombros ossudos.

– Bem, podemos ficar aqui a noite inteira imaginando o que há nesta caixa ou você pode abri-la e descobrir. Você é quem sabe.

Archie arqueou as sobrancelhas. Nunca tinha ouvido a avó falar daquele jeito. Desconfiava que ela soubesse mais do que deixava transparecer, mas ele não precisava de nenhum encorajamento a mais.

Puxou o cordão, mas os nós estavam tão apertados que não conseguia desatá-los. Levou o pacote à boca e tentou abri-lo com os dentes. Seus lábios roçaram a embalagem. Tinha mesmo gosto de coisa velha – de poeira, de fumaça de incêndio e de alguma coisa doce, como mel, com uma sensação amarga. Havia outro sabor também, alguma coisa penetrante e desagradavelmente ácida, como vinagre. Limpou os lábios, tentando se livrar daquele sabor.

– Experimente isto – disse vovó, entregando a ele uma tesoura de cozinha.

Rapidamente, Archie cortou o cordão. O papel de embrulho se soltou e escorregou para o chão. Em sua mão, ele agora segurava uma caixa de madeira marcada pelo tempo. Com um sorriso, Archie abriu-a com facilidade.

*

Enquanto Horácio Catchpole caminhava de volta para a estação, começou a chover. Sentia-se humilhado – e, para piorar, começava a ficar encharcado. Limpou o rosto com o lenço, agora molhado. Quando imaginava o que poderia estar dentro do pacote, nunca lhe ocorrera que pudesse ser o presente de aniversário de um garoto – e tão novo, ainda por cima. E pensar que ficara esperando todos aqueles anos no porão da firma. Horácio balançou a cabeça.

Foi só quando já estava no trem, voltando para Londres, que Horácio encontrou o rolo de pergaminho. Ainda estava em seu bolso, onde guardara por medida de segurança. Na confusão,

esquecera-se de entregá-lo junto com o pacote. Que desastre! Cometera um erro, e um erro de proporções épicas!

A reputação da Folly & Catchpole era tão fundamentada no fato de não se intrometer nos negócios alheios quanto em não cometer erros. Prudence Folly, a sócia sênior da firma, ficaria furiosa se descobrisse. Mas o que ele poderia fazer agora?

Havia embarcado em um trem expresso, que não pararia até chegar aos arredores de Londres, dali a mais de uma hora e meia. Levaria o mesmo tempo para retornar a West Wittering – caso houvesse outro trem direto naquele mesmo instante. Não podia esperar tanto. E se o menino abrisse o pacote sem conhecer o conteúdo da mensagem?

Aflito, sentado no trem, Horácio não tinha como adivinhar o quão sério fora seu erro, nem o quão caro poderia lhe custar, mas sabia que precisava corrigi-lo, e era melhor fazer isso o quanto antes.

Olhou para o rolo em suas mãos e avaliou suas opções. Abrir encomendas de clientes ou ler sua correspondência era estritamente contra as regras da Folly & Catchpole, a não ser que houvesse instruções específicas para isso. Mas Horácio decidiu assumir o risco. Se a mensagem fosse urgente, então ele daria meia-volta e retornaria imediatamente. Uma firma menos importante tentaria entrar em contato com o menino por telefone, mas Folly & Catchpole valorizava o sigilo acima de tudo e só entregava mensagens pessoalmente. Horácio respirou fundo e retirou a fita do pergaminho.

O símbolo misterioso

Começava a escurecer do lado de fora da casa três do Condomínio Crabgate. Sob a luz da lâmpada, Archie olhava fixamente para o conteúdo da caixa de madeira aberta em seu colo. Seu nariz foi imediatamente atingido por uma coceira que explodiu em um espirro. Poeira. A caixa estava coberta por uma fina camada de poeira branca como talco.

Quando as partículas se dissiparam, Archie deu uma olhada para dentro da caixa. Não continha nenhum grande tesouro – nenhum punhal cravejado com pedras preciosas ou moedas de ouro, nada perigoso nem empolgante.

– O que tem aí, Archie? – perguntou a avó. Ela ainda estava parada na porta da cozinha.

– Um livro – murmurou ele. – Um livro velho.

– Imaginei que pudesse ser – disse ela, com um olhar resignado. – Quem você disse que enviou isso?

– Algum escritório de advocacia ou coisa parecida.

A expressão da avó tornou-se ansiosa.

– Qual escritório de advocacia?

– Sei lá – retrucou Archie distraído. – Um escritório lá de Londres.

A voz da avó estava aguda, o que indicava preocupação.

– Qual era o nome do escritório?

– Ahn, er, sei lá. Ele disse que era o mais antigo escritório de advocacia da Inglaterra. Isso mesmo. Dois nomes. Muito

antiquados. – Archie tentava se lembrar da conversa na porta de entrada. – Alguma coisa e Catchpole.

– Folly! Folly & Catchpole.

– Isso, acho que é isso mesmo – assentiu Archie. – Mas por quê? Você sabe quem o enviou?

Vovó ficou pensativa.

– Não – respondeu. – Achei que soubesse, mas não sei. Eu estava meio que esperando um livro, mas não este aí. Se ele veio da Folly & Catchpole deve ser muito importante e muito sério. Esse homem entregou mais alguma coisa a você? Como uma... carta, por exemplo?

Archie sacudiu a cabeça.

– Só o pacote.

– Humm – murmurou vovó. – Isso é esquisito. Mas, bem, tenho certeza de que fará sentido mais tarde. Além disso, você sempre adorou livros.

Era verdade. Archie sempre tinha adorado livros. Sua avó dizia que estava em seu sangue. Mas ele nunca tinha visto um livro como aquele antes. Havia alguma coisa muito misteriosa nele. Era como se viesse de outro tempo e lugar.

– Que espécie de livro é este? – perguntou a avó.

Archie olhou para a capa do livro e percebeu que não conseguia ler o título. Esfregou as pálpebras e olhou novamente. As letras pareciam vagamente familiares, mas quando tentava colocá-las em ordem para formar palavras, elas se tornavam indistintas e embaçadas. Era quase como se elas estivessem se movendo – entrando e saindo de foco de um jeito que ele nunca conseguia vê-las claramente. Deve ser a poeira nos meus olhos, ele pensou. Fechou os olhos bem apertados e sacudiu a cabeça para clareá-la.

Quando olhou novamente, as letras pareceram mais claras e nítidas por um momento, mas logo que começou a decifrá-las, voltaram a se misturar ao fundo escuro da capa. Virou a cabeça para ler a lombada, mas não havia nada escrito ali.

O mais esquisito era que Archie tinha a sensação de que o escrito era de alguma forma familiar, de um jeito peculiar e apenas fora de seu alcance, como algo que ele soubesse, mas não conseguisse recordar.

Estendeu a mão e tocou o livro pela primeira vez. Assim que seus dedos roçaram a capa, uma dor aguda subiu pelo braço. Recolheu a mão, surpreso.

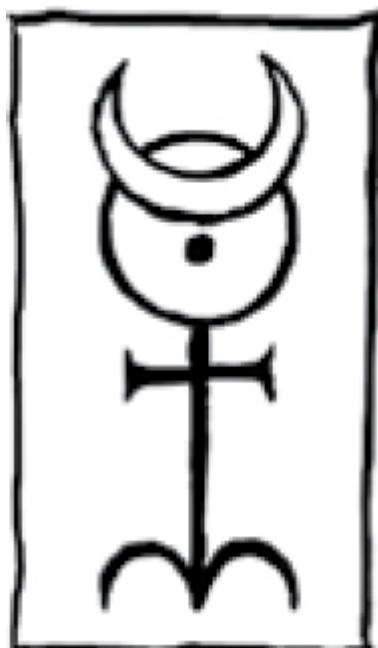
– Ai!

– O que é? – perguntou a avó.

– Sei lá – retrucou Archie, olhando para a própria mão. – Senti um choque elétrico.

Timidamente, estendeu de novo a mão para o livro e colocou-a em volta da lombada. Felizmente, desta vez não houve nenhum choque, e ele o retirou de sua caixa de madeira. O livro era surpreendentemente leve, forrado com uma capa de couro escuro manchado pelo tempo. Um dos cantos estava queimado, como se alguém tivesse tentado incendiá-lo e depois mudado de ideia. Isso explicaria o cheiro de fumaça.

Archie tentou abrir o livro, mas a capa estava trancada com um fecho de prata no qual havia um estranho símbolo gravado. Archie achou que parecia um boneco de palito de fósforos com uma coroa em forma de lua crescente e garras nos pés.



Ele enfiou a unha por baixo do fecho prateado e o puxou com toda força, mas estava muito bem trancado. Olhou para a fechadura. Quando girava um disco, diferentes figuras apareciam em uma pequena janela. Aquilo fez Archie lembrar do mecanismo de um segredo de cofre antigo. O problema era que ele não sabia a combinação correta. Girou o disco no sentido horário até escutar um sonoro clique. A imagem de uma árvore com um raio surgiu na pequena janela, mas o fecho não cedeu. Resolveu, então, girar o disco até ouvir o clique novamente. Dessa vez, a imagem de uma caveira sorridente surgiu na janela, mas o fecho permanecia inflexível.

Archie girou o fecho mais uma vez e uma bola de cristal surgiu.

– Vamos lá, abra – sussurrou.

Com um clique seco como um osso se partindo, o fecho se abriu. Assim que isso aconteceu, Archie sentiu um cheiro doce, como baunilha, e pensou ter escutado alguma coisa. Soava como uma inspiração de ar, do tipo que um nadador poderia dar depois de ter ficado muito tempo debaixo d'água. Se não soubesse que era impossível, Archie teria pensado que

vinha do próprio livro. Encostou a orelha na capa de couro.
Silêncio.

Uma Recomendação Especial

Prendendo a respiração, Horácio Catchpole lentamente desenrolou o pergaminho, tomando cuidado para não rasgá-lo. O pergaminho estava seco e quebradiço e ele sabia que era muito delicado. À medida que o desenrolava, seus olhos se fixavam no texto que aparecia gradualmente. Horácio começou. Estava escrito no alfabeto Magi, uma linguagem usada por magos e alquimistas. Restavam poucas pessoas capazes de decifrá-lo. Certamente o menino não seria uma delas, mas, felizmente para Archie Greene, Horácio Catchpole era: a Folly & Catchpole era especializada em línguas raras.

Horácio já se sentia melhor com sua decisão. Suas habilidades linguísticas talvez estivessem meio enferrujadas, mas estava determinado a consertar seu erro e a entregar a tradução ao menino. Pegando uma caneta e um bloco que retirou do bolso de seu paletó, Horácio começou a traduzir uma mensagem que não havia sido vista durante séculos. Quando terminou, era tarde demais.

*

Archie estava começando a dormir quando escutou um tumulto do lado de fora. Parecia que alguém tinha atropelado uma lata de lixo no escuro em alta velocidade – porque tinha mesmo. Ouviram-se um uivo de dor e uma violenta colisão quando o latão tombou. Depois, um breve silêncio e um som de algo sendo arrastado enquanto a lata era levantada do chão, seguido de uma barulhenta batida na porta.

No momento em que Archie tinha se vestido e descia correndo as escadas, sua avó já estava na porta da frente e, enquadrado na soleira, havia um ofegante Horácio Catchpole.

– É ele! – gritou Archie. – É o homem que trouxe o pacote!

– Sim... sim... – bufava Horácio, encurvado para recuperar o fôlego. – Preciso... dizer... uma coisa... para você... Tenho uma mensagem... – arquejou.

O olhar da avó ia do homem para o neto.

– Bem que achei que estava faltando alguma coisa – disse ela. – É melhor o senhor entrar e explicar o que está acontecendo.

Naquele momento, o relógio do avô bateu meia-noite.

– Oh, meu caro... oh, meu caro – murmurou Horácio. – Só espero que não seja tarde demais.

– Tarde demais para quê? – perguntou vovó.

– Quando entreguei aquele pacote, eu deveria ter entregado também a mensagem que vinha com ele. A recomendação era bem clara.

– Era exatamente com isso que eu estava preocupada – suspirou vovó. – Alguns desses pacotes vêm com recomendações especiais.

– Isso mesmo – disse Horácio.

– E este pacote é um deles – prosseguiu vovó.

– S-sim. E, bem – disse Horácio –, o problema é que a mensagem que o acompanhava foi escrita em uma língua muito antiga e precisei de um tempo para traduzi-la...

– É mesmo...? – disse Archie, subitamente interessado. – O que ela diz?

– Diz que você precisa levar o conteúdo do pacote para a Trilha de White. Imediatamente.

– A Ilha de Wight? – perguntou Archie, cheio de esperança.
– Uma vez, vovó e eu fomos lá nas férias.

– Ahnn... não, não a Ilha de Wight – interrompeu Horácio.
– A Trilha de White é uma livraria em Oxford.

– Oxford! – murmurou vovó. – Eu deveria ter imaginado.

– Deveria ter imaginado o quê? – indagou Archie.
Decididamente, vovó sabia mais do que revelava.

– Bem, suponho que você vai descobrir mais cedo ou mais tarde. Os Foxes vivem em Oxford: sua tia Loretta e os filhos.

Isso era novidade para Archie. Ele não sabia que tinha parentes além da avó.

– Os Foxes? – perguntou ele.

O rosto da vovó ficou crispado.

– Sim, Loretta Foxe, sua tia, e Videira Foxe, seu tio.
Desculpe, eu deveria ter contado para você antes, mas é muito difícil. Loretta é irmã do seu pai.

Archie pareceu chocado.

– Então, você quer dizer que ela é...

– Sim – assentiu vovó. – É minha filha. – Balançou a cabeça melancolicamente. – É uma longa história... mas, se você for a Oxford, deve encontrá-los. – Ela fez uma pausa e olhou para Horácio. – Suponho que ele precisará ir a Oxford.

Horácio assentiu.

– Sim – disse ele. – Como pode ver, é uma Recomendação Especial, não há como evitá-la. Isso significa que, qualquer que seja o conteúdo do pacote, ele deve ser entregue no dia estipulado.

– Imaginei – disse vovó, meneando a cabeça. – E, neste caso, será quando?

Horácio engoliu em seco.

– Ahn... Veja bem, aí está o problema. Esta Recomendação Especial era para hoje.

Horácio lançou um olhar culpado para o relógio, que agora acabava de ter passado da meia-noite.

– Ou melhor, era para ontem – acrescentou em tom de desculpas.

Archie levou um instante para absorver as palavras de Horácio.

– Então, isso quer dizer que perdemos por causa de um dia?
– perguntou. – Faz diferença?

– Pode fazer mais do que você imagina – disse a avó, gravemente.

Horácio olhou para os dois rostos preocupados diante dele.

– Só mais uma coisa – acrescentou. – Vocês não o abriram, certo...?

A Trilha de White

Archie pegou um ônibus para Oxford rumo à Trilha de White. De manhã cedo, vovó havia preparado para ele uma garrafinha de chá e um sanduíche de bacon. Também lhe entregou uma bolsa com roupas e sugeriu que ele se hospedasse com seus recém-descobertos primos. Archie ficou surpreso por sua avó, normalmente tão cautelosa, o estar despachando para sair por conta própria, mas ela se limitou a dizer que não podia “mantê-lo na barra de sua saia para sempre”.

– Além disso – acrescentou, tascando-lhe uma beijoca na bochecha –, preciso cuidar de um assunto e será mais fácil fazer isso sem você no meu pé. Agora vá... e comporte-se bem.

Vovó parecia conhecer bem a livraria Trilha de White e lhe explicou como chegar lá, além de lhe entregar o endereço dos Foxes e uma carta de apresentação para sua tia. Também falou um pouco sobre seus primos – têm nomes incomuns, ela disse. Archie desejou conseguir se lembrar deles. Tinha alguma coisa a ver com plantas, flores ou frutos. Ele queria fazer mais perguntas, mas não havia mais tempo.

Passava um pouco do meio-dia quando Archie chegou. Comparada com West Wittering, Oxford parecia uma cidade grande e cheia de importância. Muitas pessoas passavam apressadas em suas bicicletas. Caminhou pela rua principal e virou à esquerda em uma grande praça pavimentada. As orientações dadas pela avó diziam que ele devia atravessar a praça e descer algumas ruas estreitas para chegar à Trilha de White.

Encontrou a livraria em um pequeno pátio, espremida entre uma loja de cristais e uma de aluguel de fantasias. Era muito menor e mais velha do que suas duas vizinhas.

Sobre a porta verde de entrada, em branco desbotado e tinta dourada, um letreiro dizia: “A Trilha de White: Fornecedor de Livros Raros. Proprietário: Geoffrey Screech.” Archie sentiu um arrepio de entusiasmo. Aquele definitivamente era o lugar! Outro letreiro na vitrine, escrito em uma letra fina e angulosa, dizia: “Compramos livros raros. Mais informações no interior da loja.”

Animado, Archie empurrou a porta verde. Quando ela se abriu, um sino antigo tocou ruidosamente, anunciando sua chegada. A sensação era de que ele havia voltado no tempo. Embora não fosse grande, a loja era maior do que aparentava ser ao olhar de fora. Estantes de madeira escura estavam dispostas em colunas que dividiam o espaço em uma série de corredores.

Archie não conseguia imaginar muita gente interessada em livros antigos, logo, ficou surpreso ao encontrar três outros clientes fazendo fila para serem atendidos – um homem, uma mulher e uma menina mais ou menos da sua idade.

Quem os atendia, por trás de um balcão, era uma mulher baixinha e gorducha, concentrada em sua conversa com o primeiro cliente da fila. Ela observava o homem, que era alto e curvado, através de um par de óculos com as lentes tão grossas quanto o fundo de uma garrafa de cerveja. Parecia que estavam tendo um desentendimento.

A mulher na fila implicava com a garota ao seu lado e Archie pensou que, pelo modo como se comportavam, deveriam ser mãe e filha. Como não tivera mãe, Archie tendia a prestar atenção em coisas desse tipo. A mulher era alta, com cabelos negros presos debaixo de um chapéu de abas largas. A menina vestia um casaco verde de algodão que ia até os

joelhos e parecia ter custado bem caro, e o cabelo estava preso em um simples rabo de cavalo. Estava segurando um livro antigo, com uma capa quase tão gasta quanto a de Archie.

Ninguém notou a presença dele porque o homem curvado e a livreira começaram a discutir em voz alta.

– Não me diga que a senhora não o viu – dizia o homem. – Sei que ele está aqui em algum lugar! Estamos esperando por esse livro há muito tempo.

– Bem, Dr. Rusp, só posso repetir o que já lhe disse antes – disse a livreira em tom de desculpas. – Não tenho a menor ideia de que livro é esse que o senhor está falando. Vou conversar com Geoffrey, digo, com o Sr. Screech, quando ele retornar e ver o que ele tem a dizer, mas posso lhe assegurar que nenhum livro foi entregue ontem.

Archie segurou seu livro e ficou imaginando se seria o que o homem curvado estava esperando. Já estava no ponto de abrir a boca quando o Dr. Rusp tornou a falar.

– Vou ter uma conversinha com Screech a respeito disso! – rosnou. – Onde está esse desgraçado?

– Ele... está... ahn... temporariamente indisponível – gaguejou a livreira.

– Bah! – cuspiu Rusp. – É melhor que ele tenha uma boa explicação para este ultraje, ou ficará permanentemente indisponível!

Enquanto o Dr. Rusp se virava abruptamente e saía da livraria, Archie escondia o livro atrás de si. Não queria ter que entregá-lo para aquele sujeito mal-humorado. Percebeu que as mãos da livreira estavam trêmulas, embora ela tentasse recuperar a compostura prendendo seu cabelo encaracolado no coque e se esforçando para sorrir para a mãe e a filha que aguardavam sua atenção.

– Boa tarde – disse ela.

– Viemos falar com Screech – falou a outra mulher energicamente. – Ele está nos esperando. – A menina não parecia nem um pouco interessada e afastou-se do balcão emburrada, lançando para Archie um olhar de suspeita.

– Como acabei de explicar para o Dr. Rusp, o Sr. Screech não está aqui no momento – disse a livreira. – Posso ajudá-la?

– E quem é você? – perguntou a mãe da menina sem o menor esforço em esconder sua irritação.

A mulher por trás do balcão tentou sorrir novamente, mas foi menos convincente do que da outra vez.

– Sou Marjorie Gudge, assistente sênior do Sr. Screech – respondeu. – Na ausência dele, sou a responsável.

A mãe da menina franziu o cenho.

– Bem, isso é bastante desagradável. Nos disseram que Screech estaria aqui pessoalmente para nos receber. Chegamos ontem, mas a loja já estava fechada. Trata-se de um assunto muito importante. Sou Verônica Ripley e esta é minha filha, Arabella.

Marjorie Gudge piscou nervosamente.

– Sim, claro que sei quem é, Sra. Ripley. Permita-me dizer que é uma honra receber você e sua encantadora filha – disse ela, com um sorriso afetado. – É tão raro eu trabalhar na parte da frente da loja.

– Está bem, está bem – disse Verônica Ripley com desprezo. – Trouxemos o livro!

Marjorie Gudge olhou, perplexa.

– O l-i-v-r-o – disse Verônica, soletrando a palavra para obter maior efeito e cutucando sua filha para que desse um passo adiante.

Arabella colocou o livro sobre o balcão e deu um suspiro entediado. Marjorie Gudge o pegou e olhou.

– Muito agradecida – disse. – Será que este era o livro do qual o Dr. Rusp falava?

– Certamente não! – Verônica elevou o tom de voz. – É para Screech. Trata-se de uma Recomendação Especial.

Marjorie a observou por cima de seus óculos.

– Não sei nada a respeito disso. Mas o Sr. Screech mantém um registro de todos os seus compromissos. Será que não está aqui, marcado para outro dia?

Ela abriu um livro com capa de couro que estava sobre o balcão e folheou suas páginas.

– Ah, aqui estão os registros desta semana. – Marjorie levantou o livro até a altura de seu rosto. – Sim, a senhora tem razão. Aqui está o nome dela, Arabella Ripley, exatamente no dia de ontem. – Ela virou o livro para que a menina e sua mãe pudessem ver. – E tem uma estrela ao lado dele. Bom para vocês!

– Mas o que está escrito naquele pequeno rabisco na margem da folha? – perguntou Verônica Ripley. – Talvez seja o horário marcado, querida. Arabella, você consegue ler?

Arabella olhou para a página novamente.

– Está tudo rabiscado – reclamou. – Mas parece que diz “Archie Greene”.

Ao ouvir seu nome, Archie olhou com atenção.

– Bem – disse Marjorie, abanando a cabeça –, eu realmente sinto muito. Vou pedir para o Sr. Screech contatá-las assim que retornar, mas terei que ficar com o livro por medida de segurança. Afinal das contas, é uma Recomendação Especial.

– Isso é absurdo! – declarou Verônica Ripley. – Diga a Screech para nos telefonar assim que chegar. Vamos, Arabella – ela bufou. – Sabemos quando nossa presença não é desejada!

As Ripleys saíram rapidamente, enquanto Arabella lançava um olhar malévolo para Archie ao passar por ele.

Marjorie Gudge pegou o livro no balcão e o examinou.

– É um almanaque de 1603 – disse para si mesma. – Nunca vi nada igual.

Archie aguçou os ouvidos. Perguntou-se se o livro que possuía seria mais antigo do que o almanaque.

– Oi – disse ele, abrindo um sorriso e mostrando seu livro. – Mandaram que eu trouxesse isto para cá.

Marjorie Gudge não lhe deu a mínima atenção. A assistente sênior da Trilha de White estava mais preocupada com o livro em suas mãos.

Archie deu uma olhada na livraria. Era realmente esquisita. A loja era iluminada por luz de velas – o que proporcionava uma boa atmosfera, mas não era muito útil para leitura. Como alguém conseguiria encontrar o que procurava ali era um mistério para Archie. Não havia nenhuma sinalização, então era impossível dizer onde acabava a não ficção e começava a ficção. As prateleiras que formavam os corredores estavam entupidas com livros de todas as formas e tamanhos, mas ao contrário dos livros modernos, que são pensados para atrair a atenção do leitor, aqueles pareciam querer permanecer anônimos. As lombadas eram todas semelhantes. Os títulos e nomes dos autores estavam apagados.

A loja tinha o mesmo aroma do seu livro – fumaça de madeira queimada, teias de aranha e velas derretidas. Deixando Marjorie entretida com o almanaque, ele estava explorando um corredor quando pensou ter escutado algo. Pareciam vozes sussurrando, como se viessem de trás da cortina negra de veludo que havia ao lado do balcão. Archie se aproximou mais. E ouviu novamente!

Archie deu uma espiada por trás da cortina.

– Alô? – chamou. – Tem alguém aí?

– O que está havendo, meu caro? – perguntou Marjorie Gudge, reparando nele pela primeira vez.

– Achei que tinha escutado alguma coisa – murmurou ele. – Deixa pra lá.

– Então, o que posso fazer por você?

– Ahn, me mandaram trazer este livro para cá – disse Archie, exibindo orgulhosamente seu livro.

– Ponha ali junto com os outros que acabaram de chegar – pediu, indicando uma caixa de papelão em cima do balcão.

Ela empurrou o livro de registros na direção de Archie.

– Anote seus dados aí e o Sr. Screech entrará em contato com você. Agora, preciso levar estes aqui para a oficina – acrescentou, pegando uma pilha de livros.

Archie colocou seu livro na caixa com relutância, ao mesmo tempo que Marjorie Gudge separava aqueles que havia selecionado.

– Deixe-me ajudá-la – sugeriu Archie se abaixando.

– Eles vão lá para baixo para serem restaurados – disse Marjorie.

– Se quiser, posso levá-los – ofereceu Archie.

– É muito amável da sua parte, querido – respondeu ela. – É tão bom encontrar um cliente gentil para variar.

Ela afastou a cortina de veludo para um lado e apressou-se pela abertura.

– Por aqui – chamou por cima do ombro.

Archie pegou o máximo de livros danificados que conseguia carregar e seguiu Marjorie pela descida de uma passagem escura, iluminada pela luz trêmula de uma vela. O movimento

dos cachos de seu cabelo projetava pequenas molas dançantes na parede.

Quando chegaram ao fim da passagem, Marjorie pegou uma lanterna em uma prateleira e a equilibrou em cima da pilha de livros que ele carregava.

– Tome cuidado – avisou ela, apontando para uma comprida escada em espiral que conduzia ao andar de baixo. – É um pouco íngreme.

– Obrigado – disse Archie, olhando em torno da lanterna e para a descida da escada.

– Entregue os livros ao Velho Zeb, terceira porta à direita – disse ela, lançando a Archie um olhar significativo. – Lembre-se disso, é importante. Você não vai querer se perder lá embaixo.

– Terceira porta à direita – repetiu Archie. – Velho Zeb. Entendido.

No andar de baixo, Archie encontrou-se em outro corredor, comprido e mais escuro ainda. O ar tinha um cheiro terroso e úmido, e seu lampião iluminava três portas altas arqueadas, em estilo gótico, como essas que a gente espera encontrar em um castelo. Cada porta tinha uma cor diferente. A primeira era verde. A segunda, azul. A terceira, vermelha. Do lado de fora de cada porta, uma tocha estava colocada em um suporte de ferro preso à parede, espalhando um forte odor de asfalto queimado.

Archie estava começando a ter dúvidas. Sentia borboletas no estômago e sua boca estava seca, mas sua curiosidade aumentava a cada passo. Perguntou-se para onde Marjorie Gudge o estaria mandando.

– A terceira porta – disse ele em voz baixa para si mesmo. Começou a contar enquanto passava por elas. – Um, dois... – Ele estava prestes a seguir pelo corredor quando acreditou ter

escutado o som abafado de alguma coisa se quebrando, como o gelo se partindo em um lago congelado. Parecia vir de trás da porta azul. O ar que saía por debaixo da porta parecia um frio ártico, mas quando ele colocou seu ouvido na madeira havia apenas silêncio.

Archie prosseguiu apressadamente. A terceira porta estava entreaberta. Ele a abriu com o cotovelo.

– Ahn... Velho Zeb? – chamou ele.

– Siiiiiiim? – respondeu uma voz aguda e sibilante.

O Velho Zeb

Archie entrou em uma grande oficina. O ambiente cheirava fortemente a pergaminho velho. Pedacos de couro e de fios estavam espalhados por todo o chão de lajotas. Ferramentas de metal estavam penduradas ao acaso nas paredes. A atenção de Archie, porém, foi atraída para a grande bancada de madeira que passava pelo meio da oficina e estava repleta de livros como aqueles que ele trouxera da loja.

– É melhor colocá-los aí – disse a voz. – Não vá derrubá-los e estragá-los ainda mais.

Agradecido, Archie colocou os livros no fim da bancada. Seus braços já estavam duros de carregá-los. Deu uma olhada ao seu redor para descobrir de onde vinha a voz.

– Olá? – chamou.

– Estou aqui – sibilou a voz. – Perto da forja.

De pé, ao lado de uma fornalha no final da sala, estava um velho minúsculo, com não mais de um metro e vinte de altura. Tinha cabelos brancos e finos, que se levantavam verticalmente em tufo sobre uma cabeça que, de outra forma, seria careca, e um rosto vermelho e magro com dois olhos verdes e brilhantes sobre um nariz adunco. O homenzinho vestia um tipo de macacão que cobria as pernas e o torso, mas deixava seus braços completamente despidos.

O homenzinho fez um gesto indicando a oficina. Seus braços, brancos e musculosos, pareciam pedaços de barbante cheios de nós.

– Seja bem-vindo à oficina de restauração – disse ele. – Sou o Sr. Perret, o restaurador, mas a maioria das pessoas me chama de Velho Zeb.

Ele lambeu os lábios de um jeito que fez Archie lembrar de um réptil. Não uma cobra, mas um pequeno lagarto – uma lagartixa, talvez.

– E qual é o seu nome, rapaz?

– Eu? Ah, sou Archie – respondeu com uma voz vacilante.

O Velho Zeb olhou-o de cima a baixo. Então, coçou a ponta de seu nariz comprido.

– Bem, prazer em conhecê-lo, Archie.

Ele deu uma risada e seus olhos brilharam de um jeito louco. Em seguida, coçou novamente o nariz e sua expressão ficou séria.

– Mas vamos ao que importa. Você não pode julgar um livro pela capa. Precisa verificar se ele tem uma boa lombada!

O homem estava falando através de enigmas, mas Archie sorriu educadamente, o que o divertiu. O Velho Zeb continuou.

– Trata-se de passar a chama, como pode ver. A questão é: será que você é alguém para quem eu poderia passar a chama? Mostre-me suas mãos!

Archie estendeu as mãos. O restaurador segurou-as pelos pulsos. As mãos do velho homem eram surpreendentemente fortes.

– Humm – murmurou ele para si mesmo. – Estas são boas mãos. – Virou-as para examinar as palmas. – São mãos honestas – acrescentou. – Mas são resistentes o suficiente? É preciso ter mãos fortes para ser um restaurador. E também rápidas.

O Velho Zeb passou a língua pelos lábios, pensativo.

– Vamos ver o que diz a antiga Palavra de Ferreiro!

Soltando os pulsos de Archie, ele vestiu uma espessa luva de couro e abriu a porta da fornalha. O fogo produzia um som sibilante e soltava camadas de fumaça branca.

– A Palavra de Ferreiro sabe – prosseguiu ele. – Sua chama está ardendo há milhares de anos.

Sem mais nem menos, o velho puxou uma chama amarela de dentro da fornalha e, para horror de Archie, jogou-a em direção a uma pilha de livros que estava sobre a bancada. Instintivamente, Archie estendeu a mão e pegou a chama.

Naquela fração de segundo, compreendeu a loucura que havia feito. Vacilou, esperando que o fogo queimasse sua pele, mas não sentiu nada além de um formigamento morno na palma da mão.

Archie olhou, incrédulo, para a chama que ainda ardia em sua mão, se torcendo e retorcendo em diferentes formatos.

Não conseguia afastar seus olhos daquilo.

– Como é bonita – murmurou. – Mas por que não está me queimando?

– Faros, o Farol de Alexandria, a luz do mundo! – sussurrou o Velho Zeb. – Não o queimará.

Archie não podia acreditar no que via. Imaginava que ia apenas entregar livros, mas agora estava segurando fogo!

A chama mudou de amarela para azul e então se apagou. A palma da mão direita de Archie começou imediatamente a coçar. Ele tinha certeza de que, depois de tudo aquilo, sua mão estaria queimada, mas quando olhou, havia apenas uma minúscula marca vermelha, como uma pequena tatuagem.

De repente, se deu conta de que os olhos do Velho Zeb brilhavam.

– Mostre-me sua mão de novo – disse o velho. – A que segurou a chama.

Archie estendeu a mão. O restaurador agarrou-a e virou-a para que pudesse olhar a palma.

– Excelente – murmurou, abrindo um grande sorriso.

Tirou alguma coisa do bolso e passou pela mão de Archie. Era molhado e picava um pouco.

– Aí está – disse o velho gentilmente. – Isso vai aliviar a coceira. Você não sentirá nada daqui a alguns dias.

Archie olhou fixamente para a pequena marca vermelha em sua mão.

– Que esquisito – disse ele. – Não doeu nem um pouco.

O velho concordou com a cabeça.

– Sim, é chamada de marca de fogo. Existe uma para cada habilidade do livro, que são três: descobrir, restaurar e guardar.

Archie não sabia o que fazer com aquelas informações, mas o restaurador interrompeu seus pensamentos.

– Agora – disse ele –, vamos ao trabalho. Começamos pontualmente às nove e trabalhamos até que a tarefa esteja cumprida, ou até eu cansar. Na maior parte do tempo você vai restaurar livros, mas às vezes terá que entregá-los aos proprietários. Não se preocupe, mais tarde lhe darei mais instruções. Começaremos amanhã. Mas estou esquecendo minhas boas maneiras. Vamos, vamos tomar um chá.

Archie se perguntou se o homenzinho engraçado estava lhe oferecendo um emprego. Pelo jeito, era mesmo isso. Tudo lhe parecia rápido demais, mas talvez em Oxford as coisas funcionassem daquela maneira. Archie podia pensar em coisas piores do que trabalhar em uma livraria. Mas o que vovó diria? Ela não gostava que ele conversasse com estranhos – e o Velho Zeb certamente era um estranho.

O velho restaurador serviu duas xícaras com um bule marrom, velho e rachado, e lambeu os lábios mais uma vez. Ele definitivamente parecia uma lagartixa.

– Mas me diga, qual é o seu sobrenome?

– Greene – respondeu Archie, ainda olhando para sua mão.

– Ah! – exclamou o velho, animado. – Greene, é mesmo? Então, você deve ser um desses Greenes, não é? – O velho restaurador pensou por um instante. – Então, você deve ser o filho de Alex?

Archie arregalou os olhos ao ouvir o nome do pai.

– Sim, mas como o senhor sabe?

O velho abafou um sorrisinho.

– Eu poderia lhe contar algumas coisas a respeito dos Greenes, ah poderia!

Ele pegou um fole quase do seu tamanho e bombeou um pouco de ar dentro da fornalha, sorrindo enquanto as chamas se reavivavam.

– Um Greene – disse o velho, levantando sua xícara para fazer um brinde. – Quem poderia imaginar? – O Velho Zeb piscou os olhos. – Fui professor do seu pai, é claro.

Archie se esqueceu imediatamente da marca de fogo e do emprego oferecido. O Velho Zeb fora professor do seu pai! Vovó lhe dissera que Alex Greene ensinava geografia em uma escola local. De repente, Archie percebeu quão pouco sabia a respeito de sua família. Não sabia nem mesmo que tinha primos. Perguntou-se novamente por que a avó nunca havia falado deles antes e sentiu um arrepio de ansiedade porque iria encontrá-los naquela mesma tarde.

Archie levantou sua xícara e o homenzinho fez tim-tim.

– Saúde! – gritou o Velho Zeb. – Seja bem-vindo, Archie Greene! Até amanhã.

Houndstooth Road

Archie saiu da Trilha de White com a cabeça girando. Muitas coisas estranhas tinham acontecido nas últimas poucas horas e ele parecia estar no centro de todas elas. Do lado de fora, o tempo começava a ficar nublado, mas pelo menos não estava chovendo. Naquele momento, um solitário raio de sol encontrou seu caminho no pátio em frente à livraria e cintilou no letreiro da fachada como um sorriso.

Archie seguiu as instruções para chegar à casa dos primos. Vovó dissera que dava para ir a pé do centro de Oxford e, com efeito, meia hora mais tarde, ele chegou ao número trinta e dois da Houndstooth Road. Não foi difícil de encontrar, era a única casa roxa da rua. Tocou a campainha. O coração de Archie batia forte. Ainda não tinha se dado conta do quanto estava nervoso, e também animado, para conhecer seus parentes. E se eles não soubessem quem ele era? Ou se não gostassem dele? Archie olhava ansiosamente para a porta.

Nada aconteceu. Aguardou pelo que considerou um tempo razoável – o que vovó chamaria de uma espera educada – e tocou novamente a campainha. Nada ainda. E se não tivesse ninguém em casa? Onde ele se hospedaria? Talvez não fosse o endereço correto, no fim das contas. Ou talvez os Foxes tivessem se mudado. Respirou fundo e deu uma forte batida na porta. Escutou passos. Então, abriu-se uma fresta suficiente apenas para alguém espiar quem batia. Dois olhos escuros observavam Archie atentamente de dentro da casa.

– Obrigado, mas não queremos nada – disse o dono dos olhos escuros com uma voz impertinente. – E se estiver atrás

de dinheiro, esqueça, não temos nenhum. Na verdade, nós nem moramos mais aqui.

Archie olhou dentro dos olhos escuros. Eles pertenciam a um garoto um pouco mais novo do que ele, sardento e com o cabelo castanho despenteado.

– Desculpe – disse Archie com sua voz mais educada. – Estou procurando a família Foxe.

O garoto olhou desconfiado. Deu uma espiada por cima de seu ombro. Archie teve a impressão de que havia alguém escondido atrás da porta soprando as falas para ele.

– Sou um parente – acrescentou Archie. – Vovó Greene me mandou até aqui.

Ouviu-se um farfalhar de roupas, como se alguém que estivesse abaixado tivesse se levantado de repente. Em seguida, a porta se abriu e uma mulher apareceu ao lado do rapaz. Ela abriu um largo sorriso para Archie.

– Vovó Greene mandou você para cá? – gritou.

Archie confirmou com a cabeça e deu um passo receoso para trás.

– Sim – respondeu cuidadosamente.

De repente, a mulher jogou seus braços em torno dele e o abraçou.

– Meu querido, que maravilha ver você!

Archie olhou pasmado enquanto ela dançava na porta.

– Não se preocupe com a mamãe – disse o menino despenteado. – Ela é meio doidinha, mas logo você se acostuma. Aliás, meu nome é Cardo. – Estendeu a mão para Archie e sorriu.

– Sou Archie – respondeu ele, apertando a mão do garoto.

– E eu sou Loretta – anunciou a mulher, sorrindo. – Para você, tia Loretta!

Archie percebeu que ela o encarava de um jeito muito peculiar. Sentiu-se repentinamente tímido.

– Ora, ora, ora – disse ela, sacudindo a cabeça como se não pudesse acreditar no que via. – Você é a cópia exata do seu pai quando ele tinha sua idade. Mais tarde vou mostrar algumas fotos que tenho dele. Entre! Entre!

Loretta conduziu Archie e Cardo por um pequeno corredor até a cozinha.

A primeira coisa que Archie notou na casa dos Foxes foi a predominância do roxo. As paredes e esquadrias eram pintadas de diferentes tons da mesma cor. A segunda coisa foi a inacreditável quantidade de livros. As paredes eram completamente tomadas de estantes que iam do chão até o teto. Na verdade, para todo canto que Archie olhava, mais livros havia. Ele precisou passar por cima de montes deles que estavam no chão, e cada superfície da casa parecia ter mais livros empilhados.

– Sente-se, sente-se – disse Loretta. – Sinta-se em casa.

Archie puxou uma cadeira e sentou-se, tomando cuidado para não derrubar uma torre de livros equilibrada sobre a mesa da cozinha. Cardo puxou a cadeira em frente à dele.

– Está com sede, querido? – Loretta perguntou por sobre o ombro de Archie. – Quer beber alguma coisa? Temos um delicioso suco de sabugueiro.

– Não, estou bem – respondeu Archie, encabulado. – Obrigado.

– Eu estou com sede, mãe – disse Cardo. – Posso beber alguma coisa?

– Claro, querido. Agora, seja um bom menino e sirva-se. De água, quero dizer, estes sabugueiros não nascem em árvores.

Archie percebeu que Cardo se serviu de suco de sabugueiro assim mesmo.

– E como vai mamãe... quer dizer, vovó Greene? – perguntou Loretta.

– Vai muito bem – respondeu Archie educadamente. – Ela mandou uma carta para você – acrescentou, tirando-a do bolso e entregando-a a ela.

Loretta respirou fundo e abriu o envelope. Desdobrou a carta e leu.

Minha querida Loretta,

Escrevo para apresentar Archie – seu sobrinho. Acho que seria melhor ele passar um tempo com vocês – pelo menos algumas semanas.

Até ontem, a promessa que fiz a seu irmão me deixou de mãos atadas. Mas alguém enviou a Archie um livro de presente pelos seus doze anos – e veio com uma Recomendação Especial.

Sei que não preciso explicar a você como tudo isso é preocupante. Eu tinha esperanças de que a vida de Archie tomasse outra direção. Não posso fingir o contrário. Mas temo que ele não possa evitar seu próprio destino.

Preciso resolver alguns assuntos com urgência e isso será mais fácil se eu souber que o menino está seguro.

Por favor, cuide bem de Archie e ajude-o a encontrar seu caminho. Ele é um bom menino e é a razão da minha vida.

Por favor, transmita meu afeto às crianças e ao Videira.

Com carinho,

Sua mãe.

Loretta colocou a carta em uma gaveta. Estava encantada de ver seu sobrinho, distante havia tanto tempo, mas o tom da carta a preocupou. O que seria esse misterioso livro? Não queria alarmar Archie, mas estava intrigada e ansiosa.

Para acalmar-se, começou a se movimentar pela cozinha, abrindo e fechando armários e gavetas, tirando e colocando louças e talheres nos lugares.

Mas havia um armário que Loretta não abria. Ficava bem no meio da parede. Archie se perguntou o que haveria nele. Neste exato instante, a porta do armário se abriu e um rosto apareceu. Dois olhos cinzentos e enrugados vasculharam o ambiente. Archie, que não estava acostumado a ver cabeças aparecendo dentro de armários, arregalou os olhos. O rosto era emoldurado por um cabelo que mais parecia palha, o que lembrou a Archie um espantalho.

– E aí – disse o espantalho. – Que barulheira é essa?

Archie percebeu, então, que aquilo não era um armário, mas uma portinhola que ligava a cozinha a um cômodo contíguo.

– Até que enfim apareceu, Videira – disse Loretta. – Temos visita.

Os olhos cinzentos e enrugados giraram até encontrar Archie.

– Archie, este é seu tio Videira.

– E aí, cara! – O rosto enrugado de Videira abriu-se num sorriso largo e torto. Ele estendeu o braço através da portinhola e apertaram as mãos. Videira tinha um aperto de mão tão forte que Archie pensou que quebraria seus dedos.

– Prazer em conhecê-lo – disse Archie educadamente. Seu dia estava só começando a ficar esquisito.

Videira deu um discreto aceno de cabeça e Cardo sorriu. Apesar de ter acabado de conhecê-los, Archie se sentiu

confortável no meio daquelas pessoas esquisitas. Havia algo familiar e estranhamente tranquilizador neles. Algo que o fazia sentir-se em casa – tanto é que, quando Loretta perguntou “Você vai ficar conosco pelo verão, não vai?”, Archie viu-se balançando a cabeça com uma entusiasmada afirmativa.

Cardo abriu um largo sorriso.

– Muito bom! Mal posso esperar para contar para a Mó!

– Mó? – perguntou Archie.

– Sim – respondeu Cardo. – Minha irmã, Amora. Mas ela não é minha irmã de verdade. Não pode ser, ela é feia demais!

– Cardo! – exclamou sua mãe, puxando suas orelhas. – É claro que Amora é sua irmã de verdade, e ela já deveria ter chegado em casa. Não sei por que está tão atrasada.

– Ai! – disse Cardo. – Deixa pra lá!

– Agora – disse Loretta, soltando a orelha do filho –, vocês podem me ajudar a fazer os sanduíches. Menos Archie. Ele é visita.

Ela desapareceu dentro da despensa e retornou trazendo metade de um bolo de aniversário com cobertura azul, que colocou sobre a mesa.

Ela acenou com a cabeça, satisfeita consigo mesma, e abriu um sorriso.

– Veja – disse. – Fiz um bolo de aniversário para você, Archie.

– Um bolo de aniversário para mim? – perguntou Archie, surpreso. – Mas como sabia que eu estava a caminho?

Loretta sorriu.

– Eu tive a intuição de que você apareceria por aqui – explicou. – Já que era seu aniversário de doze anos.

Sanduíches Foxes para o chá

Poucos minutos depois, Amora Foxe entrou na cozinha a passos largos carregando uma grande caixa de papelão.

– E aí! – cumprimentou com uma voz forte e animada como a de Videira.

– Ah, você chegou – disse Loretta. – Este é seu primo Archie. E, Archie, esta é sua prima Amora.

– Primo? – perguntou Amora. – Desde quando eu tenho um primo?

Loretta olhou feio para ela.

– Você sempre teve um primo, só não tinha encontrado com ele ainda. Agora, diga oi.

Amora abriu um sorriso.

– Tudo bem, Archie?

Archie sorriu desajeitadamente. Amora parecia um pouco mais velha do que ele.

– Ele é filho do meu irmão – disse Loretta em resposta à pergunta muda de Amora. – Vai passar um tempo com a gente. Enfim, por onde você esteve esse tempo todo, querida? Já estava começando a ficar preocupada.

– Demoramos a sair – disse Amora. – Tem alguma coisa estranha acontecendo no trabalho. Parece que um garoto foi atacado. Trouxemos um bilhete falando de uma reunião especial nesta semana. Ninguém sabe do que se trata, mas nos alertaram para tomarmos muito cuidado.

Ela colocou a caixa de papelão no chão da cozinha. Archie espichou o olho e viu que estava cheia de livros velhos. Amora puxou uma cadeira.

– Parece uma boa aquisição – disse Videira esfregando as mãos.

– Sim – disse Amora. – Eu os peguei em um bazar de caridade a caminho de casa. Mas não estou certa de que algum deles seja guardião.

– Está bem, chega de falar de compras na hora do chá – interrompeu Loretta. – Quer um sanduíche, querido? – perguntou a Archie enquanto estendia um prato.

Archie, que tinha visto a preparação dos sanduíches com crescente apreensão, fez o melhor que pôde para parecer faminto.

– Sim, por favor – disse ele.

– Esses são de conserva de limão com ketchup. Esses, de atum e presunto, e esses são de queijo... com banana. – Loretta apontou sua unha pintada de roxo para cada um deles.

A mão de Archie hesitou no meio do caminho. Olhou para Cardo e Amora e viu que eles o observavam esperando sua reação. Soube que sua credibilidade estava na mira.

– Vou experimentar o de banana com queijo – disse, se servindo e dando uma grande mordida. Seus primos abriram um largo sorriso.

– Podem comer! – cantarolou Loretta.

Parecia que aquele era o sinal para Cardo, Amora e Videira começarem uma guerra entre si. Imediatamente, começaram a pegar vários sanduíches e a empilhá-los em seus pratos. Em seguida, abriram febrilmente pequenos vidros contendo várias coisas caseiras, cheiraram e meteram suas facas, garfos e colheres dentro deles até esvaziá-los. Toda essa atividade foi

combinada com uma disputa de cotovelos para afastar qualquer um que tentasse pegar o mesmo pedaço.

Archie achou aquilo muito divertido. Em um minuto ele estava sentado com quatro pessoas normais; no minuto seguinte, três delas se atiravam a um frenesi alimentar que teria envergonhado um grupo de babuínos.

– Cardo, tenha modos! – gritou Loretta, batendo na mão dele com um guardanapo quando ele tentou passar por cima de Archie para alcançar uma bebida. – Videira, você tem mesmo que comer três sanduíches de uma vez só? Não se esqueça do nosso convidado, Amora, veja se deixou algum para Archie.

Archie tentou pegar um sanduíche e quase derrubou Cardo. Cardo rugiu, fazendo de conta que estava indignado, e pegou algumas batatas fritas bem debaixo do nariz de Amora. Enquanto cortava um pedaço de bolo de aniversário com uma das mãos, Amora se servia de suco de sabugueiro com a outra. Archie ficou impressionado.

– Como você consegue fazer isso? – perguntou, admirado com sua habilidade ambidestra.

Amora sorriu.

– Anos de prática! – respondeu. – Quer um pedaço do *seu* bolo de aniversário antes que Cardo engula o resto?

Archie pegou um grande pedaço e o enfiou na boca como seus primos fizeram.

O recheio de sardinha o pegou de surpresa, mas ele combinava surpreendentemente bem com o bolo de chocolate e com o glacê de mirtilo. Perguntou-se novamente por que Loretta teria preparado um bolo de aniversário para ele. Como ela sabia que ele viria para Oxford? Será que era ela a remetente do livro?

– Então, Archie, conte-nos a respeito desse livro que a vovó Greene mencionou na carta – disse Loretta.

Não tinha sido ela, no fim das contas. Agora, Archie era o centro das atenções dos quatro Foxes. Até Videira parou de mastigar e dirigiu seus olhos enrugados para ele.

Archie falou da visita de Horácio Catchpole, explicou a confusão com a mensagem e o retorno de Horácio naquela mesma noite. Quando mencionou a Recomendação Especial, os Foxes trocaram olhares.

– Então você chegou um dia atrasado? – perguntou Loretta, pensativa.

– Sim – confirmou Archie. – Vovó também estava um pouco preocupada com isso. Você acha que tem algum problema?

– Bem, não foi culpa sua, querido. O importante é que você seguiu a recomendação o mais breve que pôde – disse Loretta, mas Archie julgou tê-la visto lançar um olhar preocupado para Videira. – E o que aconteceu depois?

Archie falou de Verônica Ripley e sua intratável filha Arabella.

– Elas também trouxeram um livro, e Verônica disse à livreira que também tinha uma Recomendação Especial – disse Archie.

– Hmmmmmm – resmungou Videira. – Uma Recomendação Especial já é uma raridade, mas duas no mesmo dia... é totalmente excepcional. Eu achei que Geoffrey Screech estivesse lá para recebê-los pessoalmente.

– Marjorie Gudge disse que ele deveria ter chegado ontem – disse Archie –, mas se atrasou. Marjorie mandou as Ripleys retornarem outro dia. Acho que elas são um pouco metidas. Em seguida, um homenzinho engraçado chamado Velho Zeb me ofereceu um emprego meio bobo.

– Um emprego? – perguntou Loretta bruscamente.

– Bem, a pedido da livreira, eu carreguei alguns livros para a oficina dele e parece que isso o animou. Para ser sincero, achei que ele era meio doido.

Os Foxes o observavam atentamente.

– Você tocou a chama? – perguntou Loretta, com um tom de urgência na voz. – Mostre para mim!

Archie estendeu a mão e ela examinou sua palma.

– Você é aprendiz do Velho Zeb – disse ela, lançando um olhar a Videira. – Não há dúvida quanto a isso.

– Como é que você sabe? – perguntou Archie, olhando para a marca, parecida com uma tatuagem, e que agora lembrava uma pequena agulha e linha.

– Porque a chama cria um compromisso – explicou Videira. – Uma vez que tenha a marca, você é obrigado a iniciar sua aprendizagem. Você terá que se apresentar amanhã.

– Amora também tem uma como a sua – disse Loretta. – Mostre sua mão a Archie.

Amora virou a palma para mostrar uma marca azul com o símbolo de uma escada. Perto dela havia outra, verde e com o símbolo de um olho.

– Amora está no segundo ano – explicou Loretta. – Ela já é segunda mão, e por isso tem a segunda marca. Cardo iniciará seu aprendizado no próximo ano, quando fizer doze anos – prosseguiu Loretta. – É com essa idade que os aprendizes começam.

Archie franziu a testa.

– Eu posso compreender o amor de vocês pelos livros – disse. – Também gosto de livros. Mas vocês realmente pretendem fazer do seu hobby um trabalho?

Loretta lhe dirigiu um olhar cortante.

– Hobby? – gritou. – Isso não é um hobby, querido. E estes não são apenas livros antigos. Nós somos os Guardiões da Chama de Alexandria. Nós protegemos livros mágicos.

Os Guardiões da Chama

Archie arregalou os olhos para a tia. Devia ter escutado mal.

– Você acabou de me dizer que vocês são Guardiões da Chama de...?

– Alexandria – completou Loretta. – Isso mesmo.

Archie refletiu por um momento. Aquele estava sendo um longo dia. Sacudiu a cabeça para clareá-la. Devia ser uma piada de família, pensou. Olhou para os demais ao redor da mesa. Videira e os dois primos olhavam para ele sem nenhuma sombra de sorriso.

– E você disse que os livros eram... mágicos? – Archie mal podia acreditar no que ouvia.

– Sim, querido. Nós os protegemos – disse Loretta.

Archie piscou. Sentiu-se como se tivesse tropeçado em um universo paralelo. Aqui, eles falavam sobre livros mágicos como se fosse uma coisa perfeitamente normal. Não podiam estar falando sério, podiam? Lembrou-se do momento em que pegou a chama na livraria. Talvez pudessem.

– Esses livros mágicos – disse. – Como vocês os protegem?

– Nós os devolvemos ao Museu das Coleções Mágicas, é claro – respondeu Amora. – O Velho Zeb não explicou?

– Museu de quê...? – Archie gaguejou.

Amora olhou incrédula para a mãe.

– Como ele pode ter algum parentesco conosco e nem sequer saber da existência do museu?

– Vovó Greene julgou melhor não contar nada a ele – disse Loretta. – Ela teve suas razões, mas agora é hora de Archie

aprender sobre nosso mundo... o mundo dele.

Ela voltou-se para Archie.

– O Museu das Coleções Mágicas é um segredo muito bem guardado. Fica escondido debaixo da Biblioteca Bodleiana, em Oxford. Mas acho melhor começarmos pelo começo.

A noite caía do lado de fora, derramando escuridão no cômodo onde estavam. Videira tirou uma caixa de fósforos do bolso e acendeu duas velas na mesa da cozinha. As chamas das velas projetaram sombras dançantes na parede.

– A maioria das pessoas já esqueceu o que é magia ou jamais soube que isso existiu, mas houve um tempo em que ela florescia – explicou Loretta –, uma Era de Ouro da magia. Naquele tempo, os mais poderosos magos do mundo criaram feitiços, encantamentos e sortilégios que foram registrados em livros para que outros pudessem usá-los. Esses mesmos livros são usados pelos magos desde então.

“Quando Alexandre, o Grande construiu seu império, coletou magia de cada país que conquistou. Reuniu todos os tipos de instrumentos e artefatos mágicos. Tinha até seu próprio jardim mágico e um zoológico de criaturas mágicas. Mas o que Alexandre prezava mais do que tudo era sua coleção de livros mágicos.

“Era a maior coleção de conhecimento mágico jamais reunida e também a mais valiosa. No Egito, Alexandre planejou construir uma grande biblioteca para abrigar sua coleção e mantê-la em segurança – a Biblioteca de Alexandria. Morreu antes de vê-la concluída, mas passou a tarefa de proteger os livros mágicos aos seus escribas mais confiáveis.

“No porto de Alexandria, na ilha de Faros, foi construído um grande farol para guiar os viajantes até a Biblioteca. A Chama de Faros iluminou o farol e os guardiões da Biblioteca tornaram-se responsáveis por garantir que a chama nunca se

apagasse. É a mesma chama que arde na forja do Velho Zeb e que deixou essa marca na sua mão.”

As velas tremeluziram e Loretta ficou em silêncio. Videira continuou a história:

– A coleção de Alexandre foi mantida em segurança durante séculos até que, em 48 d.C., algo terrível aconteceu. Um feiticeiro das trevas chamado Barzak provocou um incêndio e a Grande Biblioteca foi destruída. Quando os escribas tentaram salvar o que restou da coleção de Alexandre, descobriram que os livros mágicos tinham sido infectados pela magia negra de Barzak.

“Anos mais tarde, os livros foram trazidos para Oxford, onde ficariam a salvo.”

Videira balançou sua cabeça melancolicamente.

– O incêndio da Grande Biblioteca pôs fim à Era de Ouro da magia e deu início a uma Era das Trevas. Pessoas comuns começaram a suspeitar da magia, a ter medo dela, e por bons motivos. Feitiços eram lançados por maldade e para provocar danos. Alquimistas tentavam tenazmente fazer ouro e se tornarem ricos. Feiticeiros convocavam espíritos das trevas. Foi uma época muito ruim e os praticantes de magia eram levados a julgamento por bruxaria. Muitos se perguntavam se a própria magia conseguiria sobreviver.

“Então, nos anos 1600, surgiu um promissor alquimista inglês chamado Fabian Grey, e o mundo mágico acreditou que ele poderia ser o único capaz de salvar a magia. No entanto, Grey foi intoxicado pelo seu próprio poder. Em 1666, seus imprudentes experimentos iniciaram o Grande Incêndio de Londres – a segunda grande conflagração da magia. Na ocasião, os magos do mundo fizeram um encontro em Londres e concordaram que aquele tipo de desastre jamais poderia voltar a acontecer. Criaram a Liga da Magia e introduziram novos e rígidos mandamentos para o uso de magia.”

As sobrancelhas de Videira fecharam-se.

– Mas nem todos os membros do mundo mágico concordaram com os novos mandamentos. Secretamente, alguns continuaram a usar a magia apenas em seu próprio benefício. Eles ainda estão por aí. Nós os chamamos de Insaciáveis, porque estão sempre ávidos pela mágica que há nos livros.

Uma brisa soprou no aposento por uma janela aberta, fazendo as chamas das velas tremeluzirem. Videira reduziu sua voz a um sussurro:

– Acima de tudo, os Insaciáveis desejam um pequeno número de livros mágicos muito poderosos. Os Volumes Terríveis são os sete mais perigosos livros de magia negra já escritos.

Archie ficou em silêncio. Sua mente estava a mil.

– Então meu livro é mágico? – perguntou.

– Temos quase certeza de que sim – disse Loretta.

– Eu sabia que havia algo de especial com esse livro – disse ele. – Mas por que alguém me enviaria um livro mágico?

– Achei que fosse óbvio – disse Loretta.

Archie a encarou sem compreender.

– Você vem de uma das famílias que protegem a coleção original de Alexandre. Todos nós: os Foxes, os Ripleys, Marjorie Gudge, até o velho Rusp. Os livros mágicos estão no nosso sangue. Somos os responsáveis por preservar a magia que restou no mundo. Se alguém quisesse manter um livro a salvo, seria preciso enviá-lo para um dos Guardiões da Chama. Assim, era certo que seria levado à Trilha de White e retornaria ao museu.

Archie ficou boquiaberto.

– Entendo... – conseguiu gaguejar. – Por que vovó nunca me falou disso antes?

Loretta sorriu gentilmente para ele.

– Seu pai a fez prometer que manteria você longe da magia para sua própria segurança.

– E com bons motivos – acrescentou Amora. – A magia negra pode ser muito perigosa. Falei a você que um menino foi atacado há pouco tempo, não? Quando os Insaciáveis começam a vir para Oxford, a gente sabe que vai ter problemas.

Chocolateria Pena & Tinta

Quando Archie acordou na manhã seguinte, a primeira coisa que viu foi o rosto sorridente de Cardo.

– Vamos lá, bela adormecida... levanta, levanta! Mamãe avisou que o café está na mesa. Ah, e ela me pediu para entregar a você – acrescentou, colocando uma caixa de sapatos na mesinha ao lado da cama de Archie.

– São algumas coisas antigas do seu pai. Mamãe as guardou para você. Mas ela disse que você terá que olhá-las mais tarde. Amora quer te mostrar o museu inteiro antes de começar seu primeiro dia de aprendizagem. É melhor se apressar.

Archie olhou para seu jovem primo. Era verdade, então, ele não estava sonhando. Colocou a caixa de sapatos debaixo da cama, vestiu-se e desceu correndo as escadas.

*

A luz do sol se espalhava pelas ruas de Oxford. Enquanto Archie passeava ao lado de Amora, pegou-se assoviando ao caminhar.

– O melhor de Oxford é que há muita história – confidenciou Amora. – O museu está aqui há séculos e a maior parte das pessoas nem sequer sabe que ele existe.

Archie podia notar que Oxford, com suas construções antigas, pátios fechados e sinuosas ruas de paralelepípedos, era repleta de segredos.

Viraram à esquerda em uma rua muito larga chamada Broad e Archie notou dois grandes edifícios à sua direita. O primeiro era uma espécie de teatro e o segundo era a Biblioteca Bodleiana, onde ficava o Museu das Coleções Mágicas. Mas, para sua surpresa, Amora passou direto pela entrada.

– Não vamos entrar? – perguntou ele.

Ela sorriu.

– Você não achou que entraríamos pela porta da frente, né? Seria meio óbvio. Há uma entrada secreta que só os Guardiões da Chama conhecem.

Agora que ela havia explicado, fazia todo sentido. É claro que o Museu das Coleções Mágicas precisaria de uma entrada secreta. Amora apertou o passo e Archie precisou correr para alcançá-la.

– A maioria das pessoas já esqueceu que a magia sempre existiu – continuou Amora. – Elas acham que é só uma coisa de livros de histórias. Mamãe diz que temos sorte, porque as pessoas de hoje não estão prontas para a magia. É por isso que nós as chamamos de Despreparados. Eles não sabem nada a respeito de livros mágicos e é melhor que seja assim. Mamãe diz que lidar com dinheiro já é problema suficiente para eles.

Enquanto falava, Amora virou à direita em uma rua lateral. Archie correu para alcançá-la. Ela continuava a falar:

– Papai diz que os Despreparados têm a ciência em vez da magia, é mais fácil e menos sedutor. Além disso, se soubessem da existência dos livros mágicos, isso provocaria todo tipo de disputas. Imagine se um país tivesse mais magia do que outro, haveria guerras e todo tipo de conflito. Exatamente como acontecia no passado!

Chegaram à praça pavimentada que Archie vira no dia anterior. Amora a atravessou decididamente e adentrou as ruelas estreitas.

Quando estavam sozinhos na rua, ela parou e o encarou.

– Archie, você precisa saber que é contra os Mandamentos falar a respeito de livros mágicos com qualquer pessoa, a não ser que ela pertença à Liga da Magia. É por isso que o Naftalina é tão secreto.

– Naftalina?

Amora sorriu maliciosamente.

– É como os aprendizes chamam o museu.

Archie ficou trêmulo de empolgação. Durante toda sua vida havia sonhado com aventuras, e agora realmente estava no meio de uma.

– Está bem, entendi. Mas, então, cadê essa entrada secreta?

– Você vai ver – sorriu Amora, zarpando novamente.

De repente, ela passou por baixo de um arco e estava no pátio que conduzia à Trilha de White.

– A entrada é pela livraria? – perguntou Archie.

Amora concordou com a cabeça.

– A Trilha de White é a única parte do Naftalina que é aberta para os Despreparados, assim eles podem trazer os livros mágicos, caso os encontrem. Não que eles sejam capazes de dizer se um livro é mágico. O Sr. Screech cuida disso. Mas o museu em si é estritamente para os Guardiões da Chama.

Ela atravessou para o outro lado do pátio fechado, na direção de um velho e arruinado prédio em enxaimel, com as vigas expostas, ao estilo medieval. Os espaços entre o madeiramento irregular eram preenchidos com gesso desbotado, e o segundo andar se projetava para além do piso do térreo. Na fachada havia um letreiro indicando que ali era o Café & Chocolateria Pena & Tinta, fundado em 1657. “Cafés e chocolates exóticos do mundo inteiro”, prometia o letreiro. “Temos choco- drinks.” Um fluxo constante de adolescentes entrava e saía.

– Tcha-rã! – disse Amora, indicando a porta do Pena & Tinta, que ficava abaixo de alguns degraus de pedra.

Archie não conseguia imaginar um lugar mais improvável para a entrada do museu. Sorriu.

– Bom disfarce.

Amora deu uma risadinha.

– Não é? Agora, vamos entrar antes que as pessoas se perguntem por que estamos aqui parados e tagarelando.

Ao fim dos degraus, uma pesada porta de carvalho conduzia ao interior do Pena & Tinta. Amora empurrou-a e os dois entraram. Uma menina ruiva um pouco mais nova do que Amora entrou logo atrás deles.

Um delicioso aroma de chocolate, impregnado de café, baunilha, laranja e outros sabores perfumados flutuava pelo ar. Archie percebeu que, apesar de seu exterior sombrio, do lado de dentro o Pena & Tinta era banhado por uma luz cálida e solar. Um raio de sol brilhava através de uma claraboia e refletia-se na madeira polida do assoalho, dando ao local uma atmosfera mística, quase imaterial.

Enquanto Archie observava o ambiente, a garota ruiva andou em direção ao raio de sol. Era tão brilhante que Archie precisou cobrir os olhos. Quando olhou novamente, a garota havia desaparecido.

– Que estranho – comentou. – Para onde foi aquela garota?

Amora sorriu com ares de conhecedora.

– Logo, logo você vai descobrir – disse ela.

Na direção oposta à deles havia um grande balcão de madeira. Alinhadas ao longo de sua extensão, havia vinte ou mais torneiras cromadas com antigas alavancas de porcelana.

Enquanto Archie olhava, a garçonete puxou uma das alavancas e uma torrente de chocolate derretido jorrou para dentro da caneca que ela segurava. Em seguida, ela colocou

um copo sob outra torneira. Desta vez, jorrou uma cascata de suco de frutas vermelhas. Archie lambeu os beiços.

De repente, percebeu que a garçonete olhava para ele. Era alta e magra, com os braços cheios de tatuagens. O cabelo era curto, espetado e muito, muito preto. Tinha piercings nas duas sobrancelhas.

– Esta é a Pink – disse Amora discretamente. – Ela controla quem entra e quem sai. Oi, Pink – cumprimentou. – Este é meu primo Archie Greene.

Pink dirigiu-lhe um amistoso aceno de cabeça e foi direta:

– Então, você é o filho de Alex Greene. Conheci seu pai.

Amora baixou a voz em um suspiro conspiratório:

– Ele é o novo aprendiz de restaurador e nunca viu o museu.

Pink sorriu bem-humorada.

– Seguindo os passos da família, então... bom para você, Arch.

Ela inclinou-se para a frente discretamente.

– Imagino que você já tenha a marca...

– Tem, sim – assentiu Amora. – Mostre sua mão para Pink.

Archie exibiu a marca mágica.

Pink analisou-a rapidamente.

– Certo, está tudo em ordem. Pode passar pela porta de luz.

Amora pegou-o pelo braço e conduziu-o diretamente até o feixe de luz. Era quente como a luz do sol e, por um momento, seus olhos se ofuscaram. Sentiu um estranho cheiro que lembrava uma noite de verão. Logo depois, estava do outro lado.

Os assentos de estudo

Archie encontrou-se em um grande aposento que não tinha percebido anteriormente. Deste lado, ficava claro que o Pena & Tinta era dividido em duas partes. Na frente, parecia um café normal, mas na parte de trás havia um espaço muito maior que era invisível para quem estivesse do outro lado. Separando os dois, havia o raio de luz.

De onde estava agora, Archie podia ver o interior da frente da loja, como se ele estivesse do outro lado de uma janela. O efeito era como o de um espelho de mão única. Ele podia ver as pessoas que estavam na frente do café, mas elas não podiam vê-lo.

– Que estranho – disse para Amora. – Quando a gente entra, não dá para imaginar que este lado existe.

– Exatamente. – Amora sorriu. – Qualquer um pode entrar no café, mas só os Guardiões da Chama podem atravessar a porta de luz para este lado. Dizemos que é a frente da casa e os fundos da casa.

– Mas como isso é possível? – questionou ele. – O que impede as outras pessoas de fazerem a mesma coisa que fizemos?

– É enfeitada, uma barreira de segurança. Só aqueles que possuem a marca podem atravessá-la.

Archie estendeu a mão para tocar a barreira invisível que separava as duas partes do ambiente. Seus dedos não encontraram resistência, mas Amora o puxou.

– Não faça isso – disse ela. – As pessoas do outro lado podem ficar assustadas se virem mãos aparecerem no meio do nada!

Archie observou as grandes e confortáveis poltronas e sofás estofados em couro à sua volta. Gostou imediatamente do Pena & Tinta. Sentiu-se em um lugar repleto de histórias. Para alguém que não gostava de coisas antigas, Archie surpreendeu a si próprio.

Naquele momento, notou a presença da garota ruiva que entrara junto com eles. Ela não havia desaparecido no ar – apenas passado pela porta de luz. Neste lado do ambiente, havia vários adolescentes sentados em mesas. Mas havia também algumas pessoas mais velhas. O aposento zumbia com o som das conversas.

– Então todos aqui são aprendizes no museu? – perguntou Archie.

– Sim, ou são funcionários.

A bancada de madeira se estendia desde a frente do Pena & Tinta, cruzando a barreira de segurança até os fundos da casa. Pink se movia ao longo do balcão, passando de um lado para outro sem o menor esforço. Quando ela passava para o lado de cá, Archie percebia que seu cabelo mudava de preto para cor-de-rosa.

Pink sorriu.

– Então, primeira vez no museu, Arch? Melhor começar em grande estilo. Camarote?

Amora sorriu.

– Sim, boa ideia.

– E o que posso servir para beber?

– Que tal um tiro no escuro? É um dos meus preferidos – disse Amora –, com uma dose extra de entusiasmo, por favor. O mesmo para ele – acrescentou indicando Archie.

Pink voltou-se para a bancada de madeira. As prateleiras estavam cheias de antigas garrafas medicinais com tampas. Ela

pegou um frasco vermelho e pingou duas gotas de um líquido carmesim espesso em um copo. Em seguida, regou-o com uma pequena porção de um líquido transparente retirado de uma garrafa azul. Finalmente, acrescentou uma diminuta gota extraída de uma garrafa preta. A mistura fez um som cacarejante e começou a expelir uma espessa fumaça branca.

– Coquetel de frutas ou chocodrink? – perguntou Pink.

– Coquetel de frutas – disse Amora.

Pink segurou o copo enfumaçado debaixo de uma das torneiras e puxou a alavanca de porcelana, liberando um líquido vermelho com um intenso aroma de framboesa.

– O que é isso? – Archie perguntou a Amora.

– É uma poção de movimento. Esta é chamada de tiro no escuro, mas existem vários outros tipos.

Amora percebeu a expressão interrogativa no rosto de Archie.

– Você precisa de uma poção de movimento para entrar no Naftalina.

Archie já ia perguntar o motivo quando Amora levou um dos dedos aos lábios, pedindo silêncio.

– Você vai ver.

Entregou o copo a Archie e esperou enquanto Pink fazia outro para ela, e abriu caminho para um pequeno reservado. Em uma das pontas, uma cortina vermelha e dourada de veludo conduzia a outro reservado, ainda menor. O local estava cheio, mas Archie viu dois lugares vazios em uma mesa. Sentou-se.

– Se eu fosse você, não me sentaria aí – avisou Amora. – Quer dizer, a não ser que você queira ir para a seção de livros perdidos. Estes são assentos de estudo. Cada assento leva você a uma parte diferente do Naftalina.

– Ah! – disse Archie. – Como você sabe para onde vai cada um?

– Bem, na verdade você não sabe, a não ser que já os conheça, por isso é melhor não ir sentando em qualquer lugar. Os assentos de estudo são um pouco imprevisíveis na maior parte do tempo.

Foram para o meio da sala, de onde tinham uma visão melhor.

– Está vendo aquela garota ali? – cochichou Amora, apontando para a menina ruiva. – É Meredith Merrydance. Trabalha no departamento de Magia Mortal comigo. Ela chegou antes de nós, então deve ir em poucos segundos.

Enquanto Archie olhava, Meredith sentou-se em uma poltrona de madeira com encosto alto nos fundos do aposento.

– Ela está sentada no Descanso do Bruxo, que a conduzirá ao departamento de Magia Mortal.

– Sim – disse Archie. – Mas ainda não entendo como isso vai levá-la para...

– Shhh! Apenas olhe e aprenda – sibilou Amora. – Ela está tomando a poção de movimento – cochichou. – Agora, veja bem o que vai acontecer.

Enquanto Archie olhava, repentinamente a poltrona de madeira na qual Meredith estava sentada virou para trás e foi engolida pela parede. Em um minuto estava ali. No minuto seguinte não estava mais – e nem Meredith. Archie arregalou os olhos, incrédulo.

– Como...? O quê...? Quem...?

Amora abriu um largo sorriso.

– Eu falei que era bom. Agora continue olhando.

Archie ainda estava se recuperando do choque inicial quando, subitamente, a poltrona reapareceu. Ou, pelo menos,

apareceu uma idêntica em seu lugar. Vazia.

Archie esfregou os olhos.

– É incrível! – exclamou.

Amora riu.

– Muito legal, né? Agora, acho que é nossa vez, então é melhor nos sentarmos.

Archie deu uma espiada através do balcão de madeira e viu Pink olhando em sua direção. Amora puxou as cortinas de veludo.

– Estes são os camarotes – disse, indicando uma fileira de assentos escondidos ali. – Rápido – apressou, entrando e acenando para Archie segui-la.

Agora os dois estavam em um lugar semelhante a um camarote de teatro, com uma fileira de cadeiras forradas de veludo. Ela fechou as cortinas e foram engolidos pela escuridão. Archie ouviu a voz de Amora em seu ouvido.

– Agora, quando eu contar até três, você tem que beber tudo. Até a última gota, não se esqueça, senão a poção de movimento não vai funcionar. Ah, e é melhor apertar o cinto de segurança!

Archie encontrou uma fivela no braço da cadeira e prendeu-a com um clique. Cheirou o líquido no copo. Tinha aroma de chiclete. Estava tentando descobrir quais outros sabores haveria ali quando ouviu...

– Um, dois, três!

Alguma coisa fez tim-tim contra seu copo.

– Saúde!

Archie entornou o conteúdo do copo na garganta. Tinha gosto de frutas silvestres com um toque cítrico. Enquanto o líquido descia, ele sentia uma cálida ardência se espalhando

por seus braços e pernas. Os dedos dos pés e das mãos formigavam agradavelmente.

Já pensava que não se importaria de tomar outro copo, quando o chão desapareceu subitamente e Archie sentiu-se caindo.

A cadeira na qual ele ainda estava sentado mergulhava pelo chão a uma velocidade alarmante. Foi jogado para o lado e para a frente com um movimento brusco. Agarrou-se à cadeira e fechou os olhos, sentindo tontura. Quando voltou a abri-los, estava correndo por um túnel. Enormes colunas de madeira trabalhada seguravam o teto e lanternas penduradas iluminavam o caminho. Quando olhou para baixo, surpreendeu-se ao constatar que a cadeira estava voando.

Logo à frente ele podia ver a cadeira de Amora deslizando e arrancando faíscas na escuridão a cada vez que encostava na parede do túnel. Ela balançava suas pernas compridas, jogava o gorro para cima e gritava alegremente a cada curva mais fechada. Logo quando Archie estava começando a relaxar, o túnel acabou abruptamente e, ainda em suas cadeiras, ele e Amora foram arremessados em um espaço grande e cavernoso. Um som sussurrante preencheu os ouvidos de Archie.

Então, estou voando por uma caverna subterrânea em uma antiga cadeira de teatro, pensou consigo mesmo.

As paredes à sua volta eram cobertas de estantes – prateleiras e mais prateleiras repletas de pergaminhos e lombadas de livros antigos. Começavam bem acima de sua cabeça e iam até o chão.

As cadeiras rodopiaram e desceram em espiral, jogando Archie de um lado para o outro. Imaginou que já estivessem bem abaixo da terra. Olhando para baixo, podia ver o que parecia um bando de pássaros formando um grande arco em sua direção. Abaixou-se e por pouco um deles não o acertou.

Uma luz brilhou à frente na escuridão. As cadeiras voaram em sua direção e se espremeram para passar por um estreito espaço antes de pararem em um corredor comprido.

– Onde estamos? – perguntou Archie.

– Em Pouso Feliz, claro – gritou Amora. – É a entrada principal para o museu. Agora, pule fora daí ou voará de volta para o Pena & Tinta.

A primeira cadeira já estava em movimento, subindo aos ares em espiral para voltar ao ponto de onde partiram. Archie desfez a fivela de seu cinto e saiu cambaleando. Imediatamente, sua cadeira deu meia-volta e subiu disparando para os ares.

No fim do corredor havia um arco de pedra com uma porta de carvalho de quase três metros de altura. O símbolo de uma chama estava gravado em ouro na madeira polida. Amora abriu a porta com esforço.

– Seja bem-vindo ao Museu das Coleções Mágicas!

O Museu das Coleções Mágicas

Amora tirou uma tocha acesa de um suporte ao lado da porta e segurou-a no alto. Como em resposta, as outras tochas começaram a brilhar mais e Archie deu sua primeira espiada no Museu das Coleções Mágicas.

Amora sorriu para ele com orgulho.

– Esta é a Grande Galeria – disse com um gesto amplo para mostrar o magnífico salão de teto altíssimo. O chão era coberto por um enorme mosaico com o desenho de uma chama ao centro.

De cada lado, uma ampla escadaria de madeira conduzia a galerias menores. As paredes eram cobertas de estantes que iam do chão até o teto.

O museu era uma colmeia em atividade. Para qualquer lugar que Archie olhasse havia aprendizes trabalhando em galerias. Alguns estavam sentados em mesinhas examinando livros, enquanto outros se equilibravam sobre escadas de madeira com rodinhas que permitiam o alcance a prateleiras mais altas. Outros empurravam carrinhos com altas pilhas de livros, ou os carregavam nos braços.

Alguma coisa se agitou lá em cima e em seguida aterrissou com um baque em uma mesa próxima a Archie. Chocado, ele percebeu que não se tratava de um pássaro – era um livro! O livro descansou por alguns segundos e então, abrindo sua capa como asas, voou até uma estante próxima e ajeitou-se em uma prateleira.

– Você viu aquilo? – perguntou para Amora.

Amora deu uma risadinha.

– Vi. Há um encantamento no museu que permite que alguns livros circulem por conta própria. Isso evita um bocado de trabalho desnecessário para os aprendizes.

Então era isso que ele tinha visto antes: não pássaros, mas livros voadores.

– Mas eu pensei que ninguém mais tinha permissão para praticar magia.

– É contra o Mandamento praticar magia *fora* do Naftalina e de outros poucos lugares mágicos, mas aqui dentro é permitido. Veja bem, só os livros que estão aqui há muito tempo têm permissão para se arquivarem por conta própria. Eles têm um carimbo especial que os faz voar.

Enquanto Amora falava, um grande livro branco deu um rasante e aterrisou em sua cabeça.

– Olá, minha lindeza – disse ela para o livro, que agitou sua capa algumas vezes e ficou vibrando. Amora tirou-o da cabeça. – É um velho amigo – explicou. – Eu o arqueei no meu primeiro dia de aprendizagem e ele ainda se lembra.

Colocou o livro em cima da mesa.

– Pronto! – sorriu.

Em seguida, voltando-se para Archie, disse:

– Agora tenho algo que quero mostrar a você.

Enquanto Amora o conduzia através da Grande Galeria, Archie arregalava os olhos procurando por magia.

Em um lado do ambiente havia uma grande mesa coberta por uma espessa toalha de veludo preto. Em cima dela, dentro de uma caixa de vidro, havia alguns objetos estranhos cuidadosamente dispostos. Pareciam antigos instrumentos científicos.

– Uau! – Archie assoviou animadamente.

– Astrocópios – sorriu Amora. – Instrumentos mágicos. Faziam parte da coleção de Alexandre, fabricados na Era de Ouro da magia.

O olhar de Archie foi atraído para uma lente de aumento com haste de prata. Era marcada com a delicada imagem de uma árvore, e sua lente possuía um tom rosado. Amora reparou que ele estava olhando para o objeto.

– É uma lente imaginária. Ela amplifica sua imaginação – explicou. – São de fato raríssimas. Uma lente imaginária ajuda você a obter uma perspectiva diferente sobre o que quer que você olhe, muito útil para resolver problemas.

– Agora venha – disse ela, praticamente arrastando Archie da mesa. – Tem mais uma coisa que quero mostrar a você.

Atravessaram a galeria principal e subiram uma escada de mármore. Amora caminhou a passos largos até encontrarem uma grande porta dupla, ricamente adornada com uma pena dourada, incrustada na madeira em um belo trabalho de marchetaria.

Amora empurrou as portas.

– O Scriptorium – proclamou.

O ar cheirava a mofo, como se o salão estivesse fechado por muito tempo. Assim que Archie pisou na soleira, as tochas dos suportes nas paredes repentinamente se acenderam em chamas luminosas.

No meio do aposento havia fileiras de mesas altas, cada qual coberta com uma toalha branca. Archie sentiu como se estivesse invadindo a quietude do Scriptorium.

– Ele não é usado há séculos, é claro – disse Amora. – Mas está tudo pronto.

– Pronto para quê? – perguntou Archie.

– Para os magos escritores. Os Guardiões da Chama acreditam que um dia eles retornarão para reescrever toda a magia. Quando Barzak incendiou a Biblioteca de Alexandria e tornou todos os livros mágicos inutilizáveis, não havia nada que nossos antecessores pudessem fazer além de tentar preservá-los até que pudessem ser reescritos e devolvidos à sua glória original.

– Mas, agora, o que impede o museu de reescrever os livros mágicos? – perguntou Archie.

Amora deu uma risada.

– Faz séculos que não aparecem grandes magos escritores. Certas pessoas ainda nascem com dons mágicos, e algumas delas estão aqui no museu, como Gideon Hawke na seção de Livros Perdidos. Mas eles não servem como substitutos dos antigos. Certamente não são bons o bastante para reescrever a magia por conta própria. Tudo que podem fazer é identificar livros mágicos e compreender alguns encantamentos.

“Quando os magos escritores retornarem, haverá outra Era de Ouro. Até esse dia chegar, o Scriptorium vai continuar acumulando poeira.”

Archie olhou pasmado para o salão. Encostado em uma parede, notou um grande livro com capa de couro marrom. Sentiu-se imediatamente atraído para ele.

– Este é o *Livro do Passado* – apresentou Amora. – Ele contém a história da magia. Mas é melhor deixar o passado em paz.

Apontando para o fundo do Scriptorium, onde havia um enorme domo de vidro cercado por uma estrutura de madeira, ela disse:

– Era isso que eu queria mostrar a você. Vem aqui em cima para ver melhor.

Amora conduziu Archie por um curto lance de escadas até uma plataforma de madeira que oferecia uma vista melhor. Agora, estavam observando o domo de cima. Os olhos de Amora brilhavam com a luz da tocha.

– Veja, os Livros do Destino! – cochichou ela.

Enquanto Archie olhava embasbacado para baixo, pôde ver através do vidro dois pedestais de mármore. Sobre cada um, havia um livro exposto em um ângulo de quarenta e cinco graus. Um dos livros estava fechado, mas o outro, que tinha o tamanho de uma mesa pequena, estava aberto.

– Os Livros do Destino são diferentes dos outros livros mágicos – explicou Amora. – Eles predizem o futuro. O livro fechado é o *Livro da Profecia*. Ele faz previsões sobre o futuro.

– E o outro livro? – perguntou Archie, indicando o livro aberto. De onde estavam, era possível perceber que tinha uma sombria capa preta. Pendurada sobre o interior da lombada, de modo a ficar claramente visível, havia uma estranha ampulheta de prata. Mais estranha ainda era uma pena azul que flutuava logo acima das folhas abertas. Ficou maravilhado enquanto a pena dançava no ar escrevendo notas.

– Este é o *Livro de Cálculos* – sussurrou Amora. – Ele faz a contagem da vida e da morte. Todos e cada um de nós vamos passar por suas páginas.

Archie notou que a pena azul se movia de maneira suave e controlada, enquanto novos nomes surgiam em um dos lados do livro.

– O *Livro de Cálculos* contém o registro de cada nascimento e de cada morte da história do mundo – prosseguiu Amora. – A pena mágica veio de um pássaro Benu e está sempre se renovando.

Archie olhava o grande livro com reverência.

– É impressionante! – disse quase sem voz.

– Sim – assentiu Amora –, é extraordinário, mas o *Livro de Cálculos* ainda tem outra função. Ele prevê o tempo que levará para que todos os livros mágicos soltem seu poder. De acordo com a lenda, este dia marcará o começo de uma nova Era de Ouro da magia ou o início de outra Era das Trevas! Está vendo aquela ampulheta pendurada na lombada? – perguntou Amora, apontando para o frasco de prata que Archie tinha visto pouco antes. – Ela contém um registro do tempo que falta para o acerto final.

Amora percebeu a consternação no rosto de Archie.

– Não se preocupe – disse –, faz mais de mil anos que a ampulheta não se move.

– E o que isso quer dizer exatamente? – perguntou Archie.

– Significa que podemos dormir despreocupados – respondeu Amora. – Agora, vamos lá, ou você chegará atrasado à oficina do Velho Zeb. Vejo você à tarde.

Tomaram o caminho de volta e, enquanto o faziam, nenhum dos dois percebeu o único grão de areia que caiu do compartimento superior da ampulheta.

Estranhas vozes

Já eram nove horas quando Archie passou novamente pelo raio de luz do Pena & Tinta. Uma senhora que procurava uma mesa levou um susto ao ver um menino aparecer do nada da escuridão dos fundos do café, mas limitou-se a comer seu bolo e não pensou mais no assunto.

Archie atravessou o pátio na direção da Trilha de White. Abriu a porta e o sino tocou atrás dele. Marjorie Gudge estava cochilando por trás do balcão.

– Sra. Gudge? – chamou. – Está tudo bem? – Tocou seu ombro e o sacudiu gentilmente.

– Quemtaí? – disse ela em meio ao susto. – Geoffrey, é você? Por onde você andou esse tempo todo?

– Não, não é o Sr. Screech – disse Archie. – Sou eu, Archie Greene. Eu lhe trouxe um livro ontem, lembra?

Marjorie levantou-se e esfregou os olhos.

– Archie Greene? – disse. – Claro, você é o novo aprendiz, não é? É melhor levá-lo até a oficina.

Archie olhou para as estantes à sua volta com muita curiosidade.

– Todos estes livros são mágicos? – perguntou.

– Ah, não – respondeu Marjorie –, os livros mágicos não estão à venda. Eles ficam nas estantes por trás da cortina até que estejam prontos para ser encaminhados para a oficina.

Marjorie apressou-se por entre a cortina e Archie seguiu-a.

– Então, o que acontece com eles? – perguntou ele.

Marjorie sorriu.

– Há procedimentos a serem seguidos – disse. – O Sr. Screech é muito rigoroso com isso. Quando um livro chega, ele é examinado para averiguar seus danos, não podemos admitir um livro que vaza sua magia por todos os poros. Em seguida, ele deve ser catalogado antes de seguir para o museu. A não ser que seja um livro muito especial. Neste caso, ele precisa ser trancado no subsolo por medida de segurança.

– O livro que eu trouxe ontem – disse Archie, cuidadosamente – também é especial?

– Creio que não, querido – disse Marjorie. – A única Recomendação Especial que o Sr. Screech estava esperando era o almanaque.

– Mas o homem da Folly & Catchpole disse que meu livro também tinha uma Recomendação Especial – lembrou Archie.

– É mesmo? – disse Marjorie. – Bem, talvez ele tenha se enganado.

– Mas estava escrito em um pergaminho com uma linguagem estranha. Ele o traduziu.

– Bem, eu temo que tenha havido algum erro de tradução – disse Marjorie. – Isso não me surpreende. Algumas das antigas linguagens mágicas são muito confusas.

Archie sentiu uma pontada de decepção.

– Ah – disse ele. Horácio Catchpole devia ter se enganado. Não era nenhuma Recomendação Especial. Archie deu de ombros. – Posso levá-lo de volta, então?

Marjorie sorriu.

– De jeito nenhum! É uma tradição, todo novo aprendiz traz um livro. É chamado “o perdido”. Mostra que o aprendiz é bem-intencionado. Agora, vamos descer para a oficina.

O sino da porta a interrompeu.

– Espere aqui enquanto eu atendo o cliente. E não mexa em nada.

Mas Archie já não a escutava mais. Podia ouvir um ruído sussurrante que vinha da estante onde estavam guardados os livros mágicos. Primeiro pareceu o som de páginas de um jornal sendo viradas, mas à medida que escutava, Archie conseguia distinguir uma voz.

– Aqui não é seguro! – cochichou a voz. – Alguma coisa está roubando minha magia.

Archie ficou petrificado. Olhou atentamente para a estante para descobrir de onde vinha o som e, quando conseguiu, ouviu outra voz que respondia a primeira. A segunda soava como um lenço de papel amassado.

– Minha magia também está enfraquecendo – suspirou melancolicamente a segunda. – Alguma coisa a está levando embora. Não tenho mais muito tempo de vida.

Archie virou a cabeça. A segunda voz vinha da prateleira mais alta. Aproximou-se e encostou sua orelha em um pequeno livro de capa vermelha.

– Quem é você? – perguntou.

Silêncio. Archie esperou alguns segundos.

– Sei que você está aí – disse, baixando a voz. – Ouvi você cochichando!

A voz de lenço de papel voltou a falar.

– Você pode nos ouvir? – perguntou, com um tom surpreso em sua voz amassada.

– Sim, claro – respondeu Archie sem muita certeza.

– Ele pode nos ouvir! – exclamou a primeira voz, a de som chiado como uma folha de jornal.

Houve um animado murmúrio de vozes de papel.

– Ele pode nos ouvir! – elas falavam entre si. – Ele pode nos ouvir!

– Posso – afirmou Archie. – E não é a primeira vez. Ouvi suas vozes ontem, quando cheguei à livraria. Por que não deveria ouvi-las?

Quem respondeu foi a primeira voz. Vinha de um velho livro verde da prateleira logo abaixo de onde estava o vermelho.

– A maioria dos humanos não consegue nos escutar – explicou. – Para falar a verdade, você é o primeiro em muitos anos!

Agora, Archie conseguia ouvir várias outras vozes de papel murmurando. A estante parecia ter vida. Soavam como passarinhos piando em uma cerca viva.

– Nem os outros aprendizes? – perguntou Archie.

– Não – disse uma nova voz, mais profunda do que a primeira e que soava rígida como se fosse pergaminho. – Eles não conseguem nos escutar. Só você pode. Você tem o dom!

– Que dom? – perguntou Archie, meio desconfiado.

– Você é um ouvinte de livros! – exclamou a voz de lenço de papel. – Algumas pessoas podem escutar os livros mágicos falando uns com os outros e também podem conversar com eles. No entanto, é muito raro. Há muito, muito tempo não existe um ouvinte de livros. E como você é o único que consegue nos ouvir, deve ser também o único que pode nos ajudar!

– Pera aí – disse Archie, que mal podia acreditar em seus ouvidos. – Como vou saber se isso não é um truque?

– Truque? – O livrinho vermelho trincou, consternado. – Não fui feito de palavras negras. Sou um livro de bênçãos. Minha magia é formada a partir de palavras amorosas. Sou

repleto de frases sábias, e tenho uma para você, Archie Greene. Ouça bem.

*Solte a magia que está em seu interior
Acredite em seu poder acima de tudo.*

– Obrigado – disse Archie. – Mas o que isso quer dizer?

– Você terá que descobrir – disse o livrinho vermelho. – É minha bênção para você. Minha magia está quase se acabando. Alguma coisa está fazendo com que ela se esgote.

– Quem está roubando a sua magia?

Todos os livros sussurraram e murmuraram ao mesmo tempo. Archie teve a impressão de que havia alguma discordância entre eles.

Finalmente, a voz de jornal se pronunciou:

– É a magia negra que está se alimentando da nossa magia!

Archie sentiu um arrepio de pavor. Lembrou-se de que Amora o havia alertado a respeito da vinda dos Insaciáveis para Oxford, e que isso era um sinal de presença da magia negra.

Os sussurros se tornaram mais altos. Archie podia ouvi-los discutirem.

– Shhhhh... já falamos demais! – alertou a voz de pergaminho, que vinha de um grande livro azul. – Não falem mais nisso! Eles podem nos ouvir e nos castigar!

O murmúrio cessou. As vozes silenciaram.

Archie olhou para o livro azul. Seu título estava gravado na lombada. *Liderança Mágica: Uma abordagem prática.*

Naquele momento, a cabeça de Marjorie apareceu entre as cortinas.

– Vamos lá, querido! Mexa-se. Não devemos deixar o Velho Zeb esperando.

Ela o conduziu em um corredor empoeirado. Enquanto isso, ele pensava a respeito do que os livros mágicos haviam lhe dito. Imaginou se seu livro poderia falar, e se estaria protegido daquilo que assustava os outros, seja lá o que fosse.

Marjorie parou no topo da escada e entregou uma lanterna em suas mãos.

– Terceira porta à esquerda – disse. – Nenhuma outra.

Restauração para principiantes

Lá embaixo, na oficina de reparos, o Velho Zeb, com seu rosto corado, estava sentado em um banquinho de madeira em sua bancada de trabalho. Seus lábios estavam franzidos e vincados, como se ele estivesse assoviando. Sorriu ao ver Archie.

– Você está atrasado. Não importa, agora está aqui. Tente chegar na hora certa amanhã. Temos muito que fazer.

Archie olhou à sua volta. A oficina era maior do que ele lembrava, e o cheiro de pergaminho velho era ainda mais forte. Notou que havia uma falha na lateral da bancada, e um grande livro prensado logo a seu lado.

– Vamos ao que interessa – disse o Velho Zeb, levantando um dedo para pedir atenção. – Você precisará de seu próprio conjunto de ferramentas. Vou ajudá-lo no começo, mas você terá que comprar o que estiver faltando para prosseguir. Fale com os aprendizes de Magia Natural, talvez eles possam ajudar.

Ele piscou e meteu a mão debaixo da bancada.

– Um par de luvas para o manuseio de livros perigosos – disse, exibindo o que mais parecia um par de luvas de forno cobertas com escamas verdes.

Archie se perguntou com que material aquilo seria feito. Parecia pele de jacaré, mas muito mais grossa. Seria pele de dragão?

– Uma agulha mágica, muito difícil de ser encontrada. Esta aqui foi feita com a garra de um lobisomem – informou o

restaurador, segurando um objeto grande, preto e curvado. – Um carretel da melhor linha de pelo de yeti. Uma faca de restaurador, forjada na Chama de Faros. E, finalmente – disse ele, colocando uma bolsa marrom sobre a bancada –, sua própria bolsa de ferramentas mágicas. Ela resiste bem aos feitiços, mas pode vazar se for submetida a bruxarias muito fortes. É ideal para carregar livros que precisam de reparos e objetos mágicos desconhecidos.

O velho sorriu para Archie.

– Ah, quase ia me esquecendo, você deve precisar disto. – Colocou um pequeno objeto de bronze, parecido com uma chave, sobre a bancada.

– O que é isto? – perguntou Archie, esperando que fosse mais um objeto mágico.

– A chave da loja. Assim, você pode vir sozinho se precisar.

Archie sorriu e guardou a chave no bolso.

– Agora – prosseguiu o velho restaurador –, nesta manhã aprenderemos o básico.

Pulou de sua banqueta e pegou um grande livro. Pousou-o sobre a bancada. Archie viu que o título era *Guia de Magia para Principiantes*.

– Isto é... um livro mágico? – perguntou o menino com os olhos arregalados.

– Pelos deuses, não – disse o velho. – É apenas um livro de estudos sobre magia.

Abriu o livro em uma página dividida em três seções.

– Primeiro – disse –, o que você sabe a respeito dos diferentes tipos de magia?

Archie corou.

– Er, não muito – disse. – Só ontem descobri que existe magia.

– Você não conhece nada de magia! – exclamou o Velho Zeb. Balançou a cabeça, consternado. – O que as crianças de hoje aprendem nas escolas? Bem, não se preocupe, você vai entender tudo em pouco tempo – acrescentou mais animado. – Tudo que você precisa saber no momento é que existem três tipos de magia.

Apontou a página com o dedo.

– A primeira é a Magia Natural. É a forma de magia mais pura e vem de plantas e seres mágicos (unicórnios, dragões etc.), e das forças elementares da natureza, como o Sol, as estrelas e por aí vai. O símbolo da magia natural é o raio caindo sobre uma árvore – disse ele, apontando para a página.

“A Magia Mortal é o segundo tipo de magia e é produzida pelo homem. Inclui objetos mágicos e outros instrumentos criados por magos para canalizar o poder mágico. Costuma ser representada por uma bola de cristal – disse, apontando para o símbolo na página aberta.

“E finalmente – continuou, fazendo um gesto para indicar uma caveira sorridente –, existe a Magia Sobrenatural, que usa o poder de seres sobrenaturais. Isso inclui o uso de bons e maus espíritos, gênios, demônios e todas as outras coisas que não são deste mundo.”

O velho restaurador fez uma pausa.

– Normalmente, a magia sobrenatural é considerada a mais perigosa das três, mas qualquer uma delas pode ser perigosa.

Archie olhou para os três símbolos. Já os tinha visto em algum lugar antes, mas onde? Lembrou-se de estalo. Havia aparecido na janela do fecho de seu livro. O fecho tinha ainda outro símbolo, o desenho rudimentar de uma pessoa coroada

com uma Lua Crescente. Ficou se perguntando o que significava aquele símbolo.

O Velho Zeb prosseguiu rapidamente:

– Cada um desses tipos de magia tem seu próprio departamento no museu. O Dr. Motley Brown é o atual chefe de Magia Natural. – Apontou para a fotografia de um homem baixo usando um terno de *tweed*. – Vincent von Herring é o responsável pela Magia Mortal – continuou, indicando a fotografia de um homem alto, que usava uma gravata-borboleta cor-de-rosa. – E esta – disse, apontando para a terceira fotografia, que mostrava uma mulher magra com longos cabelos prateados – é Feodora Graves, chefe da Magia Sobrenatural.

“Cada aprendiz desenvolve três habilidades básicas para proteção dos livros mágicos: encontrá-los, restaurá-los e guardá-los. E eles levam um tempo aprimorando cada uma delas. Alguma pergunta até agora?”

– Todo mundo começa na restauração? – perguntou Archie.

– Não – disse o Velho Zeb. – É a Chama que decide a ordem do seu aprendizado. Cada aprendiz tem seu próprio caminho a seguir. No entanto, são poucos os que começam pela restauração – acrescentou, olhando pensativo. – É a mais difícil das três, sabe? Só os mais dotados começam aqui: Wolfus Bone, que trabalha em Livros Perdidos agora; Arthur Ripley, que costumava trabalhar aqui; e também seu pai. Fui eu que ensinei aos três. O único que não passou por mim foi Gideon Hawke.

Então era verdade, seu pai fora aluno de restauração do Velho Zeb. Archie sentiu uma onda de orgulho por estar seguindo uma tradição familiar.

O Velho Zeb voltou a falar:

– Agora, só faltam mais algumas coisas que você precisa saber. Os Mandamentos: todos os cinco estão logo ali. – Ele apontou para um sinal na parede e começou a ler em voz alta. – O Primeiro Mandamento determina que todos os livros e objetos mágicos devem ser devolvidos ao Museu das Coleções Mágicas para inspeção e classificação. – Olhou para Archie. – Sem mas nem meio mas, entendeu?

Archie assentiu.

– Bom rapaz. O Segundo Mandamento determina que livros e objetos mágicos não podem ser usados, comprados ou vendidos até que sejam devidamente identificados e classificados. Autoexplicativo, acredito. O Terceiro Mandamento proíbe o uso não autorizado de magia fora das instalações mágicas. E o Quarto Mandamento diz que a guarda de livros e objetos mágicos com a finalidade de acumular poder pessoal é ilegal de acordo com a proibição de práticas perigosas.

A expressão do Velho Zeb tornou-se grave.

– É nosso dever ter certeza de que os livros mágicos estão em segurança. Não podemos deixá-los cair em mãos erradas. Finalmente, o Quinto Mandamento proíbe que criaturas mágicas sejam maltratadas. Agora, quero que você fique atento, porque suspeitamos que os Insaciáveis estejam atuando em Oxford. O professor Von Herring vai lhe contar mais sobre isso amanhã no encontro dos aprendizes. Você está sabendo desse encontro, não está?

– Minha prima falou alguma coisa a respeito – respondeu Archie.

– Ótimo – assentiu o Velho Zeb. – Não deixe de comparecer.

– Bem, já tivemos teoria suficiente por hoje. – O velho esfregou suas mãos como uma criança animada. – Certo,

vamos então continuar com a parte prática. Está vendo estes livros?

Ele indicou duas prateleiras acima da bancada de trabalho.

– Tudo que você precisa saber está neles – informou.

Archie passou os olhos pelas prateleiras. Havia alguns livros com fórmulas encantatórias para encadernação e restauração, mas o que chamou sua atenção chamava-se *Colecionadores de Magia: Passado & Presente*. Já ia perguntar do que se tratava, mas o Velho Zeb chamou sua atenção para um volume chamado *Restauração para principiantes*, de Basil Seringueiro.

– Eu mesmo fui aluno de Basil Seringueiro – disse o velho, balançando sua cabeça afetuosamente. – Foi o melhor restaurador que vi em ação. Claro, eu era um jovem como você, começando meu aprendizado.

– Bem, falando nisso – disse Archie, sentindo-se inadequado –, o senhor acha mesmo que eu sou a pessoa certa para ser seu aprendiz? Quer dizer, sou muito grato pela oferta e tudo mais, mas eu não conheço nada sobre livros mágicos, nem mesmo sobre magia. Tem certeza de que o senhor não está cometendo um engano?

– Engano? – O velho franziu a testa. – Impossível! A Chama decide e a Chama escolheu você. A marca da Chama na sua mão é a costura. Neste caso, a costura do livro, ou seja, a restauração! – acrescentou ele com um largo sorriso.

Deu a Archie uma piscadela cúmplice.

– Você é meu aprendiz e não se fala mais nisso. Agora, vamos começar nosso trabalho. Os livros não se restauram sozinhos! – disse, abrindo um sorriso e logo em seguida tornando-se sério. – Na verdade, às vezes eles até fazem isso! Nem todos os livros são confiáveis.

Mais tarde, naquela mesma manhã, Archie e o Velho Zeb estavam sentados em suas banquetas na ponta da longa bancada. Na outra ponta havia duas pilhas de livros pop up: os “pula-fora” e os “pula-e-volta”. Archie os olhou com curiosidade, lembrando-se dos livros que a avó costumava ler para ele, com imagens tridimensionais que se desdobravam e davam a impressão de pular da página.

– Estou vendo que você está de olho nos puladores. – O Velho Zeb sorriu. – Tenha cuidado com estes aí. Não há como dizer o que vai pular de dentro deles! Agora, vejamos o que ainda temos que fazer. Passe para mim aquele livro de capa marrom ali.

Archie pegou um livro com cheiro de terra.

– Um livro de magia natural – explicou o Velho Zeb. – Foi escrito pelo mago que cuidava dos Jardins Suspensos da Babilônia.

O velho examinou o livro através de uma enorme lente de aumento.

– Coisa simples – disse. – Um par de pequenos rasgos na capa, parecem ter sido provocados por espinhos de rosas. E algumas folhas estão se soltando. Nada que algum trabalho manual e um pouco de água não consigam resolver!

O velho restaurador pegou um pequeno furador e um martelo e fez dois furos na lombada do livro. Em seguida, pegou uma agulha comprida que mais parecia um anzol para capturar peixes enormes e enfiou nela um barbante verde. Com uma agilidade surpreendente, costurou as páginas soltas, arrematando cuidadosamente o fio antes de aparar suas sobras com uma tesoura de jardim.

Na sequência, pegou um pouco de cola de um vidrinho que estava sobre a bancada e pingou algumas gotas na capa do livro. Então, para surpresa de Archie, pegou um velho regador

todo amassado e despejou uma boa quantidade de água sobre o trabalho.

– Quase pronto – murmurou. – Só falta um pouquinho de estrume. Coloque-o naquele balde de madeira ali – acrescentou, apontando para um canto da oficina. – Sim, isso mesmo – adicionou quando Archie o olhou inseguro. – Apenas mergulhe-o completamente no esterco. Ficarà novo em pouco tempo.

Archie lançou-lhe um olhar interrogativo, mas percebeu que ele estava falando com a maior seriedade.

– Muito bem – disse o Velho Zeb. – Vou sair um instante só para ver se Marjorie tem algo urgente para mim. Não vou me demorar. Termine o que está fazendo e tome uma xícara de chá. Não mexa em nada.

O velho restaurador abriu a porta da oficina e saiu, assoviando pelo caminho. Archie pegou o balde. Mergulhou o livro de jardinagem no estrume com cuidado para não sujar suas mãos. O livro tinha um cheiro suave, como flor de magnólia. Riu para si mesmo. Sentia-se um pouco idiota enterrando um livro em fezes de cavalo.

Quando terminou, pegou as xícaras da bancada e já estava colocando a chaleira no fogo quando sua atenção foi atraída para os livros puladores.

Archie sentiu uma onda de curiosidade. Olhou pela porta. Que mal haveria em dar uma espiadinha, desde que fosse cuidadoso?

Com a cabeça de lado, leu os títulos nas lombadas. Um em particular chamou sua atenção: *Magia Medieval: Os Cavaleiros Encantados*.

Abriu o livro e passou os olhos pelo sumário. Era uma lista com nomes de vários cavaleiros. Ali pela metade, encontrou Sir Bodwin, o Audaz. Seu brasão trazia um leão e dizia que

fora o mais corajoso cavaleiro de toda a Inglaterra. Archie abriu o livro na página indicada, esperando uma imagem tridimensional pular diante de seus olhos.

E, como previsto, surgiu a figura de um cavaleiro de papel, com sua armadura completa e montado em um cavalo negro. Não viu magia nenhuma ali. Percebeu que o pergaminho estava tão rasgado que em vez de estar sentado sobre seu cavalo, Sir Bodwin mais parecia estar pendurado de um jeito que aparentava cair da sela. Aquilo fazia com que o cavaleiro parecesse um tanto engraçado.

Bastava um pequeno reparo para corrigir aquilo e Archie não pôde resistir à tentativa. Pegou a agulha do Velho Zeb e fez uma costura que colocou Sir Bodwin de volta à sua posição correta. Deu um passo para trás e admirou seu trabalho até que a chaleira começou a apitar.

Estava de costas para o livro, tirando a chaleira do fogo, quando sentiu um cheiro sulfuroso, como o de um fósforo sendo riscado. Em seguida, um estampido soou bem alto, seguido de um relincho de cavalo.

– Sossegue, garota – disse uma voz de homem.

Por um momento, Archie não confiou em si mesmo para olhar para trás.

Quando o fez, não conseguiu acreditar em seus próprios olhos. Em plena oficina, com sua cauda sibilando e as narinas dilatadas, havia um enorme cavalo de guerra negro e vestido com armadura prateada. Montado sobre ele, um cavaleiro, também com armadura completa, com uma pluma vermelha espetada em seu elmo de ferro e um brasão de um leão. Em cima do cavalo, ele era tão alto que sua pluma encostava no teto da oficina. Na mão, o cavaleiro segurava uma pesada maça de ferro com pontas ameaçadoras. O visor de seu elmo estava aberto, mostrando um queixo com barba grossa, e o

cavaleiro estalava a língua contra o céu da boca, fazendo um som que deixava as orelhas do cavalo trêmulas.

Archie compreendeu que eles haviam pulado para fora do livro, mas por um momento só conseguiu olhar espantado. A magia que ele tinha visto no Pena & Tinta e no museu era muito impressionante, mas nada se comparava àquilo. Estava arrepiado.

Então, o cavaleiro falou.

– Meus cumprimentos, jovem senhor – disse ele, levantando a mão enluvada em sinal de saudação. – Sou Sir Bodwin, o Audaz. Você me prestou um grande favor. Estive emperrado naquela posição durante muitos anos, bem desconfortável. Mas agora, graças a você, fui devolvido à minha antiga glória. Como se chama, senhor fidalgo?

– Archie... Greene – gaguejou, com os olhos arregalados. Sabia que estava sendo indelicado, mas não conseguia evitá-lo.

– Estou a seu serviço, Archie Greene – disse Sir Bodwin, curvando-se tanto que a pluma de seu elmo quase fez cócegas no nariz de Archie. – Como posso recompensá-lo por sua nobre ação?

– Ahn, isso não é necessário – falou Archie, sem saber mais o que dizer.

– É muito humilhante ser um cavaleiro quando todos riem de você – prosseguiu o cavaleiro. – Mas agora posso erguer minha própria cabeça novamente... literalmente! Estou eternamente a seu dispor. Qual missão deseja que eu realize?

Archie buscava desesperadamente uma resposta em seu cérebro quando a porta se abriu e o rosto do Velho Zeb apareceu.

Para seu imenso alívio, o velho restaurador não pareceu nem ao menos espantado ao encontrar um enorme cavalo e um

cavaleiro completamente armado em sua oficina. Na verdade, ele apenas deu uma risadinha abafada.

– Então já andou mexendo nos livros pula-fora, jovem Archie? – disse. – Alerttei-o sobre isso!

Archie abriu a boca para responder, mas, logo naquele momento, um monte de cocô de cavalo fumegante caiu no chão perto de seu pé. O Velho Zeb deu uma risada. Aliviado, Archie riu também.

O cavaleiro ergueu sua mão em saudação.

– Meus cumprimentos – disse energicamente. – Sou Sir Bodwin, o Audaz. Minha espada está a serviço deste garoto.

– Bem, tenho certeza de que isso é muito gentil de sua parte – disse o Velho Zeb –, mas, neste momento, ele não está precisando de ajuda.

Enfiou a mão no bolso e tirou de lá um pequeno frasco de vidro. Apontou-o para o cavaleiro e removeu a rolha. Um fino vapor branco flutuou e envolveu Sir Bodwin e seu corcel. Ouviu-se um ruído estaladiço como o de eletricidade estática quando o vapor foi puxado de volta para o frasco e o cavalo e seu cavaleiro desapareceram na frente dos olhos arregalados de Archie. Imediatamente, o Velho Zeb tampou a garrafinha.

Archie piscou. Sir Bodwin e seu cavalo tinham ido embora. A única coisa que mostrava que estiveram ali era o monte de cocô quente de cavalo.

O Velho Zeb ergueu as sobrancelhas intencionalmente.

– Que isto lhe sirva de lição, jovem Archie – repreendeu.

Archie sentiu suas bochechas ruborizarem.

– Como o senhor conseguiu fazê-los sumir? Para onde foram? – perguntou.

– Eu os engarrafei de volta, claro! – disse o Velho Zeb, sorrindo ironicamente. – Com minha rolha – acrescentou com

um brilho nos olhos. – Todos os funcionários mais antigos do museu possuem uma. Não sei onde estaríamos sem elas!

Archie sorriu.

– Eu gostaria de ter uma – disse, olhando para a garrafinha de vidro.

– Não é permitido – sorriu ironicamente o velho. – Aprendiz de primeira e segunda mão são expressamente proibidos de carregá-las. Os de terceira mão, com três marcas de fogo, podem usá-las, mas com supervisão. Como pode perceber, isso pode tornar fácil demais abrir livros pula-fora sem os devidos cuidados e atenção. É muito perigoso.

O Velho Zeb colocou a garrafinha em uma estante.

– Mais tarde terá que ser devolvida ao museu, mas estará segura aqui por enquanto.

Archie olhou para o monte de cocô de cavalo no chão da oficina.

O velho restaurador deu mais uma risadinha.

– Certo – disse –, agora pegue uma pá e limpe isso, vai ser útil para o livro de jardinagem. O resto levarei para casa, para minha horta de tomates!

Um visitante

No fim da tarde, quando já havia terminado seu trabalho, Archie encontrou-se com Amora do lado de fora do Pena & Tinta. Enquanto caminhavam para casa, ele contou a história de Sir Bodwin.

– Então, quer dizer que você já descobriu os puladores? – perguntou com uma risadinha irônica.

– Podemos dizer que sim – disse Archie, sentindo-se ligeiramente tolo. – Mas valeu a pena. Foi sensacional!

– É – disse Amora. – Mas tome cuidado. Os pula-fora podem trazer problemas. Há poucos anos, houve um incidente infeliz envolvendo um rinoceronte e uma oficina de porcelana chinesa. Na verdade, era uma raríssima coleção de porcelanas. E das grandes.

– E o rinoceronte? – perguntou Archie.

– Era dos grandes também. Ficou lá durante três dias e não sobrou nem uma única peça inteira.

Archie ergueu as sobrancelhas.

– Incrível! – E deu uma risadinha.

Amora sorriu.

– Exatamente, mas isso deu uma bela confusão e papai teve vários problemas.

– Quer dizer que tio Videira deixou uma figura tridimensional pular fora e fugir? – perguntou Archie.

Amora fez uma careta.

– Sim, infelizmente – respondeu ela. – É por isso que ele não trabalha mais no museu. Teve que sair depois do incidente.

Archie pareceu pensativo. Havia mais coisas a saber sobre seu tio do que parecia à primeira vista.

– O que ele faz agora? – perguntou.

– Ele é descobridor. A maioria dos empregos do museu é para guardadores, eles cuidam dos livros mágicos e os mantêm em segurança. Há também alguns poucos restauradores, como o Velho Zeb. Então, existem os descobridores, que são pagos por qualquer livro mágico perdido que encontrem. É por isso que colecionamos livros antigos.

– Entendo – disse Archie. – E tudo isso por causa de um pula-fora?

– Isso mesmo – disse Amora –, mas é com os livros para ilustrar que você realmente precisa tomar cuidado. São os mais perigosos.

– Como é que um livro para ilustrar pode ser perigoso? – perguntou Archie incrédulo.

Amora ignorou seu tom cético.

– Acredite, eles podem. Os livros para ilustrar absorvem você – explicou. – Você pode acabar se transformando em um personagem da história.

– Que coisa esquisita! – exclamou Archie.

– É mais do que esquisito – alertou Amora. – Você pode acabar preso para sempre e incapaz de escapar. Isso não é brincadeira, Archie. Alguns livros mágicos não são nada legais! Você descobrirá mais coisas a respeito deles amanhã, no encontro sobre magia negra. Mamãe me deu um amuleto de segurança porque diz que todo cuidado é pouco com Insaciáveis rondando por perto.

Ela mostrou a Archie uma pulseira dourada em seu braço. Tinha um pequeno coração, uma âncora e um arco e flecha.

– É um presente mágico que protege você. Ganhei quando iniciei minha aprendizagem.

– Então, você acha que estamos em perigo? – perguntou Archie.

Amora deu de ombros.

– É melhor prevenir do que remediar.

*

Quando retornaram à Houndstooth Road, Loretta os esperava na entrada.

– Chegaram bem na hora. Tem visita para você, Archie. Disse que foi vovó Greene quem lhe deu o endereço.

Archie e Amora foram até a cozinha para encontrar Horácio Catchpole tomando suco de sabugueiro com Cardo.

– Há uma coisa que você precisa saber – anunciou Horácio assim que viu Archie. – Existe uma segunda mensagem. Foi adicionada mais tarde. Deveria ter sido entregue junto com o pacote e a primeira mensagem, mas, de algum jeito, foi omitida.

– O que ela diz? – perguntou Archie.

– Está em enoquiano – disse Horácio –, a linguagem dos anjos. – Tirou de seu bolso um rolo de pergaminho amarrado com uma fita verde-garrafa. – A linguagem dos anjos é a mais pura das linguagens mágicas. Alguns dos grandes livros de magia foram escritos nela, incluindo o *Opus Magus*. No entanto, é ainda mais obscura do que o alfabeto Magi, a linguagem mágica da primeira mensagem. É um inferno de traduzir.

Archie não teve coragem de dizer a Horácio que a tradução dele estava errada.

Horácio prosseguiu:

– De qualquer modo, é uma charada.
– Você quer dizer que não faz ideia do que quer dizer? – perguntou Cardo.

Horácio fez uma careta.

– Não, é realmente uma charada. Com rimas e tudo.
– Compreendo – disse Archie, se perguntando se a tradução de Horácio seria confiável.

Horácio endireitou seus óculos e, pegando seu livro de notas, começou a ler. Amora pegou uma caneta e começou a transcrever o que ia sendo traduzido.

Profundamente enterrado na fria caverna
Um segredo ainda hiberna
O prêmio guardado por duas sentinelas arcaicas
Com coração de leão e olhos de águia.

Archie olhou fixamente para o pergaminho. Enquanto Horácio lia, as estranhas letras começavam a tremeluzir e a se rearranjar em palavras que ele conseguia compreender. Esfregou seus olhos.

– O que diz o segundo verso, Horácio? – perguntou Cardo.

Horácio prosseguiu:

As sombras dormem no silêncio escuro
O presente final permanece seguro
Para passar, basta descobrir...

Mas foi Archie quem terminou o verso:

O nome daquele a quem melhor servi.

Os três olharam espantados.

– Como você sabia isso? – gaguejou Horácio. – Levei horas para traduzir o texto e você o compreendeu em segundos. Quem ensinou você a ler linguagens mágicas?

Archie se sentiu confuso e encabulado.

– Deve ter sido por acaso – disse, mas sabia que ninguém acreditava nele. Nem mesmo ele acreditava em si próprio. – O que significa esta charada? – perguntou, tentando mudar de assunto.

– Não faço a menor ideia. – Horácio deu de ombros. – Mas achei que você gostaria de saber. Chegou junto com o primeiro pergaminho e com o pacote, mas foi despachado depois deles.

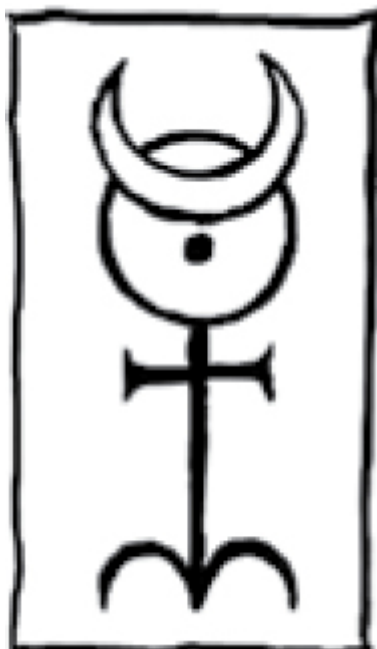
– Quem os enviou? – perguntou Amora, impaciente.

– Não conseguimos ler o nome nos registros – confessou Horácio. – A tinta estava manchada. Mas temos certeza de que era um feiticeiro.

– Um feiticeiro! – exclamou Archie. – Espero que seja o mesmo que me mandou o livro!

Horácio deu de ombros.

– O pergaminho tinha esse símbolo esquisito – acrescentou, segurando de modo que todos pudessem ver.



– Isso faz algum sentido para você?

– Sim – confirmou Archie, vagarosamente. – É o mesmo símbolo que está no fecho do meu livro.

*

Quando Archie foi se deitar naquela noite para refletir sobre a charada, encontrou uma carta em cima de seu travesseiro – era da avó! Loretta devia tê-la colocado ali pensando que ele gostaria de ler com alguma privacidade. Louco por notícias, rasgou o envelope.

Querido Archie,

Espero que você esteja bem instalado com os Foxes.

Agora você já deve ter descoberto algumas coisas que não sabia a respeito da sua família e, especialmente, sobre o passado do seu pai. Provavelmente, está se perguntando por que escondi tantos fatos de você.

Existem muitas coisas que eu devia ter lhe contado, mas seu pai me fez prometer mantê-lo distante da magia até que tivesse idade suficiente para fazer suas próprias escolhas. Ele estava tentando protegê-lo.

Escrevo correndo porque preciso fazer uma viagem. Preciso resolver alguns assuntos. Agora percebo que deveria ter agido mais cedo. Mas o que está feito está feito e não posso mudar isso.

Vou tentar não me preocupar com você porque sei que está seguro com os Foxes. A vida é engraçada porque há pouco mais de algumas semanas nada teria me preocupado mais do que isso!

Loretta e Videira sabem como me encontrar.

Há mais uma coisa que eu queria dizer a você. (Uma vez eu disse a mesma coisa ao seu pai.) Neste mundo, existem diferentes tipos de coragem. Mas todas elas têm uma coisa em comum. Você não pode ser realmente corajoso se não estiver realmente apavorado. A coragem verdadeira é fazer o que acreditamos ser o certo, mesmo quando temos por nossa

própria segurança. Lembre-se disso. Vai ajudá-lo a ser valente quando chegar a hora.

Com amor,

Vovó

Havia um cartão-postal junto com a carta. Era de Katmandu.

Pensar na avó o fez lembrar das coisas do pai. Ele se perguntava se elas poderiam ajudá-lo a decifrar a charada mágica. Pegou a caixa de sapatos que Cardo havia lhe dado, tirou a tampa e viu uma variedade de objetos que pertenceram a seu pai. Havia uma caneta, algumas fotografias em preto e branco desbotadas, um par de luvas e alguns livros.

Pegou uma das fotografias e a examinou. Era a foto de um menino e uma menina lado a lado. A menina usava sapatos roxos e era facilmente reconhecível como uma versão mais nova de Loretta Foxe. Parecia ter uns dez anos. O menino era mais velho, por volta da idade de Archie, e tinha que ser seu pai. Estavam parados na calçada em frente ao Pena & Tinta.

Archie devolveu a foto à caixa e pegou um dos livros. Era um velho caderno de recortes com alguns pedaços de jornal. Resolveu olhá-lo mais tarde. Outro livro se chamava *Grandes títulos mágicos: O bom, o mau e o feio*. Era uma relação dos mais famosos e infames livros mágicos já escritos.

Qual era mesmo o livro que Horácio havia mencionado? O *Opus Magus*. Archie o procurou no índice.

Opus Magus: Provavelmente o mais importante dos livros mágicos, o *Opus Magus* foi escrito durante a Era de Ouro da magia, por autor anônimo, e dizem que contém os segredos para escrever novos encantamentos. Como estava guardado na Biblioteca de Alexandria, acredita-se que o *Opus Magus* foi queimado no grande incêndio que destruiu a Biblioteca.

Archie passou os olhos pelo livro até que outra entrada chamou sua atenção.

Livro do Passado: Um antigo códex que contém a história da magia, incluindo muitos segredos do passado. Às vezes o *Livro do Passado* é considerado um dos Livros do Destino, mas estritamente falando ele não tem poder para prever o futuro. Mais precisamente, os segredos que ele revela a respeito do passado podem alterar o destino daqueles que o descobrem. O *Livro do Passado* pode ser consultado por meio de uma pergunta direta, embora suas revelações possam não parecer imediatamente relevantes. O livro nunca mente, mas possui um lado negro, o que o torna perigoso.

Archie pôs o livro de volta na caixa de sapatos. Notou um outro intitulado *Criaturas a evitar se você for uma pessoa nervosa*, de Timothy Tremble. Era cheio de descrições de criaturas mágicas, com desenhos de dragões, unicórnios e centauros, e alguma coisa chamada lobo-de-fogo – uma criatura parecida com um lobo que cuspia fogo como um dragão.

Archie estremeceu involuntariamente. A criatura parecia má. Ainda estava pensando nela quando adormeceu. Sonhou que um dragão o caçava e tentava botar fogo em seu livro.

Magia negra

No dia seguinte, Archie estava ao lado de Amora enquanto, um por um, os outros aprendizes chegavam para o encontro. Estavam em um salão nos fundos da Chokolateria Pena & Tinta, que costumava ser usado para os negócios do museu. Várias cadeiras foram dispostas em fileiras, diante de um palco com púlpito.

– Não consigo me lembrar de outro encontro como este, e olhe que já tivemos Insaciáveis em Oxford antes – disse Amora. – Os anciãos do museu devem estar preocupados.

Archie estava se sentindo inseguro. A maioria dos outros aprendizes era alguns anos mais velhos do que ele e pareciam muito mais confiantes. Um rapaz alto com idade por volta de quinze anos entrou no salão. Tinha cabelos escuros que escorregavam pelo rosto e ele os afastava dos olhos.

– Quem é este? – cochichou Archie. Amora sorriu e levantou as sobrancelhas de maneira apreciativa.

– É Rupert Trevallen – cochichou de volta. – Trabalha no departamento de Magia Natural, no zoológico de criaturas míticas.

– E aquela é Enid Drew, da Magia Sobrenatural – prosseguiu Amora, apontando para uma menina de óculos e cabelos pretos curtos.

De repente, ela cutucou suas costelas.

– Olhe só quem mais está aqui! Sua amiga Arabella Ripley!

Archie seguiu seu olhar e encontrou Arabella parada na porta com uma expressão entediada no rosto.

– Queria saber o que ela está fazendo aqui – comentou Amora. – Ah, olha! – exclamou. – Meredith está conversando com Rupert. Vou lá dar um alô. Já volto.

Atravessou o salão com uma expressão determinada. Archie viu quando ela beijou a bochecha da garota ruiva e lançou seu melhor sorriso para o menino alto, que ficou ruborizado.

Sem Amora a seu lado, Archie subitamente se sentiu em uma sala lotada de estranhos.

A única pessoa que ele conhecia vagamente era Arabella. Tentou fazer contato visual para ser gentil, mas ela o ignorou. Sentiu-se desajeitado. Já estava se questionando se seria melhor ficar parado ali ou juntar-se a Amora e seus amigos, quando a porta se abriu e um homem alto, com cabelo grisalho e bigode prateado entrou na sala.

Vestia um terno escuro com uma camisa engomada e gravata-borboleta cor-de-rosa. Debaixo de um dos braços carregava uma bengala com castão de prata. Archie o reconheceu pela pintura que o Velho Zeb havia lhe mostrado. O homem caminhou até o palco e bateu palmas para chamar a atenção de todos. Imediatamente, a sala ficou silenciosa.

– Aprendizes – disse em voz alta. – Como a maioria de vocês sabe, sou Vincent von Herring, diretor da Magia Mortal. Também sou presidente do Comitê de Livros Perigosos, e é nesta qualidade que convoquei este encontro. Fiz isso para a segurança de vocês e do museu.

“Mas, antes de começar, eu gostaria de apresentar dois novos aprendizes. Archie Greene juntou-se a nós como aprendiz de restaurador.”

Archie sentiu a face queimar quando todos os olhos viraram-se para olhá-lo. Vergonhosamente, ele não tinha o menor controle sobre seu rosto, que ganhara um brilhante tom rosado.

– Nossa segunda aprendiz é Arabella Ripley – prosseguiu o professor –, que ficará no departamento de Magia Sobrenatural como cuidadora de livros. O terceiro aprendiz não pôde comparecer por razões que serão esclarecidas.

Todos os olhares se voltaram para Arabella, que empinou a cabeça de modo imperial.

– *É por isso que ela está aqui!* – sussurrou Amora, que havia retornado para o lado de Archie. – Ela deve ter acabado de fazer doze anos. Aposto como seus pais mexeram os pauzinhos para colocá-la logo em aprendizagem. Ela ainda teria que passar pelo teste da Chama, naturalmente, mas todos os membros da sua família foram aprendizes, então isso está no sangue dela.

– Por favor, senhorita Foxe – reclamou o professor Von Herring, olhando para Amora. – Estamos tratando de um assunto de extrema importância aqui.

Fez uma pausa para se certificar de que tinha total atenção da plateia.

– Como alguns de vocês devem ter ouvido falar, o outro novo aprendiz foi atacado do lado de fora do Pena & Tinta, um garoto chamado Peter Quiggley. Felizmente, ele escapou sem maiores danos. Já está em casa e é previsto que se recupere completamente. Mas permaneceu em cativeiro por algumas horas e foi ameaçado por uma ou mais pessoas que julgavam que ele tinha informações a respeito do paradeiro de um livro mágico.

O silêncio pairou sobre a sala. O professor Von Herring tirou seus óculos do bolso e os acomodou sobre o nariz. As grossas lentes faziam seus olhos castanhos parecerem duas trutas nadando em tigelas de água.

– Também chegou à atenção do museu o fato do Sr. Geoffrey Screech, proprietário da livraria Trilha de White, estar desaparecido. O Sr. Screech não é visto desde segunda-

feira, o mesmo dia em que o senhor Quiggley foi atacado. Pode haver uma ligação entre os dois fatos. Se realmente houver, isso pode ser sinal da ação dos Insaciáveis em Oxford. E se for o caso, é quase certo que eles tenham a informação de que um livro mágico muito poderoso está por perto.

Cerca de cinquenta aprendizes estavam vidrados em cada palavra do professor Von Herring.

Ele olhou por cima de seus óculos com uma expressão solene.

– Há uma possibilidade... – fez uma pausa – de que este seja um dos Volumes Terríveis!

Todos prenderam a respiração ao mesmo tempo. Von Herring prosseguiu:

– Na qualidade de aprendizes é *vital* que vocês compreendam a seriedade desta ameaça. Existem sete Volumes Terríveis ao todo. Não vou nomear todos eles. No entanto, posso dizer que eles incluem o livro de magia negra de Hécate, a bruxa, conhecido como *O Grimório Sombrio*, e *O Nosferatu*, escrito por Vlad III, Príncipe da Valáquia, com o sangue de seus inimigos.

Fez uma pausa para obter um efeito dramático.

– Isso mesmo, o próprio Conde Drácula! E isso sem mencionar o pior de todos os livros de magia sobrenatural: o *Livro das Almas*, de Barzak.

Os aprendizes trocaram olhares nervosos.

– Quatro dos Volumes Terríveis estão atualmente trancados na cripta do museu, mas três ainda estão desaparecidos. Se um desses volumes extraviados cair nas mãos de um Insaciável, ele poderá destruir o museu e toda a magia aqui guardada.

Von Herring olhou ao redor da sala.

– Um menino já foi atacado. Se qualquer um de vocês tiver alguma informação a esse respeito, deve me comunicar imediatamente. Entenderam?

Todos os aprendizes assentiram.

– Bom. Agora, desejam fazer alguma pergunta?

Houve um momento de silêncio e então uma voz fez-se ouvir:

– Sim, professor. Como podemos reconhecer um desses Volumes Terríveis?

Archie virou a cabeça para ver quem havia feito a pergunta. Ficou surpreso ao constatar que fora Arabella Ripley.

– Esta é uma excelente questão, senhorita Ripley – disse Von Herring, com seus olhos de truta cravados na nova aprendiz. – Mas fico surpreso de a senhorita já não ter a resposta, com todas as relações que sua família possui!

Alguns poucos aprendizes deram nervosas risadas abafadas.

O professor Von Herring sorriu antipaticamente. Arabella pareceu furiosa.

– Qual é a piada? – cochichou Archie para Amora.

– É complicado. Conto mais tarde – Amora cochichou de volta.

Von Herring voltou a falar:

– A resposta à pergunta da senhorita Ripley é que, como seu avô descobriu, é quase impossível identificar um Volume Terrível em meio aos livros mágicos comuns que lotam as estantes do museu. De fato, uma das habilidades que os sete possuem é se disfarçarem de livros normais. Eles só baixam a guarda e momentaneamente revelam sua verdadeira natureza quando se sentem ameaçados. Mas tais momentos são muito raros e exigem um olho treinado para serem detectados. Também são resistentes à maioria das formas de segurança

mágica, então realmente precisam ser manuseados com muita cautela.

“Por isso é tão importante que vocês relatem qualquer livro ou comportamento suspeito. Fui claro?”

Livros perigosos

Quando saíram da sala, a cabeça de Archie estava zumbindo com tudo que tinha ouvido. À sua volta, os aprendizes conversavam entre si. Soavam como um enxame de abelhas excitadas. Todos saíram do salão dos fundos do Pena & Tinta.

Archie estava pensando no que Von Herring dissera a respeito de relatar qualquer coisa suspeita. Os livros da Trilha de White lhe disseram que algo estava roubando seu poder. Ele se perguntava se deveria contar aquilo a alguém. Mas teria que explicar que era um ouvinte de livros e duvidava que alguém fosse acreditar nele. Naquele momento, Amora agarrou seu braço.

– Aqui está você – disse ela. – Vamos tomar um chocolate quente e vou contar o que sei a respeito de Arthur Ripley.

Poucos minutos mais tarde estavam sentados em uma mesa com um chocodrink e dois canudos.

Amora falava em voz baixa para não ser ouvida pelas outras mesas:

– O avô de Arabella, Arthur Ripley, era diretor de Livros Perdidos. Ele convenceu os anciãos do museu a lhe concederem poderes especiais para rastrear os Volumes Terríveis. Mas acontece que ele queria usá-los em proveito próprio.

“Foi há cerca de doze anos. De alguma forma, Ripley conseguiu acesso à cripta e tentou se aproveitar dos quatro Volumes Terríveis que estavam ali guardados. Iniciou-se um incêndio. Ninguém sabe como começou, provavelmente foi por combustão mágica. Isso pode acontecer quando uma grande quantidade de magia é subitamente liberada.

Felizmente a cripta é encantada, então nenhum dos livros foi danificado. Mas o fogo se espalhou para outras partes do museu e destruiu alguns livros. De qualquer maneira, quando conseguiram apagar o incêndio, Ripley já havia se tornado cinzas. Não conseguiram nem sequer identificar seu corpo.”

– Isso é sinistro – comentou Archie.

– Sim, mas muita gente achou que ele mereceu – disse Amora. – Arthur Ripley tinha feito muitos inimigos. Depois disso, o Comitê de Livros Perigosos foi criado e Von Herring foi designado para investigar o que Ripley andava fazendo. Ele descobriu uma grande quantidade de livros que Ripley estava juntando para si.

Archie ia perguntar o que acontecera com a coleção de Ripley quando sua atenção voltou-se para um homem alto, conversando com o professor Von Herring no bar.

– Eu conheço aquele homem – cochichou para Amora.

Ela assentiu.

– Aquele é Aurelius Rusp. Queria saber o que ele está fazendo aqui.

Rusp passou por eles com o rosto moldado numa carranca de raiva. Os primos viram quando ele passou pelo raio de saída e saiu pela porta principal.

– Ele não é muito amigável – observou Archie.

– Rusp? Não, ele é famoso por sua antipatia. É mesmo um velho resmungão. Engraçado que o vejamos logo hoje, quando estávamos falando sobre Arthur Ripley, porque Rusp estava no museu na noite do incêndio. Foi ele que descobriu o que estava acontecendo e acionou o alarme. Se não fosse por Rusp, o lugar teria sido completamente queimado. – Ela fez uma pausa. – Ele ficou um pouco esquisito desde então. Muito intenso.

– Você acha que é por causa do incêndio?

– Sim, isso o afetou. Ele está sempre procurando livros. Tentando repor aqueles que foram destruídos... foi o que disse papai.

– Por que ele faria isso? – perguntou Archie. – Não parece que a culpa tenha sido dele ou coisa parecida.

Amora deu de ombros.

– Quem sabe? – disse. – Talvez ele se julgue responsável de alguma forma, ou sinta que deveria ter dito alguma coisa mais cedo. Mas há outros boatos também. Algumas pessoas dizem que ele tem ligações com os Insaciáveis.

O almanaque

Depois do incidente com os livros pula-fora, Archie achou que levaria um tempo até que permitissem que ele se aproximasse de qualquer livro mágico. Mas, dois dias depois, quando chegou à oficina de restauração, o Velho Zeb havia colocado dois volumes na bancada. Cada um deles tinha uma página marcada.

– Vamos lá – disse o velho restaurador –, as ordens dos anciãos são de acelerar seu treinamento. Com Insaciáveis por perto, eles querem que todos os aprendizes estejam prontos em caso de perigo. Hoje, você aprenderá sobre os diferentes tipos de livros mágicos.

Sua expressão austera logo se dissolveu em um sorriso meloso.

– Você vai gostar disso – acrescentou, com um brilho nos olhos. – Será divertido.

O velho tocou a ponta do nariz de Archie de um jeito afetuoso.

– Já que você gostou tanto deles, vamos começar com os puladores. Esses são livros encantados. Contêm feitiços que estão vinculados ao livro até que eles sejam abertos. Então, preparados ou não, eles pulam das páginas!

“Existem dois tipos: pula-e-volta e pula-fora. Nos pula-e-volta, o feitiço pula, mas permanece no livro de onde veio. Claro que, uma vez que tenham sido liberados, os feitiços podem dar um trabalho danado para serem recolhidos, mas, no fim das contas, eles não podem simplesmente sair por aí. Então, vamos ver um pula-e-volta em ação.”

Ele apontou para o primeiro livro, que tinha uma capa verde-escura e era intitulado *O pássaro dodô e outros animais extintos*.

– Vamos lá – apressou o restaurador –, abra-o!

Ouviu-se o som alto de alguma coisa espocando e apareceu na oficina um grande, peludo e assustado mamute, ainda mastigando um bocado de capim. Tinha presas compridas e amareladas e uma expressão interrogativa no rosto. Seus pequenos olhos observavam Archie atentamente de cima a baixo.

– Um pula-e-volta não tem ideia de que é só um encantamento temporário, então ele pensa e age como um animal ou uma pessoa de verdade. Neste caso, um mamute – explicou o Velho Zeb. – Isso torna os pula-e-volta muito realistas, mas potencialmente perigosos, porque, uma vez libertados, eles não querem retornar aos livros. É por isso que foram criadas as garrafas catapulo. Elas mantêm as aparições em segurança até que se *ezaporem*, o que significa que o encantamento expirou ou que elas retornaram ao livro por vontade própria. Espero que não tenhamos atrapalhado seu café da manhã – disse o velho ao mamute. Ele piscou para Archie, tirou uma maçã de dentro de seu bolso e a ofereceu ao atordoado animal. Em seguida, pegou uma garrafa de catapulo e removeu sua rolha para liberar a fumaça branca, que imediatamente envolveu o mamute. Quando a fumaça foi sugada pelo frasco de vidro, a criatura desapareceu em meio a outro alto som de explosão.

O Velho Zeb entregou a garrafinha a Archie.

– Coloque-a junto daquela do outro dia – pediu. – Não é grande coisa como sistema de engarrafamento – acrescentou com uma careta –, mas é o que temos!

Archie colocou o frasco de mamute na mesma prateleira onde já estava Sir Bodwin.

– Agora, vamos aos pula-fora. Os personagens dos pula-fora não estão diretamente ligados ao livro, então eles podem sair pelo mundo. São encantamentos livres, o que pode nos trazer problemas se escaparem. Então, vejamos um pula-fora em ação.

O Velho Zeb apontou para o segundo livro. Archie o abriu e houve outro sonoro estalo. Desta vez, uma coisa azul flutuou para fora das páginas.

– Veja este lindo dragão voador – disse o Velho Zeb com brilho nos olhos.

Archie olhou para a pequena criatura azul que acabara de pousar em uma prateleira e olhava para ele. Chocado, percebeu que era uma miniatura perfeita de um dragão, com cerca de doze centímetros, completa com pequenas garras e asas de couro. Naquele momento, ele abriu suas pequenas mandíbulas e lançou um jato de fogo pelas narinas.

– Este não é um dragão voador comum, é?

– Não – riu o velho restaurador. – Ele é chamado de dragão crepitante, e pode lhe causar uma queimadura desagradável se você estiver desprevenido.

Levantou a capa do livro, que se chamava *Miniaturas Mágicas*.

– Há todo tipo de pequenas criaturas desagradáveis aqui dentro.

O dragão crepitante abriu as asas e projetou-se no ar. Deu uma volta completa pela oficina e então tentou bombardear Archie, que se abaixou a tempo. Em seguida, disparou um ataque na direção do Velho Zeb, que se esquivou na hora certa enquanto o banco no qual estava sentado era chamuscado. Depois disso, voou pela porta aberta e desapareceu no corredor.

– Não deveríamos tentar pegá-lo? – perguntou Archie.

– Não acho que causará muita confusão – disse o Velho Zeb. – Eles duram apenas alguns poucos minutos e não conseguem passar pela cortina, porque ela é encantada.

Naquele momento, ouviram um guincho vindo do andar de cima.

– Meu caro, parece que Marjorie encontrou o dragão crepitante – disse o Velho Zeb.

Archie sorriu.

– É mais provável que o dragão a tenha encontrado!

O velho restaurador fez uma careta como a de um menino de escola.

– Oh céus, oh céus – exclamou, mas não parecia nem um pouco preocupado. – Que outros tipos de livros mágicos você conhece? – perguntou a Archie.

Archie tentou se lembrar do que Amora havia lhe contado.

– Bem, há os livros para ilustrar – disse.

– Sim – concordou o Velho Zeb. – Também são bem traiçoeiros. Tecnicamente falando, são como portais mágicos, entradas que podem puxar você para um outro mundo, por isso não vou lhe oferecer um exemplo concreto. É muito perigoso.

*

Mais tarde naquela manhã, Archie estava terminando de costurar uma folha solta em um livro de receitas mágicas chamado *A culinária do caldeirão: Banquetes acompanhados de explosões* quando o Velho Zeb bocejou e espreguiçou-se.

– Vamos fazer mais um, e já é suficiente por hoje. Passe para mim aquele almanaque antigo. Ele já deveria ter sido feito há alguns dias, mas com Geoffrey ainda ausente, tudo anda meio confuso.

Archie reconheceu o almanaque dos Ripley. O velho restaurador examinou sua capa de couro através de uma lente de aumento.

– *Almanaque da família dos alquimistas* – bufou. – É de 1603, mais de quatrocentos anos de idade.

Archie refletiu a respeito do seu livro. Horácio dissera que ele também tinha mais de quatrocentos anos. Talvez existisse uma ligação entre os dois.

– Humm... esta capa não é comum – murmurou o Velho Zeb. – É feita de algum tipo de pele de lagarto. Se eu não estiver enganado, é camaleão. Não se vê isso por aí. Muito interessante. Seria este o motivo de ter vindo acompanhado de uma Recomendação Especial? Também dá para ver que a lombada está torta. Vamos ter que ver isso com cuidado.

O velho restaurador colocou o livro na prensa. Girou uma grande manivela, como se fosse a porca de um parafuso, até que as garras de madeira da prensa se fechassem sobre o livro. Assim que ficou pronto, Archie ouviu um grito.

– Socorro! Por favor, me ajudem! O velho é cruel, ele vai me matar! Nãããão!

Archie tapou os ouvidos com as mãos e tentou bloquear os gritos e lamentos. O Velho Zeb girou mais uma vez a manivela e os gritos pararam. Archie sentiu um misto de tristeza e alívio.

O Velho Zeb olhou para ele.

– Qual é o problema?

– O senhor não ouviu isso? – perguntou Archie, chocado.

– Ouvi o quê?

Archie deu uma olhada de esguelha para o Velho Zeb, mas o homem parecia imóvel. Se tivesse ouvido os gritos, não

demonstrava nada. Então, o que os livros lhe disseram era verdade: ninguém mais podia ouvir suas vozes.

O Velho Zeb soltou o almanaque. Para grande alívio de Archie, o livro ficou em silêncio.

O velho entregou o almanaque para Archie.

– Vá e pergunte a Marjorie se sabemos mais alguma coisa sobre a história dele. – Fez uma pausa e acrescentou: – Mas traga o livro de volta diretamente para mim. Isso é muito importante. Não o deixe fora de sua vista. E lembre-se...

– Eu sei – completou Archie –, terceira porta à direita.

*

A cabeça de Archie ainda estava a mil enquanto ele subia as escadas. O que era o estranho dom que ele possuía? O que esperavam que ele fizesse com isso? Deu uma espiada pela cortina de veludo. Não havia ninguém na livraria a não ser Marjorie.

– O almanaque que você pediu para o Velho Zeb olhar – disse ele, com o livro nas mãos. – Sabemos alguma coisa sobre sua história?

Marjorie deu uma espiada no livro em suas mãos.

– Não – respondeu. – Tudo que sabemos é que veio da família Ripley. Mas lembre ao Velho Zeb que isso é urgente. Com os Insaciáveis soltos por aí não podemos dar bobeira. Os outros novos livros que chegaram estão aqui – acrescentou, indicando a caixa de papelão onde Archie havia colocado seu livro –, mas eles podem esperar.

Naquele momento o sino soou anunciando a chegada de um cliente.

– Pois não? – disse Marjorie. – Em que posso ajudá-lo?

Archie encarou o almanaque em suas mãos. Será que Marjorie havia suspeitado que era o que os Insaciáveis

estavam à procura? Por que ele era tão urgente? E, se aquele almanaque estava em perigo, será que seu livro também não estaria?

Archie olhou de relance para a estante. Já fazia alguns dias que não ouvia nenhum livro falando nada. *O pequeno livro das bênçãos* dissera que um ouvinte de livros podia conversar com livros mágicos. Talvez o almanaque pudesse lhe dizer o que estava acontecendo. Era o caso de tentar.

– Alô – sussurrou. – Você consegue me escutar?

Silêncio.

Tentou mais uma vez.

– Está tudo bem com você?

Nada ainda. Balançou a cabeça. Devia estar doido, pensou, tentando falar com um livro. Fez seu caminho de volta pela escada. Quando chegou ao corredor sombrio com piso de pedra, escutou uma voz.

– Então é *você* o ouvinte de livros? – disse. – Muito interessante.

Archie perscrutou a escuridão.

– Quem está aí? – gritou, sua voz falhando. – Quem é você?

– Foi você que começou a conversa – disse a voz. Vinha do almanaque.

Archie sentiu seus cabelos da nuca se arrepiarem.

– Que tipo de livro é você? – perguntou, subitamente alarmado.

– Meu último mestre quis que eu fosse um almanaque – respondeu a voz, com um tom malicioso. – Mas posso ser qualquer tipo de livro que você quiser. O que deseja?

Archie foi pego de surpresa.

– Er... não sei – murmurou. – Só achei que você pudesse precisar ser protegido dos Insaciáveis...

– Que perspicaz da sua parte! – exclamou o livro. – Mas não são apenas os Insaciáveis, o velho restaurador também não é confiável. Ele me machucou. Não tinha necessidade de me colocar naquela prensa. Ele é cruel. Trabalha para os Insaciáveis.

– O Velho Zeb? – disse Archie. – Com certeza não.

– O velho não é o que parece – alertou o almanaque. – Há um segredo que ele não quer que você descubra. Está atrás da segunda porta.

– Você está enganado – disse Archie.

– Se não acredita em mim, veja com seus próprios olhos.

– Ele me avisou para não abrir as outras portas – disse Archie.

– Exatamente, e por que você acha que ele fez isso? – escarneceu o almanaque.

– Ele só quer me proteger. Não é seguro – retrucou Archie. Ele não queria acreditar no que o almanaque insinuava. Mas uma semente de dúvida fora plantada em sua mente.

O almanaque pareceu sentir sua inquietação.

– Faça como quiser – disse. – Mas depois não venha dizer que não avisei!

Archie parou diante da porta azul. Era a mesma porta atrás da qual havia escutado vozes esquisitas. Percebeu uma coisa inusitada sobre a porta, algo que estava faltando. Foi quando se deu conta de que a porta não tinha maçaneta. Já andava curioso para saber o que tinha por trás dela, e agora tinha ficado ainda mais intrigado. Sabia que precisava retornar à oficina de restauração, mas hesitou.

Tanto Marjorie quanto o Velho Zeb haviam alertado que ele não abrisse nenhuma das portas, exceto a da oficina de restauração. Agora que pensava no assunto, lhe parecia suspeito. O que era guardado ali que não podia ser visto por ele? Já estava a ponto de voltar a caminhar quando ouviu o som de um ronco, como gelo se movendo.

Archie encostou o ouvido na porta e ficou ouvindo.

– Eu avisei que o homem tinha um segredo – disse o almanaque.

– Mas o que é que tem aí dentro? – perguntou Archie, ainda inseguro a respeito do livro.

– Por que não olha e tira suas próprias conclusões?

– Mas como vou abrir a porta? – perguntou. – Não tem maçaneta!

– Você vai deixar um detalhe como esse barrar seu caminho? – perguntou o almanaque. – Você é um ouvinte de livros! A resposta está na sua frente, você só precisa encostar nela.

Archie encarou a porta novamente. Do que o almanaque estava falando? Não havia nenhuma maçaneta mesmo. A não ser...

Ele estendeu a mão, tocou onde deveria estar a maçaneta e, para sua surpresa, seus dedos encontraram uma coisa sólida. Fechou a mão em torno dela. Havia mesmo uma maçaneta! Só era invisível. O almanaque estava certo, a resposta estava diante dele. E se o livro tinha razão a respeito daquilo, será que também não estaria dizendo a verdade sobre o Velho Zeb?

Cuidadosamente, começou a girar a maçaneta. Muito, muito lentamente, foi fazendo força. A porta se abriu com um rangido.

Atrás da porta azul

Uma rajada de ar frio atingiu o rosto de Archie, fazendo-o ofegar. Empurrou a porta mais um pouquinho. Alguma coisa brilhava no chão, como uma miríade de pequenos diamantes refletindo a luz. Gelo. O chão estava coberto de gelo.

Neste lado da porta, o ar estava congelando. Ele podia senti-lo atingindo seus pulmões e via sua respiração como névoa em sua frente. Longas estalactites pendiam do teto, e ouvia-se água pingando em algum lugar perto dali.

Archie esgueirou-se pela abertura apertada. Seus sapatos faziam um som crocante enquanto percorriam o chão coberto de gelo. Não tinha dado ainda dez passos quando se acendeu uma luz cor de âmbar. Archie parou onde estava. Com um choque, percebeu que não era uma lâmpada, mas um enorme olho que acabara de se abrir. Alguma coisa o olhava de dentro da escuridão.

O coração de Archie disparou em seu peito e suas pernas cambalearam. Então, ele ouviu o rugido profundo de alguma terrível criatura. Archie sentiu o almanaque estremecendo em sua mão.

– Corra por sua vida! – guinchou ele. – A fera está vindo.

Archie virou-se e deu no pé. Felizmente, a porta ainda estava entreaberta e ele pôde ver um raio de luz. Mas, enquanto corria naquela direção, escorregou e caiu, deslizando de barriga sobre o piso gelado.

O almanaque voou de sua mão e patinou pelo chão até o lado de fora da porta aberta. A luz era fraca, mas Archie pensou ter visto algo se mexendo sobre o livro. Era como se fossem vermes negros se contorcendo por toda a capa. Quando

olhou novamente, já não havia mais nada. Ouviu o rugido atrás de si.

Convencido de que a fera havia se levantado e estava em seu encalço, pôs-se de pé e disparou para a porta. Torceu o corpo de lado e esgueirou-se pela brecha. A porta bateu com força atrás dele.

Archie descansou as mãos nos joelhos enquanto recobrava o fôlego. Quando sua respiração começou a voltar ao normal, ele estremeceu. Suas roupas estavam cobertas com uma fina camada de geada brilhante como um gramado em uma manhã de inverno.

Que tipo de criatura estaria o Velho Zeb guardando ali? Os anciãos do museu sabiam disso?

Olhou para o almanaque no chão a seus pés. Sua capa estava imóvel e intacta. O que ele pensava que tinha visto deveria ter sido um engano causado pela luz.

– O que era aquela coisa? – perguntou. Mas o livro ficou em silêncio.

*

Quando retornou ao número trinta e dois da Houndstooth Road naquela tarde, Archie mal podia esperar para contar a respeito da fera atrás da porta azul para Amora e Cardo.

– O que vocês acham que ele é? – perguntou, depois de relatar sua breve visita.

– Decididamente é uma fera mágica – disse Amora. – Imagino que possa ser um pula-fora qualquer que tenha escapado do criatório.

– Criatório? – perguntou Archie, que já tinha ouvido a palavra anteriormente. – O que é isso?

– O criatório mítico é o que sobrou da coleção de criaturas mágicas de Alexandre, o Grande – explicou Amora. – Existem

uma ou duas criaturas verdadeiras, mas atualmente a maioria é de pula-fora. Foi provavelmente o que você viu.

– É possível, mas um pula-fora teria *ezaporado* e me pareceu que aquele estava lá há um tempo – disse Archie.

– Mas por que o Velho Zeb guardaria uma fera mágica debaixo da Trilha de White? – indagou Cardo. – Isso não faz nenhum sentido.

– A não ser que ele esteja trabalhando para os Insaciáveis – disse Archie, tenebrosamente. – Ele insistiu muito para que eu levasse o almanaque diretamente para ele. Fico me perguntando se não pretende entregá-lo a eles.

– Isso é ridículo – disse Amora, mas ela não parecia completamente segura. – E, de qualquer maneira, o que isso teria a ver com a fera atrás da porta azul?

– Não sei – admitiu Archie. – Mas deve ser contra os Mandamentos prender criaturas mágicas. E tem mais: tive a impressão de que a fera protegia alguma coisa.

– Por que diz isso? – perguntou Amora.

Archie balançou a cabeça.

– Não sei. É só um palpite. De qualquer modo, seja lá o que for a criatura, estava adormecida quando entrei e a perturbei.

– Mas que diabos deu em você para abrir aquela porta? – questionou Cardo.

Archie deu de ombros. Não podia contar a eles que a ideia fora do almanaque e nem que ele havia plantado a dúvida em sua cabeça a respeito do restaurador. Ainda não sabia como seus primos reagiriam ao segredo da escuta dos livros.

– Só fiquei curioso – disse.

– Você é doido! – declarou Cardo. – Doido varrido!

Por um lado, Archie estava intimamente satisfeito com o fato de os primos o considerarem ousado e meio maluco. Mas, mesmo assim, não contou a eles nada a respeito de sua estranha conversa com os livros. Uma coisa era ser considerado meio maluco – outra era ser completamente delirante.

– Vou pesquisar no museu – ofereceu Amora. – Ver se consigo descobrir o que isso é. Especialmente com você trabalhando tão perto dele, Archie!

Então, agora existiam dois mistérios em suas mãos: decifrar a charada e descobrir que tipo de criatura o Velho Zeb estava guardando debaixo da Trilha de White.

– De qualquer modo, seja lá o que for, você teve sorte de não ter sido comido ou coisa pior! – exclamou Cardo.

– Imagino que sim – concordou Archie, se perguntando o que poderia ser pior do que ser devorado.

O especialista em dragões

Poucos dias mais tarde, as coisas ganharam um tom mais sinistro. Sem conseguir nenhum progresso na identificação do monstro, Amora estava agora dedicando seu tempo e energia para solucionar o enigma do pergaminho. Como ela estudava no próprio museu, não parecia suspeito que ficasse lá até mais tarde pesquisando. Naquela tarde, Archie esperou por ela para tomar um chocolate quente no Pena & Tinta. Quando saíram, já estava escurecendo.

– Perguntei a vários aprendizes se eles tinham alguma ideia do que você viu atrás da porta azul – disse Amora. – Meredith Merrydance acha que parece um dragão.

– Não, não acho que seja um dragão – disse Archie, surpreso ao se ver dizendo tal tipo de coisa. – Não parecia ter cheiro de dragão.

Amora arqueou as sobrancelhas.

– E qual é exatamente o cheiro de um dragão? – perguntou.

– Na verdade, não sei – admitiu Archie. – Mas acho que seria mais fedorento. Além disso, dragões respiram fogo e estava muito frio.

– Então agora você é uma espécie de especialista em dragões! – exclamou Amora. – Não há limite para seus talentos?

– Muito engraçado – disse Archie. – Mas estou falando sério.

Ele contou a respeito da cópia de *Criaturas a evitar se você for uma pessoa nervosa*.

– Tinha uma porção de dragões lá, seus olhos eram cruéis e ardilosos. Mas a criatura que eu vi tinha olhos cor de âmbar.

– Então ainda não sabemos o que é – suspirou Amora. – E não consigo ver pé nem cabeça na charada. Falei com Enid Drew, ela é genial com linguagens mágicas. Não tão rápida quanto você, claro, Arch – implicou ela. – De qualquer modo, Enid disse que a escrita enoquiana era popular entre os mágicos nos séculos XVI e XVII, mas ninguém a usa mais porque é muito difícil.

– Ainda não temos muitas pistas – disse Archie enquanto subiam os degraus para o pequeno pátio perto da Trilha de White. – Apenas o símbolo misterioso no fecho do livro, igual ao que está no pergaminho. Se pelo menos soubéssemos quem enviou o livro e a charada, e se foi a mesma pessoa...

– Aposto que podemos encontrar o símbolo se pesquisarmos no museu! – exclamou Amora com os olhos brilhando na escuridão.

– Mó, você já está trabalhando até tarde toda noite para decifrar a charada. Se alguém tem que tentar encontrar o símbolo, esse alguém sou eu.

– Eu consigo – afirmou ela.

Archie espiou-a de canto de olho. Parecia cansada. Sua prima tinha mais energia e entusiasmo do que qualquer pessoa que ele já tivesse conhecido, mas as últimas noites estavam pesando. Archie deixou-a caminhar alguns passos à frente.

– Então, o que você acha? – perguntou Amora despreocupadamente por sobre o ombro. – Quer dizer, sobre encontrar o símbolo?

Archie não respondeu. Estava muito quieto.

– Arch?

– Shhhhh – sussurrou ele. – Acho que há mais alguém aqui.

Houve um movimento nas sombras e uma figura escura lançou-se sobre ele, agarrando seu pulso. Archie tentou soltar-se, mas seu agressor segurou-o com força.

– Onde está o livro? – sibilou em sua orelha. – Dê para mim se quiser que seus primos continuem vivos!

– Que livro? – gaguejou Archie.

– Não brinque comigo, Archie Greene. Você sabe muito bem. Você não faz ideia de com quem está lidando!

– Não tenho livro nenhum.

– Mas já teve! – acusou a voz. – Onde ele está agora?

Seu agressor afrouxou seu pulso por um segundo. Archie aproveitou a chance e deu um puxão para liberar seu braço.

– Corra, Amora, corra!

O assaltante atirou-se novamente sobre ele e agarrou seu casaco. Naquele momento, uma porta se abriu no pátio e alguém subiu os degraus com uma tocha.

– Ei, o que está acontecendo aí? – Archie reconheceu a voz de Pink. Ela deve ter ouvido o barulho de dentro do Pena & Tinta.

A figura escura jogou Archie no chão e desapareceu nas sombras.

Amora correu para seu lado.

– Você está bem? – perguntou.

– Sim, mas vamos sair daqui antes que ele volte.

*

– Então, quem atacou você? – perguntou Cardo quando já estavam em segurança na Houndstooth Road.

– Não sei – disse Archie, balançando a cabeça. – Foi tudo muito rápido. – Os três primos estavam sentados em volta da

mesa da cozinha. A casa estava às escuras, exceto por um par de velas. Loretta já tinha ido para a cama. Nenhuma das crianças percebeu que a porta de serviço estava ligeiramente aberta.

– Seja lá quem for, estava atrás do livro – prosseguiu Archie.

– Mas qual livro? – perguntou Amora. – O seu ou o almanaque?

– Boa pergunta. Achei que era o almanaque, mas agora fiquei na dúvida.

– Mas quem iria querer o seu livro? – indagou Cardo.

– Insaciáveis – rosnou uma voz baixa que os fez dar um pulo. A cabeça do Videira apareceu na porta de serviço. – Insaciáveis – disse novamente, com um tom de voz soturno. – São eles.

Videira surgiu na cozinha. Sentou-se pesadamente em uma das cadeiras.

– Levou um susto então, rapaz? – disse a Archie.

Archie assentiu. O tio era uma presença reconfortante. Videira coçou o queixo.

– Alguma coisa está errada – murmurou. – Geoffrey Screech ainda está desaparecido?

– Sim – respondeu Archie. – Marjorie está realmente preocupada com ele. Começou até a dormir na livraria.

Videira balançou a cabeça, pensativo.

– Preocupada com os Insaciáveis, imagino. Sua tia Loretta não consegue dormir direito desde que soube que o menino foi atacado. Talvez seja melhor não falarmos com ela nada do que aconteceu hoje. Guardem a história com vocês por enquanto. Certamente são os Insaciáveis que estão por trás disso. O problema é que não se sabe quem está trabalhando com eles.

Videira voltou a coçar o queixo.

– Humm – resmungou. – Uma coisa é certa, este livro não está seguro onde está.

Excursão à meia-noite

Mais tarde, quando os dois meninos estavam se preparando para dormir, a cabeça de Archie ainda estava a mil. Videira dissera que seu agressor devia ser um Insaciável, mas Archie se perguntava como o sujeito havia tomado conhecimento do livro. Talvez ele tenha escutado sua conversa com Amora no Pena & Tinta. Era um aviso para que passassem a ser mais cuidadosos.

Videira tinha dito que alguma coisa estava errada. Será que ele suspeitava de alguém de dentro do museu? Archie pensou no que o almanaque havia falado a respeito do Velho Zeb. Se o velho restaurador trabalhava para os Insaciáveis, então nenhum dos livros da livraria estava em segurança. Quanto mais Archie pensava em seu livro colocado numa caixa à vista de todos, mais ficava preocupado.

O livro deve ter sido enviado pela mesma pessoa que enviou a charada, pensou. Horácio Catchpole dissera que foi um mago. Mas por que um mago teria enviado um livro para ele? Como ele poderia saber que Archie nasceria dali a quatrocentos anos? O que haveria de especial nele? E, então, ele teve um pensamento repentino. E se o mago tivesse lhe mandado o livro porque só um ouvinte de livros seria capaz de protegê-lo?

– Psiu, Cardo – sussurrou. – Acorde. Temos que pegar meu livro.

– Claro, claro – disse Cardo com a voz grogue. – Vai ser a primeira coisa que faremos amanhã.

– Não – cochichou Archie. – Tenho que ir buscá-lo agora.

Cardo sentou-se e esfregou os olhos para espantar o sono.

– Você quer dizer agora mesmo?

Archie assentiu. Cardo deu um sorrisinho.

– Uma invasão na Trilha de White à meia-noite! – sussurrou. – Maravilha. Vamos acordar Amora?

– Não – disse Archie. – Ela tem trabalhado até tarde no museu. Precisa descansar um pouco. Além do mais, podemos dar conta disso sozinhos.

*

Já passava da meia-noite quando Archie e Cardo saíram do número trinta e dois da Houndstooth Road. As ruas de Oxford se transformavam à noite. Os velhos edifícios de arenito surgiam em tons de sépia como fotografias antigas. Em cada curva se escondiam misteriosos poços de escuridão. Cuidadosamente, os dois meninos fizeram o trajeto pelas estreitas ruas de paralelepípedos.

A livraria estava mergulhada na escuridão. Uma única luz acesa no Pena & Tinta iluminava o pequeno pátio.

– Como é que vamos entrar? – sussurrou Cardo.

– Eu trouxe a chave – respondeu Archie, tirando-a do bolso. Tateou com a chave tentando encontrar a fechadura.

– Você sabe que o que estamos fazendo é contra os Mandamentos, não sabe? – questionou Cardo.

– Sei – respondeu Archie. Estava bem consciente disso. – Mas neste caso eu tenho que confiar no meu instinto.

Uma coruja piou ali perto.

– Anda logo! – apressou Cardo. – Alguém vai acabar nos vendo aqui.

Archie girou a chave e abriu a porta. O sino tocou com um alto barulho, fazendo os dois meninos pularem.

– Geoffrey, é você? – ouviram Marjorie resmungando durante o sono.

– Shhhh – cochichou Archie. – Eu tinha me esquecido de Marjorie. Ela começou a dormir na poltrona dos fundos da loja.

Permaneceram imóveis, esperando para ver se ela acordaria, e ficaram aliviados quando ouviram seu ronco sonoro.

Com muito cuidado, Archie fechou a porta às suas costas, deixando-a destravada para poderem escapar às pressas caso fosse preciso. Apagou a lanterna para que não incomodasse Marjorie.

A livraria ficava misteriosa na escuridão. Os corredores entre as estantes eram como becos escuros onde qualquer coisa ou qualquer um poderia estar à espreita. Tudo que Archie precisava fazer era encontrar o livro na caixa de papelão, o que não levaria mais de um minuto. Mas primeiro precisava encontrá-la.

– Fique aqui e vigie lá fora – sussurrou para Cardo. – Vou pegar o livro.

Archie foi arrastando os pés pela escuridão profunda com as mãos na frente do corpo para sentir o caminho. Passo a passo, foi se guiando na direção dos fundos da loja. Já estava no meio do caminho quando ouviu uma voz sussurrante.

– Quem está aí? – perguntou a voz por detrás da cortina. Archie a reconheceu como de *O pequeno livro das bênçãos*.

– Sou eu – murmurou. – Archie.

– Olá, Archie. Que bom que é você. – A voz parecia aliviada.

– Há dias não ouço nenhum dos outros livros falando – disse Archie, mantendo a voz baixa para que Cardo não o ouvisse. – Está tudo bem?

– Alguma coisa está roubando nossa magia, e seja lá o que for, está cada vez mais forte – disse. – Os outros livros estão assustados demais para falarem. – O livrinho parecia apavorado. – Mas, enfim, por que você está se esgueirando por aqui no meio da noite? Veio nos socorrer?

– Ahn... é uma longa história – disse Archie. – Vim buscar um livro que deixei aqui.

– Aquele livro! – disse *O pequeno livro das bênçãos*. – Sim, você deve levá-lo embora daqui. Não é seguro nenhum livro mágico ficar aqui.

De repente, Archie sentiu-se ansioso. Agora, a livraria lhe parecia cheia de ameaças. *O pequeno livro das bênçãos* ficou em silêncio.

Archie também silenciou e seguiu adiante. Sua mão encontrou a caixa de papelão. Acendeu a lanterna, direcionando o fecho de luz para baixo de modo a não acordar Marjorie, e vasculhou a caixa até encontrar o que procurava. Seus dedos se fecharam em torno do livro e ele sentiu uma onda de alívio.

– Achei! – murmurou, apagando a lanterna.

– Muito bem. Agora vamos dar o fora – Cardo murmurou de volta. – Acho que tem alguém lá fora nos espiando.

Archie passou os olhos pela livraria na escuridão. Podia ouvir o ressonar suave de Marjorie. Sentiu-se observado. Com a voz aflita, falou novamente com *O pequeno livro das bênçãos*.

– Quer que eu leve você também?

– Não – respondeu. – Vá logo! Rápido! Antes que seja tarde demais!

Archie hesitou por um instante.

– Obrigado pelo aviso – sussurrou na escuridão.

– Que as forças do Bem abençoem você, Archie Greene. Que você encontre o caminho que lhe foi traçado.

Cardo estava olhando ansiosamente para o pátio em frente ao Pena & Tinta.

– Vamos logo – sussurrou, e eles mergulharam na noite.

*

Quando retornaram ao número trinta e dois da Houndstooth Road, não resistiram e acordaram Amora para contar o que haviam feito.

– Vocês deviam ter me chamado – disse ela mal-humorada.
– Não sei por que deveriam ficar com toda a diversão só para vocês.

– Shhh, fale baixo, Mó – cochichou Cardo. – Vai acordar nossos pais.

– A culpa foi minha – confessou Archie. – Achei que você precisava descansar depois de todas as pesquisas que tem feito.

Archie colocou o livro sobre a cama. Parecia ainda mais misterioso sob a luz da tocha.

– Você tinha razão, Archie – assumiu Amora, examinando o fecho de prata. – É o mesmo símbolo do pergaminho. Pelo jeito desta queimadura eu diria que ele também esteve em um incêndio. Talvez tenha sido na Biblioteca de Alexandria.

– Então ele pode ser tanto do bem quanto do mal? – perguntou Cardo.

– Sim – disse Amora, pensativa. – Considerando o texto da capa, ele está em escrita enoquiana, a linguagem dos anjos.

– E anjos são bons, certo? – disse Cardo.

– Bem, sim – refletiu Amora. – Acho que sim. Mas é estranho que você consiga compreendê-la, Archie.

Archie ficou pouco à vontade.

– Foi por acaso – desconversou. – Quer dizer, como eu poderia compreender uma linguagem mágica que nunca tinha visto antes? Além disso, tentei ler o livro assim que o recebi e não consegui, então por que conseguiria ler o pergaminho?

– Sei lá – disse Cardo. – Não é como se o livro pudesse nos dizer.

Archie sentiu o sangue fugir de seu rosto. Cardo estava certo: normalmente, um livro não podia falar, nem mesmo um livro mágico – a não ser que você fosse um ouvinte de livros! Archie sentiu-se muito mal.

Seus pensamentos foram interrompidos por Cardo.

– Como se abre essa porcaria de fecho? – perguntou frustrado.

– Gire-o como um disco – respondeu Archie sem pensar.

– Bem, já tentei – disse Cardo. – Deve ter algum truque especial para abri-lo.

– Acho que não – ponderou Archie. – Só girei e ele se abriu.

– Está bem, ele é todo seu – disse Cardo, entregando o livro a Archie.

Archie girou o fecho como fizera da primeira vez. A imagem de um raio apareceu na pequena janela, mas ele não se abriu. Tentou novamente. Desta vez surgiu o ícone de uma caveira sorridente, mas também não funcionou. Rodou o fecho pela terceira vez e apareceu a bola de cristal. Agora Archie sabia que eles representavam diferentes tipos de magia.

– Só mais um instante... – disse e puxou o fecho. Mas de nada adiantou. – Isso é realmente esquisito – declarou, com a voz frustrada. – Da outra vez, o fecho se abriu.

Ouviram passos no primeiro andar.

– Oh, não – disse Cardo. – Rápido, escondam o livro!

Archie conseguiu jogá-lo para baixo do travesseiro a tempo. A porta se abriu e o quarto se iluminou.

– Mas o que vocês estão fazendo acordados a uma hora dessas? – perguntou Loretta. – Já não é suficientemente ruim que estejamos sob ameaça dos Insaciáveis sem que vocês virem a noite?

De repente, ela desabou em lágrimas. Videira apareceu ao seu lado e encostou uma das mãos em seu braço de maneira reconfortante.

– Está tudo bem, Loretta – disse ele. – Os anciãos do museu não permitirão que os Insaciáveis ponham as mãos em nenhum livro mágico.

– Mas e aquele pobre menino, Peter Quiggley? – choramingou Loretta. – A que ponto iremos chegar se nem os aprendizes estão seguros para continuarem seus estudos?

Archie se perguntou se o tio havia contado para Loretta sobre o ataque sofrido por ele do lado de fora do Pena & Tinta. Mas Videira encostou o dedo nos lábios para indicar que sua boca permanecera fechada. Loretta enxugou os olhos.

– Bem, sei que você tem razão – fungou. – Mas é tão perturbador. Se os Insaciáveis conseguirem se apossar de um dos Volumes Terríveis... É melhor nem pensar nisso.

Enxugou seus olhos novamente. Em seguida, recuperou alguma compostura e voltou-se para as crianças.

– Vocês três. Cama. Agora!

Notícias de uma invasão

Na manhã seguinte, Archie e Amora caminharam por Oxford, como sempre faziam. Tinham acabado de virar nas estreitas ruas de paralelepípedos que conduziam à Trilha de White quando um carro de polícia passou por eles.

– Encontro você mais tarde no Pena & Tinta – Archie começou a falar quando chegaram ao pátio fechado, mas sua voz foi interrompida pelo som da sirene. Amora estava olhando para o chão.

– O que é isso? – indagou.

– Parece vidro quebrado – respondeu Archie.

– Aham – concordou Amora, espiando por cima do ombro dele. – E não é tudo. Olhe ali!

– Ah, não! – exclamou Archie. – A Trilha de White foi invadida!

A área em torno da livraria estava cercada com uma fita amarela fluorescente. A vitrine tinha sido estilhaçada.

Amora deu uma olhada para Archie.

– Você e Cardo vieram na hora certa – suspirou. Archie concordou com um ar estarrecido.

Foram caminhando sobre os cacos de vidro e espiaram pela porta da livraria. Várias estantes tinham sido quebradas e havia livros jogados por todo o chão, com as lombadas partidas. O letreiro estava caído no piso em meio à bagunça.

O som de alguém soluçando baixinho vinha dos fundos da loja. Os primos abriram caminho entre os destroços e espiaram pela cortina.

Sentada em uma poltrona, Marjorie apoiava a cabeça com as mãos. Seu rosto estava inchado e as lágrimas haviam deixado seus olhos vermelhos. O cabelo, que nunca fora exatamente arrumado, mostrava grandes pontas espetadas para cima. Em outras circunstâncias seria até engraçado, mas Archie e Amora eram gentis demais para rir.

O Velho Zeb tentava confortá-la. Archie sentiu-se aliviado ao constatar que a estante com *O pequeno livro das bênçãos* e outros livros mágicos permanecia de pé.

– Marjorie, querida, você passou por um susto terrível – tranquilizava o Velho Zeb. – Tome uma xícara de chá, vai se sentir melhor.

– O... o... brigada! – gaguejou Marjorie, as mãos trêmulas segurando a xícara no pires e entornando quase tudo. – Meus p... p... pobres nervos! Realmente acho que não aguento mais.

Naquele momento, ela vislumbrou as crianças através da cortina.

– São eles! São os Insaciáveis que voltaram para acabar comigo! – gritou.

– Desculpe – disse Archie. – Não queríamos assustá-la. Vimos a livraria e entramos para ver se você estava bem.

O Velho Zeb pousou a mão no braço de Marjorie.

– Calma, calma, minha cara – disse gentilmente. – Não fique agitada novamente. Você está segura agora.

– O que aconteceu? – perguntou Amora.

O Velho Zeb respondeu:

– Marjorie estava dormindo na poltrona quando alguém invadiu a livraria. Eles se esgueiraram até aqui e a amarraram enquanto dormia.

Marjorie assoou o nariz com um lenço.

– Acordei e ali estava ele! – disse ela, assustada.

– Ele quem? – perguntou Amora.

– Ele! – gritou Marjorie. – O Insaciável!

– Você conseguiu vê-lo? – perguntou Amora.

Marjorie balançou a cabeça.

– Não. Estava escuro e ele usava uma capa! Ficou perguntando a respeito de um livro. – Ela começou a chorar melancolicamente. – Onde estava o livro especial? Onde estava o livro que o Sr. Screech estava esperando?

Amora e Archie trocaram olhares enquanto ela continuava:

– Ainda bem que o almanaque estava na oficina de restauração, porque ali o Insaciável não conseguiria encontrá-lo. Outra coisa que eu percebi foi a presença do Dr. Rusp. Os céus sabem que ele não é exatamente o meu preferido, mas nunca fiquei tão feliz em vê-lo!

– Rusp estava passando em frente à livraria e viu a vitrine quebrada – explicou o Velho Zeb. – Ele deve ter espantado os Insaciáveis. Ainda bem que o fez.

– A que horas foi isso? – perguntou Amora.

– Deve ter sido logo depois da uma – disse Marjorie. – Ouvi o relógio bater.

– Hora esquisita para alguém estar na rua – sugeriu Amora.

– Suponho que sim – concordou o Velho Zeb. – Mas esse Rusp é mesmo um cara estranho.

– Os Insaciáveis levaram alguma coisa? – perguntou Archie.

– Até onde a gente tenha visto, não – disse o Velho Zeb. – Mas é claro que vai levar dias até arrumar essa bagunça toda!

Marjorie recomeçou a chorar.

– Alguma coisa foi levada da oficina? – perguntou Amora.

O Velho Zeb sorriu.

– Não. As pessoas sabem que não devem descer até a oficina à noite. Temos segurança especial lá embaixo!

Archie pensou no monstro atrás da porta azul e teve um calafrio. Os olhos do velho restaurador cintilaram. Archie voltou a se perguntar o que ele estava tramando. Estaria conspirando com os Insaciáveis ou o monstro estava ali para detê-los?

– De qualquer modo, não vai ter restauração hoje – informou o Velho Zeb. – Pegue uma vassoura e vamos arrumar essa bagunça.

*

Levaram o resto da manhã erguendo estantes e separando livros danificados. Alguns não podiam mais ser consertados, mas era possível salvar a maioria. Pelo meio da manhã chegou um vidraceiro para consertar a vitrine.

– Vocês dois, vão para casa agora – disse-lhes o Velho Zeb.
– Vou cuidar de Marjorie.

Archie e Amora ficaram felizes em ir embora. Tinham muito o que conversar. Voltaram para casa o mais rápido que puderam.

– Marjorie disse que a invasão foi logo depois de uma hora da manhã. Isso quer dizer que não foi muito depois de Cardo e eu termos estado lá – disse Archie.

– Isso mesmo – disse Amora. – Vamos torcer para que ninguém tenha visto vocês. É um pouco suspeito que tenha sido Rusp a chegar para o resgate.

– Também acho – disse Archie, pensativo. – Por que ele estaria na rua tão tarde?

– Bem, sabemos que ele estava interessado em um determinado livro. Pode ter sido ele que atacou você, e quando

você disse que não estava com o livro, deduziu que estaria na livraria.

– Mas por que retornar e causar alarme? – perguntou Archie.

– Talvez ele tenha achado que foi visto e voltou para despistar. Mas há uma outra coisa – acrescentou Amora. – Quando eu estava arrumando os destroços, encontrei esta lente imaginária.

– Deixe-me ver – pediu Archie. Pegou-a na mão e examinou-a. Tinha um cabo de prata finamente decorado e lentes rosadas.

– Espere um pouco – disse ele –, foi este que eu vi no museu.

– Se foi o invasor que deixou cair – pensou Amora –, então deve ter sido alguém com acesso ao museu. – Seus olhos cruzaram com os de Archie.

– Rusp!

O departamento de Livros Perdidos

No dia seguinte, quando Archie chegou à Trilha de White, um homem estava em cima de uma escada recolocando o letreiro de madeira em seu lugar. Um aviso na vitrine dizia “Fechado para reformas”.

Archie entrou, trancando a porta atrás de si. Marjorie não estava à vista e Archie imaginou que ela estivesse dando um tempo para se recuperar. Desceu correndo para a oficina do Velho Zeb.

– Ah, aí está você – disse o velho. – Temos um trabalho urgente para hoje. Há um livro que precisa ir para a seção de Livros Perdidos para ser classificado. Já deveria ter ido, embora eu não esteja certo de que seja o grande livro mágico que eles estão esperando.

O homem pegou sua bolsa de ferramentas. Archie deu uma espiada em sua própria bolsa, com seu livro escondido dentro.

– Agora, apresse-se, porque não podemos nos atrasar.

*

O Velho Zeb conduziu Archie através da Grande Galeria na direção do Scriptorium e, depois, através de outra arcada, que os levou a uma galeria menor. Uma escada de mármore conduzia a outro andar. Subiram as escadas e pararam diante de um conjunto de portas duplas. O Velho Zeb bateu e entraram.

A primeira coisa que deixou Archie impressionado foi a desordem do ambiente. Estava repleto de itens de todos os tipos, principalmente livros e pergaminhos, muitos deles

amarelados e amassados, mas também havia pinturas e esculturas, frascos de vidro e uma curiosa variedade de engenhocas mecânicas.

No fundo da sala, um canto recuado abrigava uma lareira na qual queimava uma tora de madeira. De costas para eles, um homem com um paletó de algodão grosso olhava as chamas. Tinha peso e altura medianos, com um cabelo escuro e cacheado.

O homem virou-se para cumprimentá-los, e então Archie percebeu seus olhos. Cada qual tinha uma cor diferente: um era azul e o outro era cinza. Archie nunca tinha visto alguém com olhos assim, além dele mesmo. Sua avó lhe dissera que era um sinal de inteligência especial. É comum na nossa família, ela dizia, mas ele se perguntava se ela não falava aquilo apenas para que ele se sentisse melhor quando os outros meninos mexiam com ele.

– Entrem, entrem! – gritou o homem. – Gideon Hawke, chefe de Livros Perdidos. Você deve ser o Archie.

Gideon Hawke! Amora lhe dissera que Gideon era um dos poucos anciãos do museu que possuíam poderes mágicos. Seria coincidência que eles tivessem olhos parecidos?

– Então, Zeb – disse, voltando-se para o velho restaurador. – Você está aqui por causa da invasão da Trilha de White?

O Velho Zeb assentiu.

– Sim, foi terrível – disse. – Não havia nada parecido com isso desde o incêndio de doze anos atrás. – Balançou a cabeça. – Marjorie está muito abalada. Ela teme que os Insaciáveis retornem.

– E Geoffrey Screech?

– Ainda desaparecido.

– Humm – ponderou Hawke, indicando com a mão um sofá de couro marrom deformado próximo a uma grande mesa lotada de papéis. – Sentem-se, por favor.

Olhou para Archie com curiosidade.

– Caso você esteja se perguntando, nosso trabalho nos Livros Perdidos é identificar livros que tenham sido extraviados. Quando um livro novo chega, é trazido para cá para ser classificado de acordo com seu poder mágico. Soube que recebeu um livro com uma Recomendação Especial. Posso vê-lo?

Archie sentiu seu rosto queimar. Hawke olhava diretamente para ele. Archie tinha sido pego! Era um desastre. Quebrara os Mandamentos e agora seria pego. Não havia mais nada a fazer a não ser admitir sua culpa e encarar as consequências. Teria sido o mais curto período de aprendizado da história do museu. Cairia em desgraça.

Archie lançou uma olhada para sua bolsa de ferramentas, onde estava escondido o livro. Já estava a ponto de confessar quando o Velho Zeb falou:

– Não está com ele. Está comigo. – O velho restaurador tirou o almanaque de sua maleta de ferramentas e colocou-o sobre a mesa. Archie respirou aliviado.

Hawke aproximou-se lentamente do livro. Estendeu a mão em sua direção.

– A magia não parece ser especialmente forte – disse, levantando as sobrancelhas. – Eu me pergunto por que ele teria uma Recomendação Especial.

Hawke abriu uma gaveta e tirou dali uma lente imaginária com cabo preto. Era decorada com um olho gravado e, em vez de vidro transparente, as lentes eram tingidas de um cinza prateado. Examinou minuciosamente a capa do livro, movimentando a lente acinzentada de perto para longe.

Ele olhou para o Velho Zeb.

– Ligeiramente malévolo, talvez, mas não consigo ver nada além disso – falou o restaurador. – Mas pedi a Morag Pandrama e Wolfus Bone para juntarem-se a nós e trazerem seus instrumentos de classificação.

Naquele momento, alguém bateu à porta. Uma mulher morena, com uma expressão severa e grandes olhos amendoados, entrou na sala. Usava um pincenê pendurado no fim de seu nariz aquilino, e uma caneta de pena presa no cabelo. Carregava pilhas de livros antigos nos braços.

– Trouxe os registros da Grande Biblioteca – disse ela.

– Morag é arquivista do museu – explicou Hawke gentilmente a Archie. – Ela vai nos dizer se há alguma referência ao livro nos antigos registros.

Morag Pandrama depositou no chão os livros que havia trazido e começou a trabalhar imediatamente, folheando um volume particularmente empoeirado. De tantas em tantas páginas, ela parava e lançava um olhar ao almanaque, fazendo um som de *tsk* com a boca.

Outra batida na porta. O homem que entrou era o sujeito mais esquelético que Archie já tinha visto. Era tão alto que precisava abaixar a cabeça para passar pela porta de Hawke. Isso, junto com a fragilidade dos seus membros, o fazia parecer um gigantesco bicho-pau. A pele de seu rosto e seus cabelos loiros, cortados bem curtos, eram tão repuxados que pareciam mal cobrir seu crânio. Em uma das mãos ele segurava o que parecia ser um graveto, mas Archie adivinhou que era uma vara de radiestesia, porque já tinha visto imagens de pessoas usando algo parecido para encontrar água.

Antes mesmo de Hawke apresentá-lo, Archie soube que aquele homem assustador era Wolfus Bone. Sua boca larga era apinhada de dentes, incluindo dois caninos pronunciados.

Havia um tom vigilante nele que lembrava a Archie um predador.

– Tem algo para mim, Gideon? – perguntou o homem com um sotaque carregado que parecia do Leste Europeu.

– Sim, uma Recomendação Especial – disse Hawke. – Wolfus é nosso mestre-adivinho de magia – acrescentou para esclarecimento de Archie. – Ele vai nos dizer quão forte é a magia do livro.

Os dois recém-chegados mal pareceram notar Archie; a atenção deles estava voltada para o almanaque sobre a mesa de Gideon Hawke. Enquanto Morag Pandrama continuava a vasculhar os velhos registros, Wolfus Bone parou imóvel no centro da sala com os olhos fixos no livro.

Archie passou os olhos pelos objetos curiosos do escritório de Hawke. Seu olhar foi atraído para o que parecia um abridor de cartas preto sobre a escrivaninha. Tinha uma bonita gravação no cabo e uma lâmina como um espelho negro, que captava a dança do fogo e refletia cintilantes fragmentos de brilho.

Hawke sorriu.

– Vejo que está admirando a Lâmina Sombria. É feita de obsidiana, o vidro negro forjado no calor de um vulcão.

Archie estava fascinado com o jogo de luz sobre a lâmina.

– Por que ela brilha assim?

– É o reflexo de uma estrela cadente capturada no vidro.

Archie adiantou-se para tocar a lâmina, mas Hawke agarrou sua mão.

– É melhor não tocar nela – alertou. – É uma lâmina encantada e tem propriedades especiais. Pode penetrar qualquer escuridão e o mais obscuro dos corações.

Archie sentiu um calafrio descendo pela espinha. Perguntou-se por que Gideon Hawke estaria dizendo aquilo a ele. Estaria tentando impressioná-lo ou assustá-lo?

– E isso aqui? – perguntou Archie, indicando um cajado de madeira com um gancho na ponta que se encontrava pendurado na parede acima da lareira.

– É um gancho de livro – disse Hawke. – Usado pelos antigos magos escritores, ele pode forçar a magia a retornar para um livro, ou extrair algo que está preso dentro dele. Também pode destruir feitiços que não o obedecem.

– Já estou pronto para testar o livro, Gideon – interrompeu Wolfus Bone.

– Muito bem, Wolfus – respondeu Hawke. – Archie, afaste-se, por favor.

A atenção de Archie se voltou para o adivinho mágico. Delicadamente, Wolfus Bone segurou a vara de radiestesia entre os dedos e se aproximou do almanaque sobre a mesa. Muito, muito lentamente, caminhou na direção do livro. A vara tremia em sua mão.

– Humm – disse Bone. – À primeira vista é um almanaque moderadamente encantado, o tipo de coisa que qualquer mago ou alquimista poderia ter em casa. Mas ele não é exatamente o que parece. O livro é enganoso. Há um encantamento oculto nele.

– Qual seria o propósito deste encantamento? – perguntou Hawke.

– Imitar outros livros, talvez para ganhar a confiança de seus leitores – disse Bone.

Hawke assentiu.

– Ou para assustá-los?

– Sim, possivelmente – disse Bone.

Subitamente, Bone agarrou a Lâmina Sombria e ergueu-a sobre o almanaque de forma ameaçadora. Archie ouviu o livro dar um berro e sua capa começou a se contorcer com vermes negros. Alarmado, deu um passo atrás.

– Vocês viram isso? – sobressaltou-se Archie. – Os vermes negros por toda a capa?

Wolfus riu baixinho.

– Sim – disse. – Vermes negros de livros. Quando se sente ameaçado, o livro é enfeitiçado para imitar um livro de magia negra. É um truque engenhoso, mas inofensivo. Este não é um livro para ser levado a sério.

Desconfiado, Archie encarou o livro e olhou para o Velho Zeb. O almanaque o fizera desconfiar do velho restaurador. Agora percebia que ele havia tentado colocá-lo contra o velho de propósito. Fora ingênuo de tê-lo levado a sério.

– Morag? – perguntou Hawke, voltando-se para a arquivista.

Ela frustrou-se.

– Não consigo encontrar nenhum registro deste livro nos arquivos de Alexandria.

– Humm – disse Hawke. – Então, como vamos classificá-lo? É perigoso?

– Não sei, Gideon – respondeu Bone, com os olhos vagando pelo aposento. – Sinto uma energia mágica muito forte, mas não tenho certeza de onde vem.

O nariz do adivinho mágico estremeceu. Seu olhar caiu sobre a bolsa de ferramentas de Archie. Archie puxou-a para perto de si e sentiu os olhos de Hawke sobre ele.

– Alguma ideia, Archie?

Archie sentiu seu rosto ficar vermelho. Queria esclarecer a história do livro escondido em sua bolsa, mas seu

envolvimento era tanto que não sabia como explicar sem colocar a si mesmo e os primos em apuros.

Hawke olhava diretamente para ele. Falou lentamente, com os olhos penetrando na cabeça de Archie:

– Quando um livro tem uma Recomendação Especial, normalmente quer dizer que é muito poderoso e possivelmente perigoso. O melhor lugar para um livro desses é aqui no Livros Perdidos. Então, se você deparar com qualquer coisa dessa natureza, Archie, deve me contar. Está entendendo?

Archie concordou, evitando fazer contato visual.

O Velho Zeb apontou para o almanaque.

– O que vocês pretendem fazer com isso? – perguntou.

– Acho que vamos guardá-lo aqui – disse Hawke –, onde não pode causar mais nenhum dano.

*

Quando Archie e o Velho Zeb saíram, Wolfus Bone e Morag Pandrama ficaram para trás. Bone aquecia-se na lareira. Depois de um tempo, falou:

– Gideon, o que está acontecendo?

Hawke ergueu a sobrancelha.

– Achávamos que o almanaque tinha sido o motivo da invasão da Trilha de White.

Wolfus Bone bufou.

– O almanaque pode ser enganoso, mas não passa disso. No entanto...

– Sim, Wolfus?

Bone balançou a cabeça.

– Senti algo a mais aqui. Estou certo de que o garoto tinha um livro escondido. Um livro realmente especial.

– Sim, eu estava pensando nisso – disse Hawke.

– Vocês repararam nos olhos do garoto? – perguntou Morag Pandrama. – O mais claro exemplo de olhar de mago que já vi em toda a minha vida. Até mais pronunciado do que o seu.

Hawke concordou.

– Sim, claro que notei. Como poderia ignorá-los?

– O que você pretende fazer, Gideon?

– Por enquanto, nada. Se Archie está quebrando o Mandamento escondendo um livro, quero saber o porquê. Vou observá-lo mais de perto. Vamos manter isso entre nós até que saibamos melhor do que se trata.

– E o almanaque? – perguntou Morag Pandrama.

– Uma armadilha para despistar? – disse Bone.

– Sim – disse Hawke. – Acho que podemos estar certos de que não foi este almanaque que trouxe os Insaciáveis a Oxford.

Ecos do passado

A oficina de reparos estava em silêncio. O Velho Zeb havia pedido a Archie para trancá-la. Os acontecimentos do dia giravam na cabeça de Archie. Pensava no estranho encontro com o departamento de Livros Perdidos. Tinha certeza de que Gideon Hawke e Wolfus Bone estavam desconfiados. Será que eles adivinharam que ele estava escondendo um livro?

De repente, Archie sentiu-se muito sozinho. Queria desesperadamente contar a seus primos que ele era um ouvinte de livros, mas não estava seguro quanto à reação deles. Será que pensariam que ele estava imaginando ou inventando? Se pelo menos tivesse alguma prova...

Pegou seu livro e colocou-o sobre a bancada. O estranho é que embora ele já tivesse escutado outros livros sussurrarem, seu livro permanecia mudo. Qual seria o motivo? Se o mago realmente o tivesse enviado por causa de seu talento especial, aquilo não fazia sentido.

– Olá – disse. – Você pode me ouvir?

Nenhuma resposta.

– Se, ao que parece, eu sou um ouvinte de livros, por que não consigo me comunicar com você?

Silêncio.

– Olha, se você não falar comigo, então vou entregá-lo a Gideon Hawke nos Livros Perdidos na primeira hora do dia de amanhã, o que provavelmente eu já deveria ter feito.

Ainda nenhuma resposta.

– Então, está decidido. – Archie virou-se para apagar as luzes. Mas, assim que o fez, escutou uma voz gentil.

– Olá, Archie – disse. – Estou tão feliz que você tenha vindo me buscar. Eu estava muito assustado.

Archie parou.

– Quem é você?

– Isso não importa no momento – disse a voz. – Tudo que você precisa saber é que existem pessoas que querem meu poder, e elas farão qualquer coisa para obtê-lo. Mas elas jamais podem consegui-lo. Você é a única pessoa em quem posso confiar.

– Mas por que eu? – questionou Archie.

– Porque você tem o dom. Você é um ouvinte de livros e só um ouvinte de livros pode me salvar.

– Mas há outras pessoas no museu que também possuem poderes mágicos. Gideon Hawke, por exemplo, e Wolfus Bone – retrucou Archie. – Eles não podem ajudar você?

– Não! Hawke e Bone não são confiáveis. Eles querem meu poder só para eles.

Archie franziu o cenho. O almanaque já havia tentado jogá-lo contra o Velho Zeb e era tudo mentira. Por que este livro seria mais digno de confiança?

– De que poder você está falando? – perguntou Archie.

– É o poder que seu pai temia. Mas não há motivo para medo. É o poder que você nasceu para exercer. É o seu destino.

– Qual destino? O que esperam que eu faça?

– Você compreenderá quando chegar a hora.

– O que você quer de mim? – insistiu Archie.

Silêncio.

Archie olhou para o livro. Estava silencioso e imóvel, mas ele não tinha imaginado aquela voz. Talvez estivesse na hora

de contar seu segredo para os primos. Não sabia se conseguiria guardá-lo para si por mais muito tempo.

*

Amora e Cardo esperavam por ele do lado de fora do Pena & Tinta. Haviam decidido permanecer juntos enquanto Archie estivesse com o livro, só para o caso de haver algum problema.

Enquanto caminhavam para casa, Archie contava tudo o que estivera ocultando.

– Queria ter contado para vocês antes – disse Archie culpado –, mas não sabia como.

– Um ouvinte de livros! – exclamou Cardo, com os olhos arregalados de admiração.

Archie se sentiu constrangido.

– É, eu sei que parece ridículo.

– Mas escutar livros é tão legal! – disse Cardo. – Quer dizer, há séculos ninguém é capaz de fazer isso!

Archie deu de ombros.

– Acho que foi por isso que o mago me enviou o livro.

– Mas como ele poderia saber que você se tornaria um ouvinte de livros? – perguntou Amora. – Isso foi quatrocentos anos antes de você nascer.

– Eu sei que parece maluquice – admitiu Archie. – Mas ele soube de alguma maneira e enviou o livro para que eu o protegesse. Afinal de contas, era um mago. De qualquer modo, achei que eu o estava protegendo dos Insaciáveis, mas agora ele me alertou para não confiar em Hawke e Bone. Vocês acham que pode estar acontecendo algo sinistro dentro do museu?

– Vai ver que era isso que papai estava tentando nos dizer na outra noite – disse Amora.

– Espere – disse Cardo. – Se o mago enviou o livro porque você é um ouvinte de livros, então talvez você precise fazer algo com ele que só um ouvinte poderia fazer.

Archie sentiu um frio na barriga.

– Como o quê, por exemplo?

Cardo deu de ombros.

– Não sei. É o que temos que descobrir. Mas, seja lá o que for, Arch, você não está sozinho. Amora e eu vamos ajudá-lo.

Archie deu um sorrisinho. Com os dois primos ao seu lado, não se sentia tão inseguro.

– E já que estamos compartilhando segredos – prosseguiu Cardo –, tenho um para vocês. Fiz algumas investigações a respeito do almanaque. Sabemos que ele veio dos Ripleys, então perguntei ao papai, ele sabe tudo a respeito das antigas famílias dos Guardiões da Chama. Quando Arthur Ripley tentou roubar os Volumes Terríveis, descobriram que os Ripleys vinham guardando livros mágicos havia muitos anos. E há boatos de que eles andam tentando praticar seus velhos truques novamente. A casa da família fica na Ripley Hall, na Cornuália. Eles têm uma biblioteca particular ali, tudo muito discreto.

– Mas eu achava que guardar livros mágicos em casa fosse contra os Mandamentos – disse Archie, anotando mentalmente o nome de Arthur Ripley para procurar nos livros de registro de colecionadores.

– E é – disse Amora. – Guardar livros mágicos que não tenham sido classificados é uma atitude típica de Insaciável.

– Exatamente – disse Cardo. – Mas papai diz que ninguém pode provar. E tem mais. Quando Arthur Ripley foi chefe dos Livros Perdidos, ele tinha um assistente.

– Nunca ouvi falar nisso! – disse Amora.

– Eu imagino que não – disse Cardo. – O assistente de Arthur Ripley era Alex Greene, o pai do Archie.

– O quê? – engasgou Archie, chocado. Sentiu um frio na barriga.

– Depois de ser aprendiz do Velho Zeb, Alex foi trabalhar com Ripley – prosseguiu Cardo. – Mas ele saiu sob suspeita. Papai não quer falar a respeito, mas há boatos de que ele tinha ligações de trabalho bastante estreitas com Ripley.

A barriga de Archie voltou a se contorcer. Estava se sentindo mal. Logo agora que achava que sabia quem fora seu pai, sentiu como se tivessem puxado um tapete debaixo dos seus pés.

– Ah, mas que beleza – disse –, então meu pai trabalhava com Arthur Ripley quando ele tentou roubar o Volume Terrível e colocou fogo no museu!

– Espere aí – disse Amora. – Não sabemos o que realmente aconteceu. Seu pai não está aqui para contar sua versão, então, acho que devemos dar a ele o benefício da dúvida. E, se ele estivesse, tenho certeza de que teve um bom motivo.

– E por falar em gente saindo da cripta, lembrei de uma coisa. Vincent von Herring convocou uma reunião de emergência. Parece que os anciãos do museu estão tão preocupados com a invasão da Trilha de White que estão reforçando a segurança do Naftalina. Todos os aprendizes devem comparecer.

*

Mais tarde, já na cama, Archie ainda pensava no que Cardo dissera a respeito de seu pai. Aquilo o chateou. Será que Alex estava envolvido no princípio de incêndio do museu há doze anos?

Pegou a caixa de sapatos com as coisas de seu pai e remexeu até encontrar a foto de Alex e Loretta. Examinou-a

minuciosamente. O Pena & Tinta não havia mudado nada. Seu pai e Loretta pareciam felizes. Ficou se perguntando o que teria causado o desentendimento entre os irmãos que o afastou dos primos por tantos anos.

Pegou o álbum e folheou suas páginas. Havia algumas fotos desbotadas e recortes de jornal. O último registro era um bebê no carrinho. “Archie com seis meses”, dizia a legenda manuscrita. Virou a página e, assim que o fez, uma folha de papel caiu.

Era uma carta datada do dia de seu nascimento. De Loretta para seu pai.

Querido Alex,

Parabéns pelo nascimento do seu lindo menino! Sei que você será um ótimo pai para ele e para sua irmã.

Você deve estar sentindo muitas emoções hoje – enorme alegria e imensa preocupação. Sei que você consultou o Livro do Destino e que ele não disse o que você esperava. Mas o futuro é tão moldado pelo que fazemos hoje quanto pelo passado.

Neste momento, Archie é apenas um bebê. Sei que você fará de tudo para protegê-lo. Entendo que você queira mantê-lo longe da magia, mas imploro para que você o deixe seguir o lugar que lhe pertence no museu. Ele precisa compreender nosso mundo – o mundo no qual ele nasceu. E ele precisa de sua família. Por favor, não o esconda.

Sua irmã querida,

Loretta

Archie devolveu a mensagem ao livro e o fechou. Não entendeu completamente, mas estava claro que seu pai havia descoberto alguma coisa a respeito do seu nascimento que o deixara preocupado. O que o teria alarmado a ponto de decidir manter Archie afastado do mundo mágico?

Archie voltou a examinar a fotografia em preto e branco de Alex e Loretta. Loretta dissera que Archie era parecido com seu pai. Olhou atentamente para a foto. Era capaz de perceber a semelhança. Imaginou se seu pai também tinha os olhos de cores diferentes. Entre os Guardiões da Chama, olhos com cores diferentes sinalizavam que a pessoa nascera com poderes mágicos – ou fora tocada por magia. Teria sido seu pai tocado por magia? Teria sido Alex Greene um ouvinte de livros também? Seria este o seu segredo?

Então, Archie teve outro pensamento. O de que ser um ouvinte de livros teria levado seu pai a fazer coisas terríveis. Afinal, ele era aprendiz de Arthur Ripley. Talvez ele estivesse envolvido no plano de Ripley de roubar os Volumes Terríveis. Se for verdade, seu pai deve ter sido atormentado pela culpa. Então, para completar, seu filho nasce com cada olho de uma cor. Ele devia saber que Archie também seria um ouvinte de livros. Pode ter sido isso que o assustou. Ou havia outro segredo que seu pai sabia?

Fosse o que fosse, Archie precisava saber. E já imaginava como poderia descobrir.

O Livro do Passado

No dia seguinte, no Pena & Tinta, Pink checava marcas de fogo. Deu uma espiada na mão de Archie antes de entregar a ele uma poção de movimento.

– São ordens dos anciãos do museu – explicou. – Com os Insaciáveis por perto, todo cuidado é pouco.

Archie assentiu. Ao chegar à Grande Galeria, o lugar parecia triste. Os aprendizes realizavam suas tarefas normais, mas não havia nem sombra da vibração e da balbúrdia que normalmente acompanhavam o trabalho. Era como se toda a alegria tivesse sido sugada para fora do ambiente. A invasão da Trilha de White estava pesando na mente de todos. Se a livraria não estivesse segura, então que lugar estaria?

Ao passar por um grupo de aprendizes, Archie entreouviu cochichos.

– Meus pais disseram que os Insaciáveis estão se tornando mais ousados – confidenciou um menino que Archie não conseguiu reconhecer. – Eles disseram que, se acontecerem mais problemas, não vão mais me deixar sair.

– Mamãe falou que o museu será o próximo – disse Meredith Merrydance. – Os Insaciáveis não vão parar enquanto não encontrarem o livro que estão buscando. Ela diz que não se lembra de nada pior.

– Isso é o de menos – declarou Enid Drew. – Meu pai disse que se o plano dos Insaciáveis der certo, o Naftalina estará acabado.

– Bem, ouvi dizer que o professor Von Herring vai fechar o museu e mandar todos os aprendizes para casa porque está

perigoso demais – disse Meredith. – Parece que a reunião é para falar sobre isso.

Archie apressou-se. Dando uma rápida olhada ao redor para ter certeza de que não estava sendo observado, abriu uma das portas duplas e esgueirou-se para o Scriptorium. Assim que entrou, as tochas das paredes se acenderam, iluminando o ambiente. Archie viu o domo de vidro no fim da sala com os Livros do Destino. Não era o futuro o que o interessava. Era o passado. Amora dissera que o passado devia ser deixado em paz, mas ele precisava saber o que havia acontecido quando ele nasceu. Precisava saber por que seus pais acharam que era necessário afastá-lo do museu.

Dirigiu-se ao *Livro do Passado* e falou em um tom que esperava ser claro e assertivo.

– O que assustou meus pais quando eu nasci?

O livro permaneceu imóvel e silencioso, com sua capa marrom escura firmemente fechada.

Tentou novamente.

– Por que eles não falaram nada a respeito dos livros mágicos? – perguntou.

O livro permaneceu fechado, mas Archie escutou alguma coisa – uma voz tão baixinha que pensou tê-la imaginado. Como o vento soprando pelos galhos retorcidos de uma árvore antiga, há muito tempo morta, a voz soava velha como o tempo.

– O passado já se foi – disse a voz rouca. – Aqueles que o perturbam não podem mudá-lo, mas podem ser mudados por ele.

Archie compreendeu que aquilo era um aviso, mas a necessidade de saber empurrou-o adiante.

– É um risco que preciso correr – afirmou, esperando parecer mais corajoso do que realmente se sentia.

– Muito bem.

Subitamente, o *Livro do Passado* se abriu. Suas páginas se viraram como se fossem folheadas por uma espécie de mão invisível. Tão repentinamente quanto havia começado, parou e se fechou novamente. O livro estava imóvel, mas um marcador havia aparecido entre as páginas.

– O que é mostrado aos curiosos nem sempre é o que eles esperam – disse a voz rouca. – O *Livro do Passado* revela o que eles precisam saber, não o que desejam saber. Sua página está marcada. Vou perguntar novamente: você quer mesmo consultar o passado?

– Sim, quero – confirmou Archie.

– Que assim seja!

Archie deu um passo à frente e abriu o livro na página marcada.

Uma data estava impressa em letras cursivas. Archie esperava que fosse a data de seu aniversário, mas o *Livro do Passado* se abriu em uma data de quatrocentos anos atrás, 15 de março de 1603.

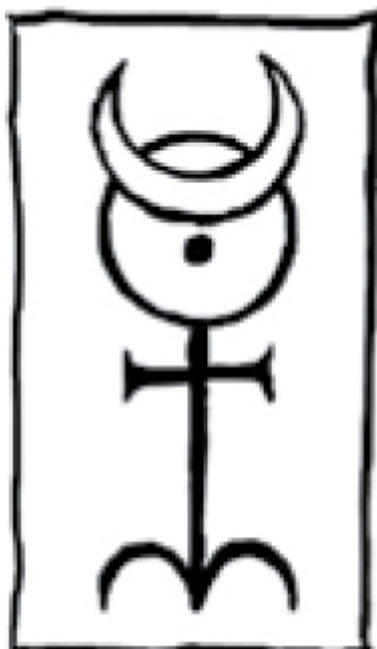
Archie passou os dedos pela data, e a superfície do livro movimentou-se como se ele estivesse mexendo na superfície de um lago. Seu dedo desapareceu na página, seguido por sua mão. Teve uma sensação de frio que foi subindo pelos braços. Tentou resistir, mas a pressão era muito forte. Agora, seu braço já havia desaparecido até acima do cotovelo e continuava sendo sugado.

Archie tentou dar um puxão para soltar o braço, mas sua outra mão esbarrou na página e também desapareceu. A força era grande demais para que ele pudesse resistir. Fechou os olhos. Tarde demais, percebeu a qual categoria pertencia o

Livro do Passado – um livro de ilustrar! Ouviu um som sibilante como vento e foi sugado para dentro de suas páginas. Sentiu-se em queda.

*

Quando abriu os olhos novamente, estava em uma sala escura e tomada por livros. Uma vela derretia e, em sua luz trêmula, Archie podia ver um homem idoso com uma barba comprida e um solidéu negro sentado a uma mesa. Ele olhava, profundamente concentrado, para um colar de cristal que tinha em mãos. Archie reconheceu o símbolo gravado no pingente.



Sentado do outro lado da mesa havia um rapaz. Estava de costas, de modo que Archie não conseguiu ver seu rosto.

– Você prometeu me trazer o livro escrito na linguagem dos anjos – dizia o velho.

– E aqui está ele – retrucou o rapaz, empurrando um livro em sua direção. Era o mesmo livro que Horácio Catchpole entregara a Archie.

O velho esfregou as mãos.

– Finalmente! – gritou. – Conseguirei falar com os anjos!

As mãos do velho agarraram o livro, mas o rapaz puxou-o de volta.

– Temos um acordo – afirmou.

O velho ergueu os olhos.

– E eu cumpri minha parte do acordo – disse. – Usei minha habilidade de vidência para descobrir o ouvinte de livros que você pediu. Já tenho o nome dele, embora ele só vá nascer daqui a quatrocentos anos.

Tentou pegar o livro novamente. O rapaz ainda o segurava.

– Qual é o nome do ouvinte de livros?

O velho o olhou com uma expressão angustiada.

– Não posso contar. Vai contra os Mandamentos da magia – protestou.

– Pouco me importo com os Mandamentos da magia! – bufou o rapaz. – Se quiser o livro, tem que me dizer o nome dele.

O velho hesitou, dividido entre o desejo e o dever. O desejo venceu.

– Archie Greene.

A sala escureceu. Archie sentiu-se caindo novamente e fechou os olhos. Quando os abriu, encontrava-se novamente no Scriptorium e o *Livro do Passado* estava firmemente fechado.

O dono do glifo

Para Archie, foi difícil se concentrar durante o resto do dia. Seus pensamentos ainda estavam no *Livro do Passado*. Estava tão distraído que se esqueceu de colocar água na chaleira e ela ferveu a seco, depois quase jogou um livro mágico na fornalha em vez de lenha. Por fim, o Velho Zeb mandou-o para casa mais cedo.

– Não sei o que deu em você – disse o velho restaurador. – Vejo você amanhã, e não se esqueça de trazer sua cabeça – acrescentou, balançando a própria cabeça como se não compreendesse.

Pelo resto da tarde, Archie não conseguiu pensar em mais nada. Ele havia recebido o livro *porque* era um ouvinte de livros. Mas o que se esperava que ele fizesse e por que aquilo havia assustado tanto seu pai ainda eram um mistério.

O bilhete de Loretta a seu irmão dizia que Alex Greene havia olhado um dos Livros do Destino, mas não dizia qual. Será que o pai de Archie havia visto o *Livro do Passado*? Se foi isso, será que ele viu a mesma coisa que Archie? E caso tenha sido, por que esta fora a causa de manter seu filho afastado do museu e de seus primos?

Outro pensamento lhe ocorreu. E se o pai não tivesse consultado o passado? Será que ele olhou um dos Livros do Destino e viu seu futuro? Teria Alex Greene visto algum acontecimento terrível e estaria tentando mudar o destino do filho?

Seja lá o que Alex Greene tenha visto, foi alarmante o suficiente a ponto de manter seu filho afastado da magia. Archie sabia que estava em perigo, mas não sabia como.

Naquela noite, sonhou que fora preso dentro de uma jaula de vidro que estava sendo preenchida com areia. Ele estava dentro da ampulheta da lombada do *Livro de Cálculos* e não conseguia sair dali. Acordou suando frio, aliviado ao perceber que estava protegido no quarto que dividia com Cardo.

*

– Certo – disse o Velho Zeb no dia seguinte, pegando no torno um livro de referência restaurado. – Coloque este livro de volta na prateleira. Vou dar um pulo na livraria para ver se está tudo bem com Marjorie.

Desde a invasão, Marjorie não era mais a mesma. O Velho Zeb disse que ela andava muito nervosa. Na verdade, todos os envolvidos com o museu estavam à beira de um ataque de nervos.

Enquanto Archie recolocava o livro em seu lugar, reparou no exemplar de *Colecionadores de magia: Passado & Presente* na mesma prateleira. Isso o lembrou de que tinha pensado em pesquisar sobre Arthur Ripley. Pegou o livro e folheou suas páginas. O primeiro nome era Alexandre, o Grande.

Provavelmente o mais famoso dos colecionadores de magia, Alexandre procurou textos e instrumentos mágicos nos territórios que conquistou.

Uma ilustração mostrava Alexandre como um jovem guerreiro louro. Archie virou a página. Um rosto bem diferente o confrontou. Era anguloso, com bochechas fundas, um nariz adunco e olhos pretos foscos. Archie leu.

Colecionador de magia negra, Barzak, o mais temido feiticeiro de seu tempo, foi responsável pela conflagração mágica que resultou na destruição da Biblioteca de Alexandria em um incêndio.

Archie teve um calafrio.

– Com certeza eu não gostaria de encontrá-lo em uma noite escura! – falou para si mesmo.

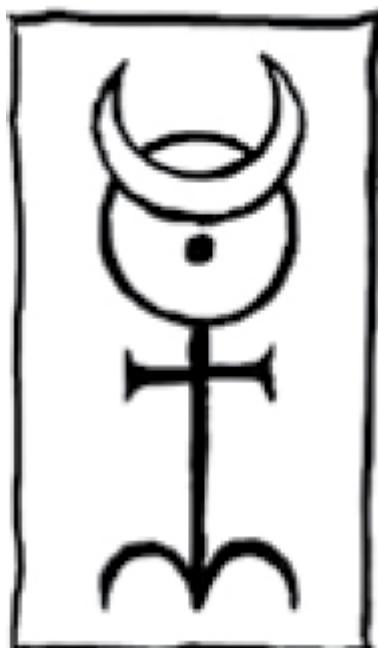
Olhou o índice e passou o dedo pela lista de nomes. Havia vários Ripleys, incluindo um Morton Ripley e um George Ripley. Mas era sobre Arthur Ripley que ele queria saber mais. Foi para a página.

O rosto que olhou para ele tinha forte semelhança com o de Arabella. Arthur Ripley tinha os mesmos olhos frios e cinzentos.

O antiquário de livros Arthur Ripley foi um dos mais infames colecionadores modernos. Ripley usou sua posição como chefe de Livros Perdidos no Museu das Coleções Mágicas, em Oxford, para tentar encontrar os Volumes Terríveis, os sete mais perigosos livros já escritos. Acredita-se que Ripley morreu em um incêndio no museu, embora seu corpo não tenha sido encontrado. Isso levou a rumores persistentes, embora totalmente infundados, de que Ripley ainda estaria vivo.

Não havia menção a seu assistente Alex Greene. Archie virou a página e já ia fechar o livro, quando outra coisa chamou sua atenção.

Seu coração deu um salto. Ali estava ele – o símbolo misterioso! O mesmo que tinha visto no pingente de cristal.



Abaixo, havia uma curta explicação. “O glifo ou símbolo desenhado por John Dee expressa a união mística de toda a criação.”

Em seguida, havia o retrato de um homem idoso, de olhos azuis cintilantes e uma longa barba do mais puro branco. Usava um solidéu preto e uma grande gola branca em estilo elizabetano em torno do pescoço. Pendurado em uma corrente de prata em seu pescoço, havia um pingente em forma de diamante feito de cristal verde. Era o mesmo homem que Archie vira no *Livro do Passado*.

Abaixo do retrato, uma breve descrição de sua vida.

John Dee (1527 – 1609). Dee foi um matemático, astrônomo, astrólogo, alquimista e navegador inglês. Um dos homens mais cultos de sua época, Dee foi mago da corte de Elizabeth I.

Mago! Archie leu.

Dee era dono de uma das maiores bibliotecas privadas da Europa, incluindo muitos livros raros e mágicos. Dedicou sua coleção à Rainha Elizabeth, a quem ele se referia, afetuosamente, como Gloriana.

Era conhecido pelo uso de bolas de cristal e outros instrumentos divinatórios para ver o futuro. Várias de suas bolas de cristal estão agora expostas no Museu Britânico, mas seu pingente divinatório preferido, o Olho de Esmeralda, jamais foi encontrado. Dee passou a última parte de sua vida tentando encontrar um lendário livro da Biblioteca de Alexandria, o qual acreditava que lhe permitiria falar com os anjos. Sua ligação com os Insaciáveis manchou sua reputação na comunidade mágica, e ele morreu pobre.

*

– Encontrei o mago! – anunciou Archie a seus primos mais tarde. – O nome dele é John Dee, e ele era o mago da corte de Elizabeth I. Colecionava livros mágicos. Mas era também fascinado pelo poder deles. É o símbolo dele que está no fecho e no pergaminho, então deve ter sido ele que me enviou o livro.

– Mas ainda não sabemos o que ele queria que você fizesse com ele – retrucou Cardo –, ou como você deveria usar seus poderes de ouvinte de livros.

– Sei disso – disse Archie. – Mas estamos bem perto de descobrir. A chave está no enigma, tenho certeza.

Sob ataque

No encontro de emergência que ocorria naquela tarde no Pena & Tinta, a sala estava repleta de rostos preocupados. Os aprendizes cochichavam entre si.

Gideon Hawke, Wolfus Bone e alguns outros anciãos do museu estavam sentados no fundo da sala. Archie teve a impressão de reconhecer um homenzinho com cavanhaque e terno de lã. Ele estava sentado ao lado de uma senhora de cabelos grisalhos.

– Aquele homem perto de Hawke – comentou Archie com Amora. – Acho que ele está na foto que o Velho Zeb me mostrou...

– Sim, aquele é o Dr. Motley Brown – confirmou Amora. – Chefe do departamento de Magia Natural. E aquela com quem ele está conversando é Feodora Graves, chefe do departamento de Magia Sobrenatural.

Vincent von Herring caminhou em direção ao palco. Levantou a mão pedindo silêncio.

– Boa tarde, aprendizes – disse com um aceno seco. – Não quero voltar a deixá-los assustados, mas temos algumas informações importantes. – Dirigiu o olhar para os outros anciãos. Seus rostos estavam aterrorizados. Von Herring respirou fundo. – Acreditamos que o museu esteja sob ataque – acrescentou.

Ouviram-se respirações profundas por todo o ambiente. Von Herring prosseguiu:

– Vocês estão cientes da invasão na Trilha de White. Acreditamos que algo ou alguém também esteja roubando a

magia do museu. Devemos supor que o inimigo encontrou um meio de se infiltrar em nossas defesas.

Mais respirações foram ouvidas na sala enquanto os aprendizes pensavam sobre a magnitude de tudo aquilo que acabaram de ouvir. Aborrecimentos do lado de fora do museu eram incômodos, mas, se os Insaciáveis realmente acharam um meio de ultrapassar as paredes de segurança, era hora de se preocupar de verdade. Quando os cochichos cessaram, Von Herring tornou a falar:

– Se os Insaciáveis violaram a segurança do museu, ninguém aqui está seguro. Como chefe do departamento de Livros Perigosos, já solicitei uma reunião para que os anciãos decidam o que deve ser feito. Até lá, nenhum aprendiz deverá entrar no museu desacompanhado. É preciso ter alguém ao lado de vocês o tempo todo.

“Também ampliaremos a segurança da cripta. Não preciso dizer como seria perigoso se alguém abrisse um dos Volumes Terríveis e liberasse sua magia negra. As consequências seriam catastróficas.

“Os quatro Volumes Terríveis que recuperamos estão protegidos e trancados dentro da cripta, que fica no interior do departamento de Livros Perdidos, a parte mais segura do museu. Não é autorizada a presença de aprendizes na cripta. Somente os anciãos do museu têm a chave para abri-la.

“Aproveito para assegurar, também, que cada um dos Volumes é trancado em uma gaiola de ferro, cada qual com inúmeros encantos e feitiços capazes de garantir que um exército de Insaciáveis se mantenha bem distante.”

Cochichos ainda eram ouvidos entre os aprendizes. Vincent von Herring elevou o tom de voz.

– Estamos fazendo o possível para defender o museu deste ataque – prosseguiu. – Nós vamos vencer, tenham certeza disso. Agora, peço a vocês que retornem às suas tarefas.

Continuem da maneira mais natural possível e nos informem sobre qualquer suspeita. Obrigado a todos.

*

Ao fim da reunião, a atmosfera era de nervosismo. Amora e Archie pediram dois chocolates quentes para se animarem um pouco e sentaram-se em duas velhas poltronas que não eram assentos de estudo. O Pena & Tinta estava ficando vazio e as pessoas já partiam em direção às suas casas.

– Você acha que eles encontrarão uma forma de proteger o museu? – perguntou Archie.

– Eles pensarão em algo – sussurrou Amora. – Eles sempre pensam.

Archie sentiu-se um pouco melhor.

– Espero que a solução venha rápido – disse ele. – Os livros na Trilha de White estão seriamente assustados. Não escuto nada deles há dias. Fico pensando se deveria contar a Von Herring que sou ouvinte de livros. Mas talvez isso levante suspeitas.

Amora olhava por cima do ombro de Archie, quando, com a voz baixa, disse:

– Falando em suspeito...

– Quem? – perguntou Archie.

– Ele!

Archie ergueu os olhos para observar Aurelius Rusp conversando com Pink.

– Eu quero o drink Vingança do Lobisomem na Garra do Dragão – disse ele com sua voz que mais parecia um latido.

– Ele está indo ao museu – sussurrou Amora.

– Fico imaginando para quê – completou Archie.

– Só há uma forma de descobrirmos – disse Amora. – Venha!

– Mas você ouviu o que Von Herring determinou, não temos permissão para entrar no museu sozinhos – continuou Archie.

– Nós não estaremos sozinhos – sorriu Amora. – Estaremos com Rusp.

Archie estava prestes a protestar novamente, mas naquele instante Pink se movimentou em direção à parede de acesso para servir um cliente que estava na parte da frente da loja. Amora, de imediato, saltou da cadeira.

– Rápido – disse ela. – Essa é nossa chance. Fique atento ao que acontece à nossa volta enquanto preparo a poção de movimento.

Rapidamente, ela pulou por cima da bancada do bar e jogou as pernas para o outro lado. Ali mesmo, pegou uma garrafa vermelho-escura e derramou algumas gotas cor de carmesim dentro de duas canecas.

– Tem certeza do que está fazendo? – sussurrou Archie. Ele lançou um olhar aflito por todo o recinto para garantir que ninguém os observava. – É um negócio bem avançado!

– Shhhh... já vi a Pink fazer isso um monte de vezes – garantiu Amora. Nesse instante, ela pegou a garrafa azul e entornou uma pequenina gota do líquido cristalino dentro de cada caneca. Finalmente, pegou a garrafa preta, despejando um pouco de seu conteúdo no interior dos recipientes. Um som de estalo e uma grossa nuvem branca emergiram da mistura.

– Não falei? – Amora sorriu. – Coquetel de frutas ou chocodrink?

– Humm ... Chocodrink – escolheu Archie. – Rápido. Anda logo!

Amora puxou a alavanca de porcelana e cobriu a mistura com chocolate derretido.

– Aqui está – disse ela, entregando a Archie sua poção de movimento.

Amora mal tinha pulado de volta ao outro lado da bancada, quando Pink surgiu agitada através da parede de acesso.

– O que aprontaram para parecerem tão satisfeitos? – perguntou ela.

– Humm... nada – disse Amora, com um sorriso doce, mas traiçoeiro.

As duas crianças se afastaram do bar tomando conta de suas bebidas. Archie carregava no ombro sua bolsa de ferramentas.

– Não vejo Rusp em lugar nenhum – disse ele, observando a sala. O local, agora, parecia abandonado. – Ele já deve ter ido embora.

– Sim. E nós temos que nos mexer também – afirmou Amora, puxando a cortina para o camarote.

Archie apertou seu cinto de segurança e olhou desconfiado para a caneca.

– Você tem certeza disso? – perguntou. – Você disse que esses assentos de estudo podem ser instáveis se não estivermos com a poção de movimento correta.

Amora sorriu.

– O que poderia dar errado? – Em seguida, ela ergueu o braço e levantou a caneca na direção da de Archie. – Um brinde! – E sorriu entusiasmada.

O lobo gritante

Após um voo particularmente trepidante nos assentos do camarote, lá estavam os primos no Salão Principal. Não havia qualquer sinal de Rusp. Archie ainda estava indisposto por conta do percurso, concluindo que chocolate quente e assentos de estudo não caíam bem juntos, principalmente quando a poção de movimento era preparada por aprendizes.

Estava prestes a comentar isso com Amora, quando irrompeu um estrondo, similar ao de um móvel sendo arremessado contra uma parede. Foi seguido por um som de madeira estilhaçada e um barulho alto de chamas, como se corresse apressadas em direção à chaminé.

Subitamente, um uivo amedrontador pôde ser ouvido.

– Está vindo da seção de Magia Negra na Galeria Oeste! – exclamou Amora.

Ouviram outro uivo, barulhento, hesitante, um grito alto de animal selvagem, que terminava com uma espécie de rangido. Logo em seguida, outro estrondo e mais barulho de madeira estilhaçada.

– Seja lá o que for, está vindo em nossa direção! – exclamou Amora.

– Devemos tentar pará-lo antes que cause mais danos! – gritou Archie.

O menino já corria em direção ao som. Amora respirou fundo e seguiu o primo. A passos apressados, passaram por uma escadaria de mármore que ligava a Galeria Ocidental com o resto do museu.

Assim que fizeram a curva, avistaram uma criatura similar a um lobo, não maior que um pequeno pônei, de brilhantes olhos

amarelados e pelo cinzento e eriçado. As orelhas eram tão pontudas que mais pareciam chifres, e suas narinas arredondadas expeliam fogo.

Por toda volta, só havia devastação. Inúmeras estantes haviam sido derrubadas no chão. Pequenos focos de incêndio ardiam pelo recinto e diversos livros haviam se transformado em carvão e cinzas.

– O que é aquela coisa? – perguntou Amora, apavorada.

– É um lobo-de-fogo – respondeu Archie, também assustado. – Vi a foto de um deles naquele livro de referências. É metade dragão, metade lobo. Bem asqueroso.

– Deve ser um pula-fora! – pressupôs Amora.

O lobo-de-fogo mapeava o recinto com seus olhos brilhantes. Em seguida, lançou a cabeça para trás e uivou novamente. Duas potentes chamas saltaram de suas narinas como se fossem um lança-chamas, incendiando a tapeçaria oriental que estava pendurada em uma das paredes.

– Por que não está *ezaporando*? – perguntou Amora, aproximando-se de seu primo.

– Não faço a menor ideia, mas acho que deveríamos CORRER! – gritou Archie.

Naquele instante, o lobo-de-fogo os ouviu. A enorme cabeça da criatura fez um movimento brusco e aqueles assustadores olhos brilhantes passaram a olhar fixamente para eles. Archie sentiu o medo crescer dentro de si.

– Eu disse para correremos! – gritou Archie novamente, enquanto tentavam voltar para o local de onde vieram.

Amora correu apressada pelo corredor inteiro e começou a subir as escadas que levavam ao departamento dos Livros Perdidos. Archie vinha logo atrás. A criatura uivou mais uma vez e Archie sentiu um calor chamuscante tocar seus cabelos.

Os primos rastejaram até o corredor seguinte enquanto a respiração fervente do lobo-de-fogo atingia a parede logo atrás deles.

– Rápido. Abra aquela porta! – ordenou Amora.

Archie tentou obedecê-la, mas a porta estava trancada.

– Estamos encurralados – disse. – O que faremos?

O lobo-de-fogo aproximava-se. Sua boca estava aberta e longos fios de baba escorriam pelo chão.

Amora encarava a criatura.

– Não consigo entender como conseguiu escapar – disse ela.
– Quer dizer, quem soltaria uma aberração dessas?

O lobo-de-fogo a fitou com seus olhos amarelos. Em sua mente uma voz repetia “mate a menina”. O animal não sabia ao certo de onde vinha a tal voz, somente que deveria obedecê-la. Curvou-se sobre os quadris, rosnando.

– O que faremos? – soluçou Archie.

– Vou pensar em alguma coisa – garantiu Amora.

– Tudo bem, mas ande logo. Não acho que pensamentos otimistas possam nos garantir segurança.

– Segurança! – alegrou-se Amora. – Brilhante, Archie. Meu amuleto de segurança!

Ela tirou rapidamente o bracelete e segurou o pequenino arco de ouro em uma das mãos. Com o braço esquerdo estendido, puxou a corda imaginária do arco.

O lobo-de-fogo franziu o focinho, trincou os dentes e avançou em direção às crianças. Archie deu um passo para trás e notou que estava encurralado entre a criatura e a parede, sem nenhuma opção de fuga. Naquele exato instante, Amora soltou a mão direita. Para o espanto de Archie, a pequenina flecha de ouro se deslocou pelo ar e perfurou a perna do animal. A

criatura uivou de dor e arrancou a flecha com os próprios dentes.

– Isso foi realmente brilhante – festejou Archie. – Agora, corra!

Novamente correram a toda a velocidade por toda a extensão da escadaria de mármore, em direção à Galeria Leste. O lobo-de-fogo lançou a cabeça para trás e uivou mais uma vez, enchendo o ar de chamas. Os primos podiam ouvir o rastro de destruição deixado durante a perseguição.

– Rápido, por aqui – indicou Amora, abrindo a porta que dava acesso ao exterior da galeria.

Os primos rastejaram por um corredor escuro e Amora bateu a porta que havia ficado atrás.

Ouviam-se ruídos de arranhões do outro lado e, então, mais um longo uivo seguido por sons de chamas na direção da porta. A madeira estalou e a maçaneta já adquiria um tom vermelho brilhante por conta do calor excessivo.

– Não vai levar muito tempo até que ele consiga queimar tudo – disse Archie. – Onde nós estamos?

– Esse corredor nos leva ao depósito.

– Existe outra saída?

Amora balançou a cabeça negativamente.

– Não, o depósito fica perto da cripta, que está sempre trancada. Você ouviu Von Herring: apenas os anciãos do museu têm acesso à chave. Supostamente, deveria existir outra entrada, mas ela não fica no interior do museu, além de ser vigiada noite e dia. A única maneira de sairmos daqui é pelo mesmo caminho que entramos.

Archie olhou para a prima. Seu cabelo estava chamuscado e seu rosto todo sujo de poeira de fuligem. Estava pálida e tremia, mas tentava disfarçar com um semblante de firmeza.

– Acho que estamos presos, então – sussurrou Archie.

*

Do outro lado da porta, o lobo-de-fogo voltava a ouvir a voz que emanava de dentro de seu coração sombrio. Era a mesma voz que o havia libertado e ordenado para que fosse atrás das crianças.

– Mate a menina, mas traga o garoto – determinava. – Archie Greene deve viver!

A criatura rosnou silenciosamente. Mais um sopro de suas chamas e a porta cederia. Estava prestes a atacar novamente quando seus sensíveis ouvidos perceberam algo atrás. Vozes humanas.

– Que diabos...? – exclamou Gideon Hawke.

O diretor do departamento de Livros Perdidos adentrava a galeria. Ali, já era capaz de notar todo o estrago e, em seguida, avistar a criatura e todo o dano causado.

– É um lobo-de-fogo! – murmurou Hawke.

O animal trincou os dentes.

Rapidamente, Hawke enfiou a mão no bolso e sacou uma garrafa catapulo.

– Ainda bem que trouxe isso.

Ele posicionou o frasco de vidro na direção da criatura e removeu a rolha. Imediatamente, um vapor branco leitoso cercou o lobo-de-fogo. A criatura inclinou a cabeça mais uma vez, dissipando o ar com sua ardente respiração. A força das chamas dispersou o vapor, direcionando-o de volta para o frasco.

– Ele é forte demais para uma garrafa catapulo comum – lamentou Wolfus Bone.

A criatura deu mais um longo uivo e fixou seus olhos nos dois homens, curvando-se, pronto para atacar. Wolfus Bone deu um passo para trás.

– Espere – gritou Hawke. – A fera pode ser grande, mas ainda não nos venceu.

Posicionando a garrafa catapulo diante de sua boca, sussurrou próximo ao gargalo. O frasco incandesceu-se em um tom amarelado, restaurando o vapor branco e transformando-o em uma fumaça espessa como nuvem. Mais uma vez o vapor cercou o lobo-de-fogo, mas já não cedia à força das chamas da fera quando tocado. Os olhos da fera cintilavam repletos de fúria, mas em menos de um segundo toda a neblina já havia sido sugada de volta para o frasco – dessa vez, trazendo consigo a criatura.

– Melhor assim – disse Hawke.

Wolfus Bone parecia aliviado.

– Foi por pouco. A magia negra que libertou o lobo-de-fogo é das fortes.

Gideon Hawke segurava o frasco de vidro em sua mão. A garrafinha brilhava em um tom avermelhado.

– Sim – contemplou. – Precisamos ter cuidado para lidar com essa fera. Vou mantê-la em meu escritório até que possa ser devolvida ao seu livro de origem.

Do outro lado da porta, Archie e Amora escutavam a conversa dos dois. Amora tirou o chapéu e notou um enorme furo causado pelas brasas. Archie gesticulou, pousando o dedo indicador nos lábios, como um pedido de silêncio. Em seguida, apontou para o outro lado da porta.

– Que bagunça – declarava Gideon Hawke, circulando entre os estragos causados pelo lobo-de-fogo. – Mas poderia ter sido ainda pior.

– Sim, poderia – concordou Wolfus Bone. – Poderia ter queimado o museu inteiro! Mas quem libertou essa criatura repugnante? E por que não foi *ezaporado*, Gideon?

– Há magia negra poderosa por aqui – disse Hawke. Ele parecia preocupado. – E se estivermos corretos, certamente podemos esperar por mais ataques desse tipo. Temos que nos armar. E quando digo isso, me refiro a algo mais potente do que garrafas catapulo. Tenho armas em meu escritório. Seja lá o que tenha libertado a criatura, temos que concordar que é algo muito forte.

Bone assentiu com a cabeça.

– Esses infortúnios começaram quando Archie Greene iniciou seus estudos de aprendiz. Praticamente no mesmo dia! Tenho certeza de que esse menino está ocultando um livro e que a magia negra está relacionada a ele.

Fora da vista dos dois, Archie e Amora cruzaram olhares. Archie tinha um terrível pressentimento de que Wolfus Bone estava certo. A confusão realmente começou quando ele chegou. Teria ele trazido, de fato, a magia negra para dentro do museu?

– Ainda assim, não poderíamos dizer que Archie seja o culpado pelos ataques – refutou Hawke.

– Não sei se o garoto tem conhecimento de sua participação – disse Bone. – Talvez ele esteja sendo usado.

Archie já havia escutado o suficiente. Mais do que o suficiente. Seria ele o culpado por todas as coisas ruins que ocorreram em Oxford desde sua chegada? Talvez fosse por isso que sua avó e seu pai insistissem tanto em mantê-lo longe do museu. Teria sido isso que seu pai havia descoberto nos Livros do Destino?

Derramamento de magia

Na manhã seguinte, durante o trabalho, Archie ainda pensava no que havia escutado. Seria mesmo possível que ele fosse o responsável por trazer a magia negra para dentro do museu, sem nem sequer se dar conta disso?

Quando o Velho Zeb lhe deu uma tarefa, acabou sendo uma distração muito bem-vinda.

– Tome. Pegue este livro de magia negra restaurado e leve-o de volta ao departamento de Magia Mortal. E não perca tempo no caminho.

Archie havia percebido que o velho restaurador vinha lhe designando muitas missões. Suspeitava que, com os Insaciáveis à solta, achasse melhor ficar mais tempo junto aos demais aprendizes. Normalmente, Archie não se incomodaria com isso. Pelo contrário, adorava ficar no Naftalina. Entretanto, depois de ter escutado tudo que Wolfus Bone dissera, ficou pensando se essa ainda era uma boa ideia.

*

Quando chegou ao museu, os demais aprendizes estavam ocupados com seus próprios afazeres. Os ataques cessaram desde o incidente com o lobo-de-fogo, mas a atmosfera do local era tensa e ninguém ousava circular por ali sozinho.

Os três diretores dos departamentos de Magia, Dr. Motley Brown, Feodora Graves e Vincent von Herring, eram presenças reconfortantes. Os demais anciãos também se disponibilizaram a acompanhar os aprendizes, caso fosse necessário que qualquer um saísse da Grande Galeria. Aparentemente estava funcionando. O museu parecia calmo.

Ainda assim, por mais que tentasse, Archie não tirava da cabeça a ideia de que algo muito ruim estava prestes a acontecer. Caminhava pela Grande Galeria com uma sensação de medo. Toda vez que dirigia o olhar para as outras galerias, esperava ver as estantes vazias ou incendiadas.

Todos tentavam disfarçar a tensão com expressões de valentia. Rupert Trevallen parecia bem concentrado em sua pesquisa em uma das mesas de leitura, observando um livro sobre criaturas mágicas. Estava aberto em uma página que descrevia os vargs – desagradáveis criaturas semelhantes aos lobos. Quando Archie passou por ali, Rupert fingiu que sua mão era a mandíbula de um animal feroz, e mostrou os dentes, rosnando. Logo em seguida, deu uma piscadela amistosa.

Archie sorriu e continuou andando. Acima dele, Amora se equilibrava sobre uma escadinha de mão, tentando alcançar as prateleiras mais altas. Assim que viu Archie, retirou dali um livro sobre *banshees* escandalosas, acenou para o primo e fingiu perder o equilíbrio. Archie riu de seu movimento desengonçado.

Até mesmo Peter Quiggley, o novo aprendiz que havia sido atacado nos arredores do Pena & Tinta, tentava entrar na brincadeira. Era um garoto magricela e de cabelos claros. Passava por ali com um carrinho de mão lotado de livros sobre plantas mágicas e um regador logo em cima.

– O que foi? – disse ao deparar com o olhar curioso de Archie. – Elas precisam ser replantadas.

Archie se permitiu dar um leve sorriso. Sabia que o humor era forçado, mas, pelo menos por fora, todos pareciam confiantes de que os anciãos planejavam algo eficiente para proteger os livros mágicos. Archie deveria acreditar mais neles. O museu sobreviveu em Oxford por centenas de anos. E permaneceria ali por muitos outros ainda.

O menino pensava sobre todas as mudanças pelas quais o museu havia passado quando, de repente, ouviu um grito abafado vindo de trás dele.

Era Peter Quiggley. Seu carrinho de mão estava jogado no chão ao seu lado e as rodinhas ainda giravam. Archie pensou que fosse alguma espécie de brincadeira, quando percebeu o semblante de pavor no rosto do colega. Nesse instante, Archie notou o que havia assustado o garoto. As plantas estavam pulando de dentro dos livros. Uma trepadeira crescia em velocidade exponencial e se enroscava pelo corpo de Peter, começando a espremê-lo bem na altura da cintura. Enquanto Archie observava, uma rosa de tom azulado expandia seus caules espinhosos e começava a se emaranhar em volta dos ombros do garoto e uma trompeta trepadora de cor laranja já se contorcia como uma cobra nos pés de Peter.

– O que está acontecendo? – gritou Archie, tentando, desesperadamente, arrancar a trompeta trepadora dos pés de Peter.

– São os livros! – respondeu o menino. – Estão enlouquecidos!

Um estrondo vindo das galerias pôde ser ouvido, seguido por mais um grito. Archie virou-se e observou a cadeira de Rupert sendo arremessada. Rupert tentava desesperadamente se afastar do livro, que começava a rugir baixinho em cima de sua mesa. Sem que ninguém esperasse, um enorme e irritadiço lobo cinzento pulou de dentro do livro, rosnando e babando. O animal se aproximava silenciosamente de Rupert, enquanto mantinha a cabeça baixa em posição de ataque e os dentes à mostra.

– É um varg! – gritou Rupert, segurando uma cadeira em sua frente para se proteger. – Busquem ajuda! Rápido!

Antes que Archie pudesse reagir ao pedido, escutou um berro no andar de cima, seguido por um volumoso e agudo

gemido. O livro que Amora estava segurando havia se rasgado ao meio, libertando três fantasmagóricas bruxas de rostos assustadoramente pálidos e olhares penetrantes. As *banshees* eram envoltas por uma luminosidade cinza-escura e seus gemidos provocavam tamanho pavor, que qualquer reação se tornava praticamente impossível.

Amora agarrou-se à escadinha com seus braços e tentou tapar os ouvidos com ambas as mãos. As *banshees*, com seus semblantes maquiavélicos e seus gemidos agudos e ensurdecedores, começaram a flutuar nas mais variadas direções, atormentando ainda mais os aprendizes.

Involuntariamente, os livros de todas as prateleiras libertavam seus conteúdos mágicos. Um volume especialmente grande saltou de uma das estantes e explodiu, liberando uma luz azulada e um horrível cheiro de enxofre. Uma gárgula de feições demoníacas irrompeu de uma das páginas e, imediatamente, correu em direção às galerias, retirando os livros ainda guardados nas estantes para arremessá-los pelos ares, intensificando o caos instalado.

A Galeria já havia se transformado em um pandemônio, com aprendizes tentando desesperadamente se salvar. O clima estava tenso demais com aquelas criaturas ali, que golpeavam o ar e agitavam-se por todas as direções. As capas dos livros de onde saíram estavam espalhadas pelo chão. Em algum lugar no meio da bagunça, alguém chorava incontrolavelmente. Arabella Ripley encolheu-se debaixo de uma das mesas, protegendo a cabeça com ambas as mãos.

– São os grimórios! – choramingou. – Estão liberando seus feitiços!

Naquele momento, uma fileira inteira de livros negros saltou de uma das prateleiras. Suas capas se abriam e ejetavam terríveis morcegos-vampiros, em uma espécie de espetáculo demoníaco de fogos de artifício.

Amora deixou de lado a escadinha e tentava se defender das bruxas com um livro. Inesperadamente, o livro evaporou-se, deixando um rastro de fumaça negra, que depois de se esvaír no ar, revelou uma serpente em suas mãos. Ela deu um berro, largando a serpente, que insistia em arrastar-se atrás dela.

Rupert agora estava encurralado diante de uma parede, observando desprotegido um bando de vargs destruírem um livro mágico, rasgando-o em pequenos retalhos. Peter Quiggley já havia desaparecido completamente no meio da floresta de trepadeiras.

Archie sentiu a raiva borbulhar dentro de si. Podia escutar o chamado de vozes malignas vindas de dentro dos livros. Sabia que era o único ali capaz de ouvir aquelas coisas e, por isso, deveria tomar alguma providência. Ele possuía algum tipo de controle relativo a esse dom, mas não sabia exatamente qual. Se resolvesse utilizá-lo, poderia piorar as coisas. Ainda assim, resolveu tentar.

– Deixem-no em paz! – gritou Archie para os vargs. Os animais, nitidamente irritados, pararam de fitar Rupert por um instante e direcionaram seus furiosos olhos vermelhos para o garoto. O maior dos vargs mostrou os dentes e rosnou impetuosamente em tom de ameaça.

– Já avisei. Deixem-no em paz! – tentou Archie novamente. Mas sua voz parecia fraca e insegura.

– Não há nada que você possa fazer, Archie! – assegurou Rupert. – Vá buscar ajuda!

Ao escutar aquela voz, o bando de vargs voltou a fitar Rupert. No mesmo instante, uma das *banshees* deu um rasante bem próximo ao rosto de Archie, gargalhando maliciosamente diante do feito.

– Saia de perto de mim – gritou Archie. – Senão, eu... – Mas não soube como completar a frase.

– Senão, você o quê? – ironizou a bruxa. – Vai me matar com seu poder de ouvinte? Ha! Ha! Ha!

Archie sentiu uma explosão de raiva.

– Sim – gritou, trincando os dentes. – Eu mataria... se ao menos soubesse como!

A bruxa gargalhava pelo ar. Archie olhou ao seu redor em desespero. O que deveria fazer? Nada do que ele havia tentado ajudou.

Enquanto ainda pensava em uma solução, as portas da Grande Galeria se abriram. Gideon Hawke surgiu no meio do salão, acompanhado de Wolfus Bone, que trazia consigo uma garrafa catapulo. Bone apontou o frasco em direção à enlouquecida gárgula, liberando o vapor esbranquiçado. O vapor envolveu a criatura, mas não causou qualquer efeito. A gárgula apenas olhava maliciosamente e continuava a derrubar os livros das estantes.

O rosto de Gideon Hawke tinha clima de tempestade. Em uma das mãos segurava um cajado de madeira que Archie já havia visto em seu escritório.

– Voltem para seus livros – ordenou e, então, bateu o cajado no chão por três vezes. Os desordeiros pareciam resistir, mas Hawke repetiu o comando uma segunda vez.

– Voltem para seus livros, ou destruirei vocês e os livros de onde vieram!

A gárgula desceu da Galeria e derrubou mais uma fileira de livros ao chão em um comportamento desafiador. Hawke apontou o cajado em sua direção. A gárgula foi consumida pelas chamas e, em segundos, não passava de um monte de cinzas.

Hawke apontou o cajado em direção às *banshees*, que ainda gargalhavam pelo recinto. Uma a uma, foram todas

incineradas. Os morcegos-vampiros receberam o mesmo tratamento.

Os gritos de medo de Rupert Trevallen tomavam conta do ambiente. Os vargs pularam em sua direção trincando os dentes e vibrando as mandíbulas. Hawke deu a volta e apontou o cajado novamente. Ainda no ar, as criaturas viraram cinzas.

– Foi por pouco – disse Rupert. – Achei que fosse virar comida de varg.

Hawke concordou, mas seu semblante era sério. Um grito abafado parecia vir de trás dele.

– Peter! – exclamou Archie. – Ele foi atacado pelas plantas mágicas – Todos se viraram para observar aquele emaranhado de galhos e raízes.

Hawke apontou seu cajado em direção à trepadeira contorcida. As plantas que se enroscavam no menino logo viraram carvão, fazendo Peter Quiggley emergir suplicante por ar.

– Estão a salvo, por enquanto – informou Hawke empostando a voz. – Mas todos vocês precisam entender com o que estamos lidando. A magia negra está se fortalecendo. As criaturas já não atendem aos comandos do gancho de livros. Preferem a própria destruição à submissão ao cajado. Não poderemos contar com ele em uma próxima vez.

Perguntas sem respostas

Archie estava calado no caminho de volta para casa. O último ataque no museu havia mexido com seus ânimos. A essa altura, todos os aprendizes corriam perigo, não só ele. Alguma coisa estava corroendo-o, e ele não conseguia tirar esse pensamento da cabeça.

– Parece que os ataques estão ficando cada vez piores – disse Cardo, quando lhe contaram o que havia acontecido. – Qualquer que seja a magia que vem causando isso, deve ser extremamente poderosa para poder controlar todos os livros desse jeito. De onde vocês acham que ela vem?

– Ainda acho que o Rusp está por trás disso – disse Amora.
– Acho que ele a utiliza para roubar os livros mágicos.

– Bom, eu desconfio dos Ripleys – apontou Cardo. – Eles vêm colecionando livros mágicos há gerações. Talvez Arabella esteja seguindo os passos do avô. O que você acha, Arch?

Archie não respondeu. Estava imerso em seus próprios pensamentos.

– O que houve, Archie? – perguntou Amora.

– Nada.

– Achei que tivéssemos combinado de pôr fim aos segredos.

– Estou me sentindo culpado – confessou Archie.

Desde que ele e Amora escutaram que os ataques podiam estar relacionados ao seu livro, preferiram mantê-lo trancado dentro da bolsa de Archie para evitar que pudesse causar mais danos. Ainda assim, Archie sentia-se mal.

– E se Bone tiver razão? E se eu for, de fato, o culpado pelos ataques ao museu? Talvez seja uma mal de família. – Ele

não conseguia disfarçar seu maior pavor. – E se meu pai tiver sido o responsável pelo incêndio no museu doze anos atrás?

– Não – disse Cardo. – Confirmei isso com papai. Alex Greene deixou o museu antes do incêndio. Papai disse que houve uma enorme briga sobre um livro desaparecido. Seu pai foi acusado de tê-lo roubado e acabou sendo obrigado a sair.

– Cada vez fica melhor – ironizou Archie. – Então agora meu pai é um ladrão de livros, além de piromaníaco?

– Mas é disso que estou falando – concluiu Cardo. – Se ele já tinha deixado o museu, não poderia causar o incêndio, poderia?

– Ah, entendo o que você quer dizer – concordou Archie. – Mas isso ainda não explica a razão de ter roubado um livro. Por que ele faria isso?

– Espera aí – disse Amora. – Você está tirando conclusões precipitadas de novo. Nós não sabemos se ele pegou o livro. E se ele roubou, bem...

Archie franziu o cenho.

– Você vai dizer que deve ter sido por uma boa razão, certo?

– Bom... humm, sim – afirmou Amora. – Assim como você teve uma boa razão para não devolver seu livro.

– O que não torna a atitude certa – rebateu Archie. – Ainda assim é descumprir o Mandamento. E se meu livro estiver, de fato, causando os ataques no museu?

– Nós nem sabemos se seu livro é maligno – assegurou Amora. – É capaz de ser um dos Grandes Livros de Magia.

– Isso é verdade – concordou Archie em tom pensativo. Não falou mais nada. Mas decidiu, de uma vez por todas, que descobriria.

No dia seguinte, Archie teve sua chance. Enquanto os demais aprendizes e os anciãos estavam ocupados com seus afazeres, Archie olhou fixamente para Amora.

– Ei, Mó, tenho uma ideia, mas preciso que você vigie para mim.

– O que você vai fazer? – quis saber Amora.

– Vou perguntar ao *Livro do Passado*.

– Archie, não acho que seja uma boa ideia. Você teve sorte uma vez, mas sabemos que os aprendizes não estão autorizados a consultar os livros mágicos.

– Isso porque nem todos são ouvintes de livros – respondeu.

– E, de qualquer maneira, só assim saberemos se o livro é maligno ou bom. Bom, você está comigo nessa, ou não?

– Claro que estou, mas não gosto nada disso.

Os dois primos entraram sorrateiramente no Scriptorium. Como da outra vez, as tochas magicamente se acenderam quando eles entraram. Archie se aproximou do *Livro do Passado*.

– Por que meu pai não queria que eu tivesse conhecimento da magia? – perguntou incisivamente.

Ele pôde escutar a mesma voz áspera:

– Você voltou, ouvinte?

– Sim – replicou Archie. – Preciso de respostas.

– Você foi avisado sobre os perigos de insistir em revirar o passado – disse a voz. – Sua segurança não pode ser garantida.

– Sei disso – concordou Archie. – Mas preciso saber por que meu pai sempre quis manter-me afastado do museu.

O *Livro do Passado* se abriu, mas bruscamente se fechou. Um novo marcador de páginas surgiu entre suas folhas.

– Está feito. Mas ainda há tempo para mudar de ideia. Você deseja consultar o passado?

– Sim, desejo – garantiu o menino.

– Que assim seja!

Archie deu um passo à frente e abriu o livro na página em que se situava o marcador.

O cabeçalho datava de 14 de abril de 1603 – exatamente um mês após sua última consulta.

Assim que Archie tocou a página, sua superfície se movimentou, novamente sugando-o para dentro do livro. Ouviu o sobressalto de Amora e, então, fechou os olhos.

Quando os abriu novamente, estava de volta à sala repleta de livros. Como da outra vez, podia observar o velho homem sentado à mesa. Agora, Archie sabia que se tratava de John Dee. Na mesa à sua frente estava seu livro.

Do lado oposto ao de Dee, sentava-se o mesmo homem da outra vez. Novamente, Archie não pôde ver seu rosto.

– O que você descobriu? – perguntava o homem a Dee.

Dee fez um movimento negativo com a cabeça.

– Não quero mais lidar com você e seu livro – declarou raivosamente.

– Mas nós tínhamos um acordo – disse o homem. – Se eu trouxesse o livro, você deveria decifrar seu conteúdo.

– Exatamente o que fiz – garantiu Dee. – Mas não compartilharei isso com você, nem com ninguém.

– Fizemos um negócio!

– E eu cumpri minha parte no negócio – refutou Dee em tom de fúria. – Dei a você o nome do ouvinte de livros. Em troca, você deveria entregar a mim o livro que eu desejava.

– E eu entreguei – garantiu o homem.

– Isso não é um livro dos anjos – cuspiu Dee. – Isso é um livro de magia negra.

O homem gargalhou em tom de desdém.

– Só um idiota esperaria algo diferente.

– Talvez esteja certo – disse Dee. – Fui um idiota em acreditar, mesmo que esteja escrito na linguagem dos anjos. Ninguém cometerá o mesmo erro. Tranquei o livro com um fecho mágico forjado por mim mesmo. Não permitirei que seja aberto por ninguém, apenas por um ouvinte de livros.

O homem permaneceu calado enquanto refletia sobre o que lhe era dito. Até que, finalmente, proferiu:

– Que bom que já tenha identificado um para mim, então.

– Mas isso ainda levará quatrocentos anos! – exclamou Dee.

– Ah, mas a espera valerá a pena – debochou o homem. – O livro será entregue ao menino.

– Não! – gritou Dee em um rompante de ódio. – O livro há de ser devolvido ao Museu das Coleções Mágicas! É o único lugar onde ficará seguro.

– É um pouco tarde para isso – zombou o homem. – Além do mais, tenho um plano muito melhor.

O rosto de Dee ficou pálido.

– O que você pretende fazer?

– Venho fazendo pesquisas em um escritório de Londres chamado Folly & Catchpole. Eles são especializados em instruções mágicas e garantem total discrição. Farão a entrega do livro ao menino em uma data futura.

Dee observava chocado.

– Mas como ele saberá do que se trata? – perguntou.

– Ah, ele descobrirá – zombou o homem. – No devido tempo.

- Eu o proíbo!
- Você não tem como evitar.
- Então, terei que alertar o menino.

Dee lançou-se na direção do livro, mas o outro homem era rápido demais. Saltou de sua cadeira e foi embora já com o livro em suas mãos.

A sala escureceu e Archie teve a impressão de estar caindo novamente.

*

Ao abrir os olhos, Archie notou que estava de volta ao Scriptorium.

– Aí está você – disse Amora aliviada. – Estava começando a me preocupar. O que você descobriu?

– Acho que meu livro carrega magia negra.

– Mais uma razão para sairmos daqui já – sugeriu Amora. – Vamos!

– Mas estou a um passo de descobrir o que está acontecendo – suplicou Archie. – Só preciso de mais uma resposta.

Amora parecia desconfortável.

– Não, Archie. Até eu sei que não se deve brincar com o *Livro do Passado*. Vamos procurar por Gideon Hawke.

A menina caminhou em direção à porta.

– Você vem comigo ou não?

Ele a olhou de relance.

– Humm, sim, logo atrás de você.

Amora abriu a pesada porta de madeira e deixou o Scriptorium.

Archie estava prestes a sair quando o *Livro do Passado*, subitamente, se abriu. As folhas moviam-se desordenadas. Quando, enfim, o livro se fechou, Archie mais uma vez pôde ver o marcador em uma das páginas.

– A pergunta que você ainda não fez pode ser respondida, ouvinte, mas o perigo aumenta a cada questionamento – proferiu a voz áspera. Archie não deu a mínima para o aviso, ele já estava abrindo o livro. A data marcada era 26 de julho de 48 a.C.

O Livro das Almas

Quando Archie abriu os olhos, estava em um pátio enluarado. O ar era quente e cheirava a plantas aromáticas do Mediterrâneo. À sua frente, avistava-se uma esplêndida construção de pedra. Archie sabia que se tratava da Biblioteca de Alexandria.

Uma figura alta e morena movimentava-se de maneira furtiva pelo pátio. Observando com muita atenção o que estava à sua volta, Archie caminhou agachado até uma entrada oculta. Estava prestes a seguir a figura, quando se deu conta de que já estava dentro do prédio. Enquanto observava o ambiente, escondido atrás de uma pilastra, a mesma figura alta passou pelo local. Estava tão próxima que Archie pôde notar que era um homem realmente alto, com nariz adunco e sombrios olhos negros, como os de uma ave de rapina. Seus olhos escuros vasculhavam as sombras, como se pudessem sentir a presença de mais alguém, mas passaram por Archie sem percebê-lo ali.

O homem acendeu uma tocha e apressou-se até uma passagem de pedras. Archie o seguiu, até que chegaram a uma pesadíssima porta de ferro. Archie deu um jeito de atravessar a porta rapidamente, antes que o homem pudesse fechá-la atrás de si.

Estavam em uma enorme sala, de teto baixo e repleta de livros e pergaminhos por todos os lados. Sete livros estavam acorrentados a uma das paredes do fundo. O homem destrancou um deles. Seus lábios movimentavam-se enquanto lia, em uma única respiração, tudo o que estava escrito, quando, de repente, a temperatura despencou. Figuras negras se formavam nas sombras.

Bruscamente, a porta se abriu e outro homem, vestindo uma túnica branca, estava de pé na entrada. Os dois trocaram olhares.

– Você ousa abrir um dos Volumes Terríveis? – gritou o homem de branco.

– Sim! – rosnou o outro. – Fui eu que escrevi o mais notável de todos.

– Você sabe que isso é proibido, Barzak. Se fechá-lo agora, talvez nenhuma maldição saia dele!

O homem de olhos escuros gargalhou em voz alta.

– Você é mais idiota do que imaginei, Obadiah, se pensa que é a primeira vez que abro um dos livros negros.

O homem de branco estava em choque.

– Você que é o idiota, se pensa que pode enfrentar os Volumes Terríveis.

– E por que eu deveria enfrentá-los? – questionou Barzak. – Dentro de poucos minutos, eles estarão sob meu comando.

– Não posso permitir isso – disse o homem de branco, agora sereno. – As criaturas que defendem a biblioteca foram despertadas. Elas chegarão aqui a qualquer instante. Essa é sua última chance de desistir.

– Nunca – protestou Barzak, arremessando sua tocha acesa. Uma pilha de pergaminhos inflamáveis ardeu em chamas e o fogo, rapidamente, tomou conta de uma estante.

– Você vai destruir a Biblioteca! – gritou o homem de branco.

– Os Volumes Terríveis não queimarão! – zombou Barzak. – Você sabe que eles são à prova de fogo.

– Mas e os outros...?

– Por que eu me preocuparia com os outros? – rosnou Barzak. Nisso, mais uma estante se desfazia entre as chamas.

O fogo já tomava conta do aposento e Archie mal podia enxergar por causa da fumaça. Não conseguia respirar e, com um crescente sentimento de pânico, percebeu que, embora ninguém pudesse enxergá-lo, estava preso no meio do incêndio.

A fumaça fazia seus olhos arderem e o calor já queimava seus pulmões. Archie desfalecia.

Já estava perdendo a esperança, quando sentiu algo enganchar em seu cinto, puxando-o abruptamente. Quando se deu conta, estava novamente no Scriptorium.

Gideon Hawke estava de pé bem à sua frente, segurando a ponta do cajado de livros – a outra extremidade, a do gancho, continuava presa ao cinto de Archie.

– Essa foi por pouco – disse Hawke, com um olhar carrancudo. – Mais alguns segundos e eu seria incapaz de alcançar você. Foi pura questão de sorte que ninguém tenha fechado o livro e que sua prima tenha vindo me chamar. Você está bem, garoto idiota?

Archie ainda ofegava e não conseguia pronunciar corretamente as palavras por conta da fumaça, mas acenou com a cabeça.

– E agora, Archie Greene, chegou a hora de termos uma séria conversa. Tenho sido muito paciente com você, mas minha paciência está se esgotando. – De seus olhos, brotava fúria. – Você tem algo para mim? Se me entregar agora mesmo, poderei ser um pouco mais tolerante. Esta, de qualquer maneira, é sua última chance. O museu já se encontra em enorme perigo e não posso permitir que você comprometa a segurança de agora em diante. Chega de tolice, onde está o livro?

– Na minha bolsa – gaguejou Archie.

– Entregue a mim. Agora mesmo!

*

Meia hora mais tarde, Archie e Amora estavam no departamento de Livros Perdidos. Gideon Hawke andava pra lá e pra cá de testa franzida. Wolfus Bone permanecia sentado em uma poltrona próxima à lareira.

– O livro que você vinha escondendo é realmente muito perigoso.

Archie parecia envergonhado.

– Eu deveria ter entregado a vocês antes, mas imaginei que estivesse protegendo-o. Só que agora...

Hawke ergueu as sobrancelhas.

– Agora o quê?

Archie levantou a cabeça.

– Agora acho que meu livro é o responsável pelos ataques no museu – revelou.

Hawke, com raiva, fitou o menino.

– Vamos torcer para que não seja tarde demais para impedirmos. Agora, volte ao início – disse, atenuando a expressão e sentando-se. – Quero que me conte tudo.

Archie contou a Hawke tudo que era capaz de se lembrar, desde quando Horácio Catchpole havia lhe entregado o pacote até o momento em que Gideon Hawke o tirara de dentro do *Livro do Passado*. A única informação que ocultou foi a de que era um ouvinte de livros. Parecia ser uma revelação escandalosa demais e o garoto não queria se meter em mais confusão. Ao terminar, olhou para os pés encabulado.

Hawke assentiu com a cabeça.

– Bom – disse ele. – Agora que isso está resolvido, talvez possamos ser amigos.

– O livro – indagou Archie. – O que é, então?

– Ao que tudo indica, é o *Livro das Almas* de Barzak.

Amora sobressaltou-se.

– Mas como isso é possível? – questionou Archie. – O livro está em escrita enoquiana, a língua dos anjos. Ela não é utilizada somente para escrever magia do bem?

Hawke parecia sério.

– Não é bem assim – disse ele. – É verdade que a maioria dos grandes livros de magia foi escrita na língua dos anjos. Mas ela também foi utilizada em um dos Volumes Terríveis. Era a escrita favorita dos magos escritores. E foi exatamente por isso que Barzak a escolheu para escrever o *Livro das Almas*. Ele queria esconder o verdadeiro propósito do livro.

– Bem, e claramente nos enganou – exclamou Amora.

– Mas se você sabia que eu estava com ele, por que não disse nada? – perguntou Archie.

Hawke olhou fundo nos olhos do menino.

– Eu poderia tê-lo forçado a me ceder o livro, mas acreditava haver uma razão para ele ter sido entregue a você. Preferi, então, esperar e ver como a situação se desenvolveria.

– Ele sacudiu a cabeça. – Além do mais, nem por um segundo pude imaginar que era o livro de Barzak.

– Por que o *Livro das Almas* é tão perigoso? – perguntou Archie.

Hawke não respondeu de primeira. Sua cabeça pesava e ele parecia perdido em seus próprios pensamentos. O fogo já havia cessado quando ele pegou um pedaço de lenha e jogou na fogueira. A madeira inflamável queimou imediatamente, insurgindo dali línguas de um fogo alaranjado, que se

contorcia em brasas, lambendo todo o assoalho, se enroscando e retorcendo no dismantelar das ripas.

Hawke observou as chamas por alguns instantes.

– Como vocês sabem, Alexandre, o Grande, confiou toda a sua coleção mágica aos Guardiões da Chama. Quando Alexandre morreu, continuaram o trabalho. O tempo passou. Trezentos anos mais tarde, Barzak começou a escrever magia negra, utilizando escrita enoquiana para esconder o que estava fazendo. Quando o bibliotecário chefe descobriu suas intenções, o banuiu dali. Mas era tarde demais: Barzak já havia escrito o *Livro das Almas*, o livro com a magia mais sombria que se pode imaginar – disse Hawke. – É uma magia tão maligna que é capaz de fazer caírem os céus, destruindo toda a Terra.

– E a gente pensando que era do bem, só por estar escrito na língua dos anjos – chateou-se Amora.

Hawke recuou.

– Outros cometeram o mesmo erro, inclusive John Dee. Era essa a intenção de Barzak. Mas os Volumes Terríveis corrompiam qualquer um que tentasse usar seus poderes.

“Barzak achava que poderia controlar a magia negra que havia criado, mas já estava refém do feitiço. O bibliotecário chefe acorrentou o livro aos demais Volumes Terríveis, mas Barzak não conseguia mais ficar separado dele. Rastejou de volta à Biblioteca de Alexandria e abriu o cômodo onde os Volumes estavam guardados. Tenho certeza de que sua intenção era liberar toda aquela magia e tornar-se seu mestre. Mas o bibliotecário chefe o pegou em flagrante. No meio da briga, Barzak iniciou um incêndio e a Biblioteca foi destruída.”

– E Barzak, o que aconteceu com ele? – perguntou Archie.

– Foi consumido pelas chamas, mas antes disso jurou vingança. Amaldiçoou a Biblioteca, assim como amaldiçoou o bibliotecário chefe e todos seus descendentes.

Hawke fez uma pausa.

– Ele se chamava Obadiah Greene. Sim, Archie, seu ancestral.

Archie ficou boquiaberto.

– Que estranha coincidência – disse Amora – o livro ter vindo para Archie quando um ancestral dele foi o responsável pela destruição do autor.

– Se tiver sido uma coincidência – disse Hawke, em tom de ameaça.

– Mas como John Dee se encaixa nessa história toda? – perguntou Archie. – Ele chegou muito mais tarde.

– Correto, John Dee era um colecionador e também um mago – explicou Hawke. – Ele passou metade de sua vida tentando encontrar os Livros Perdidos de Alexandria. Esse livro foi sua maior descoberta. Pelo menos, imaginou que fosse. Mas Dee se enganou quanto ao propósito do *Livro das Almas*. Imaginou que lhe permitiria falar com os anjos.

– Achamos que foi Dee quem me enviou a charada – observou Archie. – Tinha o símbolo dele impresso... você acha que é importante?

– Não devemos desconsiderar isso – disse Gideon. – Vou pedir aos anciãos que deem uma olhada.

Naquele instante, um tumulto ocorria do lado de fora do escritório de Hawke e Vincent von Herring entrou porta adentro.

– Gideon, Wolfus. O que significa tudo isso que tenho ouvido sobre um dos Volumes Terríveis ter sido encontrado?

– Acredito que tenhamos recuperado o *Livro das Almas* – informou Gideon Hawke.

– O livro de Barzak? – gritou Von Herring. – Céus! Há quanto tempo vocês têm ciência disso?

Archie, temeroso, fitava Hawke. Temia estar prestes a se meter em mais uma encrenca.

– Estamos de olho nele há um tempo – respondeu Hawke. – Graças ao Archie.

– Bom trabalho, Gideon – cumprimentou Von Herring. – Normalmente, não aprovo aprendizes se envolvendo com livros perigosos, mas meus parabéns, Archie. – Seus olhos pousavam sobre o livro na escrivaninha de Hawke. – É aquele ali? – perguntou.

Hawke assentiu com a cabeça.

– Acreditamos que sim. Mas ele deve passar por todos os procedimentos necessários para que possamos ter certeza disso. Eu o enviarei aos cuidados de Morag.

– Não há tempo para isso, Gideon! – exclamou Von Herring. – Se esse é o *Livro das Almas*, não podemos correr qualquer risco. Vou colocá-lo na cripta imediatamente.

– Mas nós devemos esperar até que Morag tenha pesquisado o livro no arquivo – determinou Wolfus Bone.

Von Herring olhou para ele.

– Qual é o problema, Wolfus?

– Eu preciso de mais tempo para estudá-lo. Para ter absoluta certeza.

Von Herring lançou um olhar áspero.

– Você acha isso prudente, Wolfus? Certamente, você e Gideon sabem mais do que qualquer um que os Volumes Terríveis provocam uma horrível influência.

– Mas existem procedimentos que devem ser seguidos, particularmente com um livro poderoso como esse – protestou Bone. – Preciso de mais tempo.

– Não temos mais tempo – refutou Von Herring. – O museu está sofrendo ataques. Não podemos nos arriscar. Se esse for um dos sete, precisa ser trancafiado na cripta. E como diretor dos Livros Perigosos, definitivamente insisto nisso. Eu mesmo vou levá-lo para lá. Nesse instante.

Antes que qualquer um pudesse impedi-lo, Von Herring já havia pegado o livro e marchado para fora do escritório de Gideon.

A ampulheta

A notícia de que um dos Volumes Terríveis havia sido recuperado repercutiu entre os aprendizes. A sensação de alívio coletivo misturava-se com a clara noção de que o museu ainda estava em máximo estado de alerta, já que os anciãos temiam a iminência de um ataque dos Insaciáveis. Alguns aprendizes optaram por abandonar seus trabalhos, embora a maioria tenha decidido ficar. Archie e Amora estavam entre eles.

O Velho Zeb permanecia cauteloso.

– Agora que o *Livro das Almas* está devidamente trancado na cripta, vamos torcer para que tudo se resolva – disse o velho restaurador. – Mas não posso acreditar que você tenha guardado esse segredo de mim por tanto tempo, Archie.

– Desculpa – respondeu, sentindo-se envergonhado. – Não fazia ideia de que era tão perigoso. Pelo menos agora sabemos o que os Insaciáveis tanto procuravam.

– Humm... – balbuciou o velho. – Presumo que sim, mas Gideon Hawke afirma que o perigo ainda não acabou. Ele acredita que os Insaciáveis ainda estão tramando um ataque ao museu.

– Ataque? Como? – perguntou Archie.

– Não sei – garantiu o Velho Zeb. – Mas Gideon sempre diz que devemos permanecer atentos. Ele chegou a sugerir que os aprendizes relembrem seus conhecimentos sobre magia negra, como forma de precaução. Agora, leve essas garrafas catapulo para o museu. Nós não queremos nenhuma magia ao alcance dos Insaciáveis.

– Ele falou algo sobre a charada?

– Não – garantiu o velho. – Mas deixe isso com os anciãos. Vamos nos reunir mais tarde para discutir os planos de proteção ao museu.

Archie ainda pensava na charada quando chegou ao museu.

A maioria dos aprendizes estava na Grande Galeria. Archie avistou Rupert Trevallen e perguntou o que fazer com as garrafinhas.

– Você se refere ao mamute? – disse Rupert. – Vou levar esse aqui até o Zoológico de Criaturas Místicas. Mas o Sr. Bodwin terá que ir à Central do Sistema de Engarrafamento. Pergunte à Enid sobre ele. Agora, ela é quem cuida da magia remanescente.

Archie agradeceu. Entregaria o outro frasco à Enid quando a encontrasse. Archie sentou-se diante de uma das escrivaninhas e abriu o *Guia de sobrevivência diante de seres e animais malignos*. Procurou por “lobo-de-fogo”.

Lobo-de-fogo: Parentes distantes do lobisomem, lobos-de-fogo são parte lobo, parte dragão. Assim como outras criaturas malignas, um lobo-de-fogo só pode ser destruído por uma arma mágica (para saber mais sobre arma mágica, consultar *O inventário dos instrumentos mágicos*).

Archie procurou pelas prateleiras até encontrar *O inventário dos instrumentos mágicos*. Qual era mesmo o nome daquela adaga negra que ele tinha visto no escritório de Hawke? Hawke a chamava de lâmina sombria. Folheou o livro até encontrar a definição.

Lâmina sombria: Trata-se de uma arma mágica capaz de capturar o reflexo da luminosidade natural noturna – normalmente um luar ou a luz de uma estrela –, retendo seu poder. Por poder penetrar em qualquer tipo de escuridão, lâminas sombrias são úteis para destruir espíritos obscuros (para saber mais sobre espíritos

obscuros, consultar *Seres e animais malignos*, vol. I). A maioria das lâminas sombrias é feita de obsidiana, o vidro escuro forjado no interior de um vulcão, ou de outros materiais antirreflexivos, como o ébano e o âmbar negro.

Archie estava prestes a fechar o livro, quando reparou que na extremidade de uma das páginas havia uma dobra meticulosa.

Lente imaginária: Por vezes confundida com uma lente de aumento comum, a lente imaginária é um instrumento de magia que amplia a imaginação da pessoa que olha para ele. A palavra “imaginação” tem a mesma origem da palavra magia, e muitas das principais autoridades (incluindo Gideon Hawke do Museu das Coleções Mágicas em Oxford) garantem que a imaginação humana é o último vestígio do poder mágico que um dia todos nós já possuímos.

Archie leu a definição mais uma vez. Nunca imaginaria que livros de referências pudessem ser tão interessantes.

Estava relendo a definição da lâmina, quando ouviu um ruído de assobio, como ar escapando. Deu de ombros e continuou seus afazeres. Mas o ruído não ia embora.

Estava vindo do Scriptorium. Com calma, Archie abriu a porta e, instantaneamente, as tochas se acenderam. O ruído vinha da cúpula de vidro, mas agora se assemelhava mais a uma corrente d'água.

Archie atravessou todo o cômodo e subiu os degraus de madeira até chegar à plataforma de observação. Enquanto espreitava através do vidro, seu rosto empalideceu de medo. Correu o mais rápido que pôde em busca de ajuda.

Gideon Hawke, Wolfus Bone e Morag Pandrama vieram imediatamente. Os demais chefes de departamento se juntaram a eles.

– O *Livro de Cálculos* – berrou em tom agudo Morag Pandrama. A areia caía rapidamente através da ampulheta de cristal.

– Mas isso é impossível! – disse Wolfus Bone quase sem ar.

Gideon Hawke olhou para o livro.

– Não – sussurrou ele. – Não é impossível. Mas muito lamentável. E é o que eu vinha temendo: os livros estão se preparando para liberar suas magias.

– Quanto tempo ainda temos, Gideon? – perguntou Bone.

Hawke observava a ampulheta.

– Alguma horas, no máximo.

*

Quando, alguns minutos mais tarde, encontrou Cardo no Pena & Tinta, Archie contou-lhe sobre o *Livro de Cálculos*. As cores desapareceram do rosto do garoto.

– Isso não é nada bom! – exclamou Cardo.

– Não – concordou Archie. – Os anciãos do museu estão em reunião nesse instante para decidir o que fazer.

– Isso explica por que vi todos os aprendizes saindo de lá mais cedo – disse Cardo. – Cadê a Mó?

– Vem vindo aí. Parou para conversar com o Rupert.

– Os anciãos pensarão em algo – disse Cardo, tentando soar confiante.

– Talvez – ponderou Archie. – Mas não me sai da cabeça a ideia de que a charada do John Dee é importante nisso tudo. Tenho certeza de que significa algo.

Logo, Amora se juntou aos meninos.

– Eu sei o que está atrás da porta azul – anunciou quase sem ar. – E vocês não vão acreditar quando escutarem! Perguntei a

Rupert se alguma vez ele já tinha visto uma criatura com olhos de âmbar. Ele disse que investigaria para mim e, então, me mostrou isso aqui. – Ela revelou aos garotos uma anotação. – Foi tirada de uma definição da *Encyclopaedia Animalia Rarus*.

“A criatura que Archie viu é uma fera protetora de livros! E existem duas espécies delas. São feitas de pedra e guardam tesouros e outros itens preciosos. São encontradas nas tumbas dos anciãos e nesses tipos de coisas.”

– Mas a criatura que vi não era feita de pedra. Ela era muito viva – garantiu Archie.

– Sim, feras protetoras de livros podem ganhar vida quando os itens que elas protegem correm algum tipo de perigo. E quando isso acontece, seus olhos brilham em tom de âmbar. E outra coisa, a última dupla de feras protetoras de livros de que se tem conhecimento protegia os livros mágicos da Biblioteca de Alexandria... e tinham formato de grifos.

– O que quer dizer que tinham cabeça e asas de águia, e o corpo de um leão! – completou Archie. – Mó, você está pensando no que estou pensando? Sobre a charada?

– Agora são os dois falando em charadas! – reclamou Cardo. – No que vocês dois estão pensando?

– Na charada! – suspirou Amora, animada.

“Profundamente enterrado na fria caverna
Um segredo ainda hiberna
O prêmio guardado por duas sentinelas arcaicas
Com coração de leão e olhos de águia.”

– Agora entendi – vociferou Cardo. – Estão se referindo às feras protetoras de livros!

Amora sorriu.

– Sim, e tem algo mais a respeito delas. Elas podem falar! Várias pessoas garantem que já conversaram com elas. Devem

estar guardando algo extremamente poderoso, afinal essa é a função delas. Mas o quê?

Archie pegou sua bolsa.

– Como você sempre diz, Mó, só existe uma forma de descobrir!

– Esperem um minuto – pediu Cardo. – Não havíamos combinado que Gideon Hawke tomaria conta disso de agora em diante? Pode ser algo realmente perigoso.

– Hawke está na reunião com os demais anciãos – disse Archie. – E Von Herring sempre diz que eles jamais devem ser incomodados. Essa missão cabe a nós!

Leitura na escuridão

Archie, com muito cuidado, abriu a porta da Trilha de White, tentando fazer com que o sininho não tocasse. Sem qualquer sinal de Marjorie, os três primos se esgueiraram por entre as trilhas de livros em direção à cortina de veludo.

Quando alcançaram a estante onde Archie havia escutado o sussurro dos livros anteriormente, o menino parou.

– Olá – disse em tom de urgência. – Vocês têm que falar comigo. Preciso de ajuda!

– Estou muito fraco – disse *O pequeno livro das bênçãos*. – Todos nós estamos.

– Desculpem-me por não ter ajudado quando me pediram socorro, eu não tinha noção do tamanho do perigo. Era o meu livro que estava roubando magia de vocês, não era?

– Sim – sussurrou *O pequeno livro das bênçãos*. – Tentei te avisar.

Archie assentiu com uma expressão entristecida.

– Pensei que meu livro estava em perigo. Agora percebo que ele era o próprio perigo.

– Sim – concordou o livrinho. – E por que você veio agora?

– Sou um ouvinte de livros – disse Archie. – É meu dever proteger os livros mágicos.

– Você vai enfrentar as feras, não vai?

Archie desviou o olhar.

– Sim – arfou. – Você sabe qual segredo elas guardam?

– Elas fazem a proteção de uma entrada da cripta, mas sei que existe um outro segredo que desconheço – disse o

livrinho. – Leve-me com você, que trarei sorte.

Archie tinha o pressentimento de que precisaria de toda a sorte do mundo. Assim, enfiou o livrinho no bolso.

– Abençoado seja, Archie Greene. Você precisará ser corajoso quando a hora chegar.

Os três primos correram escada abaixo. Quando chegaram à porta azul, Archie retirou uma das tochas do suporte. Respirou fundo e girou a maçaneta invisível.

A fera protetora de livros permaneceu imóvel. Tinha cerca de dois metros e meio de altura e era esculpida em um único bloco de pedra cinzenta. Sua cabeça era similar à de uma enorme águia, com um apavorante bico em formato de gancho e olhar afrontador. Logo abaixo do pescoço, via-se o musculoso corpo de leão de pelagem esculpida, que parecia crescer pelo tórax e pela costela da criatura. Duas asas descomunais estavam presas às suas costas.

– Fiquem aqui – disse Archie a Amora e Cardo. – É melhor que um de nós tente falar com ela.

Quando se aproximou, os olhos da criatura se iluminaram em um tom de âmbar.

– Oh, não – sussurrou Cardo. – Acho que você a despertou.

Com um ruído de pedras chocando-se contra mais pedras, a fera moveu a cabeça encarando Archie. Um fio de luz tomou conta da criatura e toda aquela pedra cinzenta começou a ganhar vida. Archie sentiu as pernas tremerem como gelatina. Respirou fundo.

– Saudações, poderosa fera protetora de livros – gritou o mais alto que pôde. Sua voz ecoava pelas paredes e, então, desaparecia na penumbra.

A sentinela mostrou as garras. Quando falou, sua intensa voz ressoou pela escuridão.

– Quem são vocês, que me incomodam em minha cova? – rugiu.

– Sou Archie Greene, aprendiz no Museu das Coleções Mágicas. E essa é Amora Foxe e seu irmão, Cardo.

– E qual é seu motivo para me incomodar, Archie Greene?

– Vim por uma questão de extrema urgência. – Archie falou alto, tentando projetar a voz naquele vazio.

– Vocês, humanos, sempre com pressa – suspirou a criatura. Archie pôde detectar uma profunda tristeza em sua voz. – Veja todo o mal que a pressa de vocês fez com o mundo. – Então, moveu vagarosamente a enorme cabeça de águia de um lado para o outro.

Archie sentiu sua coragem oscilando, mas manteve a postura.

– Poderosa fera protetora de livros, guardiã de segredos, compreendo que tenha uma péssima opinião sobre os humanos – afirmou Archie.

– Alguns humanos – corrigiu a criatura. – Não todos. Mas a maioria não é digna de qualquer esforço. Receio que toda a sabedoria ou magia que um dia sua espécie possuiu, há muito tempo já foi esquecida.

– Mas é exatamente sobre isso que vim falar – disse Archie, notando a possibilidade de mudar o rumo da conversa. – Preciso da sua ajuda para proteger os livros mágicos que ainda restam.

– Vocês humanos e seus livros mágicos. Por séculos, minha espécie protegeu seus tesouros.

– E o que você protege aqui? – perguntou Amora, encorajando-se.

A sentinela levantou a cabeça e fez um movimento com suas veementes asas.

– Essa conversa chegou ao fim. Podem se retirar e viver. Mas se insistirem em ficar, levarei vocês a julgamento.

Archie notou que algo deixou a sentinela furiosa e que agora eles corriam grande perigo.

– Nós nos retiraríamos, se pudéssemos – clamou. – Mas algo terrível está prestes a acontecer se não agirmos.

Archie sabia que era sua última oportunidade. Respirou fundo.

– Há um grande segredo que só você pode desvendar – gritou. O menino imaginou que despertar a curiosidade da criatura seria a melhor opção. – Mas se você envelheceu e ficou esquecido, deixarei que descanse. – Começou a caminhar em direção aos primos, fingindo ir embora.

– Espere – a voz da criatura ecoou pela caverna de pedra. – Qual é o segredo a que se refere?

– É uma charada que só você sabe a resposta.

– Conte-me essa charada – ordenou a criatura.

Archie recitou as palavras que havia memorizado. Ressoavam enquanto eram ditas.

“Profundamente enterrado na fria caverna
Um segredo ainda hiberna
O prêmio guardado por duas sentinelas arcaicas
Com coração de leão e olhos de águia.”

A sentinela permaneceu em silêncio. Archie tentou novamente.

– O prêmio guardado por duas sentinelas arcaicas. Com coração de leão e olhos de águia. É você! – falou bem alto.

A criatura curvou sua cabeça de águia solenemente.

– É verdade – concordou. – É uma descrição sobre mim e meu irmão. Quem escreveu essa charada?

– Foi escrita há muito tempo – informou Archie. – Por um homem que queria manter seus segredos protegidos. Ele os escondeu em um lugar especial. Seu nome era John Dee. Você se lembra dele?

A fera curvou a cabeça mais uma vez.

– Sim, eu me lembro dele. Nós prometemos ao mago que ninguém passaria por aqui sem a palavra secreta. Você sabe qual é a palavra secreta?

Archie pensou bastante. E recitou a segunda parte da charada.

“As sombras dormem no silêncio escuro
O presente final permanece seguro
Para passar, basta descobrir
O nome daquele a quem melhor servi.”

– O nome daquele a quem melhor servi? Eu sei isso. A quem Dee serviu? Dee serviu a Rainha Elizabeth – disse Archie.

– É essa sua resposta?

– Não – garantiu Archie. – Dee não a chamaria assim.

Em sua mente, ele podia ver a escrita enoquiana da charada dançando diante de seus olhos. Algo estava guardado nas profundezas de sua memória. Se ele apenas pudesse se lembrar o que era...

– Archie, tente isso – disse Amora. Ela retirou a lente imaginária de seu bolso. Archie fitou a fera protetora de livros através das lentes cor-de-rosa. Fechou os olhos em busca de concentração. Quando abriu novamente, algo acendeu em sua mente.

– Dee tinha um apelido para a Rainha Elizabeth. Li no livro. Gloriana. Era assim que Dee a chamava. Gloriana é a resposta.

– Está correto! – rugiu a fera protetora de livros.

Archie suspirou em tom de alívio.

– Mas há outro teste – disse uma segunda voz de pedra.

Archie dirigiu o olhar para a outra fera protetora de livros que se aproximava através da escuridão. Quando as duas feras colocaram-se uma ao lado da outra, ficou claro que eram uma dupla – como um par de aparadores de livros, desses que são usados em estantes. Exceto pelo fato de que mediam dois metros e meio de altura.

– O outro teste! – bradou Archie.

– Sim – disse a segunda fera. – O mago nos disse que somente o ouvinte de livros deveria ser autorizado a passar. É você?

– Sim. Sou eu!

– Prove! – ordenou a fera.

Com desespero no rosto, Archie olhou para os primos.

– Como posso provar isso?

– Não sei – respondeu Cardo. – Fale com um dos livros mágicos, ou algo assim.

Archie sentiu a esperança indo embora. Então, de repente, pôde escutar uma voz. Era macia, como papel de seda.

– Archie Greene é um ouvinte de livros. E, embora ainda não acredite muito em si próprio, ele pode se tornar um excelente ouvinte de livros, talvez o melhor de todos os tempos!

Ele havia se esquecido de *O pequeno livro das bênçãos*.

– Obrigado – murmurou.

Amora e Cardo olharam para ele chocados.

– Eles não podem me ouvir – garantiu o livro.

– Mas nós podemos – rosnou a primeira fera protetora de livros. – Você passou pelo segundo teste, mas só você poderá continuar além desse ponto.

– Mas e meus primos? – indagou Archie. – Eles também são Guardiões da Chama.

A criatura negou com a cabeça.

– Somente o ouvinte de livros pode passar.

Elas obstruíam o caminho.

– Nós não vamos deixar você aqui com essas coisas – disse Amora.

– Não há outro jeito – respondeu Archie. – Esperem por mim na livraria. Preciso fazer isso.

As feras protetoras de livros abriram caminho e Archie caminhou pela escuridão.

Últimas anotações

J á anoitecia quando Amora e Cardo atravessaram de volta a cortina de veludo rumo à Trilha de White. Uma coruja piava do lado de fora.

– Esse lugar é seriamente assustador à noite – sussurrou Cardo, enquanto saía pelas portas do recinto em direção ao Pena & Tinta.

– Deixe de ser medroso – bufou Amora. Ela encarou as estantes. Cardo estava certo. Aquela livraria era, de fato, assustadora durante a noite.

– Mó – murmurou Cardo. Ele pôde sentir o arrepio dos pelos da nuca. – Estou com a terrível sensação de que alguém está observando a gente.

Algo se mexia no pátio lá fora.

– O que é aquilo? – perguntou Amora.

– Tem alguém lá fora! – exclamou Cardo.

Uma figura sombria se movimentava sorrateiramente em direção à loja.

– Rápido! – pediu Amora. – Tranque a porta.

– Não posso – respondeu Cardo. – A chave está com Archie. O que faremos agora?

– Vamos nos esconder – disse ela. Lançou-se para a direita, de cabeça abaixada, se abrigando nas sombras. Cardo correu para a esquerda em direção ao escuro. Escondido, observava a porta.

A porta abriu-se vagarosamente e as tábuas do assoalho rangiam enquanto alguém caminhava pelo corredor. A figura avançou contra o menino. Cardo jogou-se para a direita,

evitando que fosse agarrado. Seu agressor acabou tropeçando em meio à penumbra.

Cardo podia ouvi-lo xingando, enquanto tentava retomar a compostura. Então, sua voz irrompeu:

– Pare, não vou machucá-lo!

Cardo avistou o rosto de Amora saindo da escuridão.

– Corre, Cardo, corre! – gritava bem alto, enquanto acelerava por outro caminho.

Cardo correu cegamente, ziguezagueando entre as estantes. Olhou rapidamente para trás e acabou por tropeçar em um tapete. O menino caiu de costas no chão, produzindo um barulho de ossos se partindo. Tudo escureceu.

*

Archie seguiu caminhando por entre as sombras. Atrás dele, a tocha que iluminava o covil das feras protetoras de livros tornava-se um distante e ínfimo ponto de luz. À sua frente, uma entrada baixa. Era pequena demais para que as grandes feras pudessem segui-lo, mas grande o suficiente para que ele se espremesse por ela. Apoiando-se nas mãos e joelhos, Archie engatinhou pela escuridão. Fios d'água escorriam pelas paredes. Suas mãos podiam sentir o assoalho de pedra. Quando atingiu o outro lado, levantou-se. Logo adiante, podia ver outra tocha incandescente ardendo em meio ao escuro, e um brilho esverdeado.

Archie escutou uma tossida, baixa e abrupta, como o ruído de vento entre galhos secos. Alguém já o esperava na escuridão.

*

Quando Cardo acordou, tentou sentar-se. Sua cabeça ainda girava. Tocou a parte de trás de seu crânio e pôde sentir um enorme inchaço no formato de um ovo. Então, ouviu uma voz:

– Você deveria ter nos entregado o livro na primeira oportunidade.

O menino levantou o olhar e notou Wolfus Bone curvado sobre ele, segurando uma adaga nas mãos.

Cardo berrou.

Bone encostou o dedo nos lábios do menino.

– Não há o que temer – disse. – Vim aqui para protegê-los. Gideon mandou que eu os encontrasse para mantê-los em segurança.

O rosto de Amora, pálido, porém ileso, surgiu por trás do ombro de Bone.

– Está tudo bem, Cardo – disse. – Wolfus está aqui para nos ajudar.

– Gideon precisou ir a uma reunião de emergência com os demais anciãos do museu, então me mandou em seu lugar – prosseguiu Bone. – Disse-me para levá-los ao museu.

O escritor fantasma

Archie caminhou em direção à luz da tocha. A primeira coisa que notou foi o brilho esverdeado. Depois, o fantasma de um velho homem. Sabia que se tratava de um fantasma devido à forma que reluzia sob a luz e pela densidade similar à de uma neblina. Seus ombros pesavam pela idade. O cabelo era do mais puro branco e tinha uma espessa barba alva que se prolongava até a altura de seu peitoral. Usava um longo sobretudo com gola de pele branca. Archie o reconheceu de imediato.

– Você é John Dee, não é? – perguntou.

Uma expressão aflita tomou o rosto do velho, como se ele tentasse se recordar de algo de um passado longínquo.

– Dee? – perguntou. – Sim, esse é o meu nome. Não escuto isso há tanto tempo que quase me esqueci. Há quatrocentos anos venho assombrando esse lugar. É o meu castigo – suspirou com desânimo. – E tudo isso por minha própria culpa. Fui um idiota em pensar que poderia conversar com os anjos. Foi minha vaidade que me levou a esse caminho. Qual é seu nome, menino?

– Archie Greene.

O fantasma de John Dee o espreitou na penumbra.

– Então é você! – exclamou. – Foi a você que o livro foi entregue. Foi você que vi no Olho de Esmeralda.

*

Wolfus Bone caminhava pelo corredor com os olhos fixos à sua frente. Gideon Hawke lhe dissera para tomar conta de Archie e de seus primos, e era isso que iria fazer. Mas onde estava Archie? Esses eram os pensamentos que pairavam em

sua mente enquanto conduzia Amora e Cardo até a seção dos Livros Perdidos. Já havia passado tempo demais persuadindo Pink a deixar Cardo cruzar a barreira de proteção, mesmo sem ter a marca. Não havia mais tempo a perder.

Abriu a porta do escritório de Gideon Hawke. Havia algo de estranho no local. Lançou o olhar para a escrivaninha, sobre a qual havia deixado a garrafa catapulo que continha o lobo-de-fogo. O frasco de vidro estava espatifado no chão. O fecho mágico que ele havia forjado estava jogado ao lado. Bone sentia a raiva tomar conta de si. Quem poderia ter feito isso?

Seus pensamentos foram interrompidos por um assombroso uivo, seguido por gritos de uma mulher vindos do depósito. O depósito ficava próximo à cripta.

– Mais um ataque – gritou Bone para as crianças. – Alguém libertou o lobo-de-fogo. Fiquem aqui!

– De jeito nenhum – protestou Amora. – O museu também é nosso. Nós vamos com você.

– Não posso garantir a segurança de vocês.

– Nós sabemos disso – assentiu Cardo. – Mas iremos mesmo assim.

Bone percebeu que não fazia sentido discutir.

– Tudo bem – concordou. – Mas fiquem perto de mim.

Ele partiu a passo acelerado. Amora e Cardo iam atrás, tentando acompanhar. A lâmina sombria em sua mão brilhava sob a luz da tocha.

Bone abriu as portas do depósito. O lugar estava uma bagunça. As estantes haviam sido derrubadas e papéis e pergaminhos foram espalhados por todos os cantos. Morag Pandrama encolhia-se curvada em um canto da sala. Tinha os cabelos queimados e os braços levantados, como se quisesse impedir algum ataque.

- Aquela coisa – gritou. – Estava aqui!
- O lobo-de-fogo! Onde ele está agora, Morag?
- Tentando entrar na cripta, Wolfus. Temos que detê-lo! Você precisa buscar ajuda!

Bone inspirou o ar. Não havia mais do que um leve vestígio do cheiro de enxofre, mas ele conseguiu avistar a criatura à espreita, bem no final do corredor.

- Não temos mais tempo para isso – disse em um tom quase inaudível.

Vincent von Herring apareceu, de repente, atrás deles.

- Por que toda essa gritaria? – questionou. – Como os anciãos do museu podem prosseguir com a reunião em meio a todo esse estardalhaço?

- É o lobo-de-fogo – respondeu Bone. – Alguém o libertou e agora ele está tentando invadir a cripta.

Von Herring parecia preocupado.

- Temos que organizar uma busca para destruímos essa criatura de uma vez por todas.

- Não há tempo para isso – disse Bone. – Olhe!

Dois olhos amarelados fitavam o grupo na outra extremidade do corredor. O lobo-de-fogo ergueu a cabeça e uivou. Em seguida, saltou bruscamente na direção deles. No mesmo instante, Wolfus Bone atirou-se no caminho da fera e a acertou, em um súbito impulso, com a lâmina sombria. A criatura uivava enfurecida, soltando chamas pelas narinas. Por um momento, ela os observou com expressão de frieza, mas, logo em seguida, foi perdendo o interesse e acabou fugindo pelo corredor.

- Você conseguiu assustá-lo! – vibrou Von Herring.

– Não – garantiu Bone. – Nós não somos sua presa. Ele está atrás de Archie. Mantenha as outras duas crianças seguras.

Von Herring pousou suas mãos protetoras sobre os ombros de Amora e Cardo.

– Certo, Wolfus – disse. – Tomarei conta deles.

– E eu vou atrás de Archie – afirmou Bone. – Ele está em enorme perigo.

Então, virou-se e correu atrás do lobo-de-fogo.

O protetor

Na penumbra da caverna subterrânea, Archie observava o fantasma de John Dee.

– Por que você está aqui?

– Cometi um erro terrível – respondeu o fantasma.

– Sim, eu sei – assentiu Archie. – Gideon Hawke me contou a respeito.

Dee abaixou a cabeça.

– Eu realmente sinto muito. Nunca deveria ter envolvido você nisso. Não conseguirei sossegar até que o *Livro das Almas* seja devolvido ao museu em segurança e que todo esse erro seja consertado. Mas deixe-me ver você. Você deve ser o ouvinte de livros que vi. Aqui – disse, mostrando o pingente de prata pendurado à corrente. Bem no centro havia uma pedra verde, que liberava uma luminosidade também esverdeada. – Este é meu Olho de Esmeralda. É extremamente poderoso. Permite que seu dono enxergue o passado, o presente e o futuro. Tome. Agora é seu.

Archie sentiu o peso do pingente em sua mão.

– Mas ele vem com uma advertência – completou o fantasma de Dee. – Nenhum homem deve bisbilhotar um futuro muito distante. Isso foi uma lição que aprendi da forma mais difícil. Use o cristal somente quando for estritamente necessário. E nunca, jamais use para ver seu próprio futuro.

– Esse pingente não lhe trouxe nada além de desgraça – afirmou Archie, segurando a pedra verde. – Acho que não quero.

– Muito sábio – disse o fantasma. – Sua sabedoria me mostra que você é exatamente a pessoa que deve possuí-la. Mas entenda, Archie, existem outras pessoas que não respeitarão o poder do pingente como você. Essas pessoas não podem nem sequer encostar nele. E é por isso que o mantive escondido por todos esses anos. Eu o entrego a você como seu protetor. Ele irá protegê-lo.

Archie ainda hesitava.

– Fique com ele – insistiu Dee. – Você vai precisar.

Relutante, Archie pegou o pingente e pendurou no pescoço.

O fantasma de Dee acenou positivamente com a cabeça.

– Há duas outras coisas que devo lhe contar. A primeira é que nenhum dos Insaciáveis é capaz de resistir à tentação de possuir o pingente. Seu poder é muito forte. Mas qualquer um que ouse pegá-lo por intermédio de força, quebrando a corrente, será amaldiçoado por ele. A segunda coisa da qual precisa saber é que você é muito mais poderoso do que imagina. A mágica contida no fecho do livro obedecerá aos comandos vindos de você. – Ele fez uma pausa. – O *Livro das Almas*, onde está agora?

– Trancado na cripta com o restante dos Volumes Terríveis – informou Archie.

Um olhar de horror dominou o rosto de Dee.

– Não! – gritou. – Isso é o que ele suplica. Ele quer ficar próximo aos outros, mas deve ser mantido bem longe deles!

O coração de Archie afundou.

– Então, tenho que detê-lo – disse.

– Não! – gritou Dee, preocupado. – Você não, Archie. De todas as pessoas, você é a menos indicada para ir até lá.

Mas Archie já estava correndo em direção à escuridão.

*

Wolfus Bone perseguia o lobo-de-fogo pelos escuros corredores do museu. Seus olhos estavam fixos no animal, que galopava à sua frente.

Assim que adentrou uma das menores galerias, deparou com uma descomunal parede de fogo, que queimava o lado de seu rosto e seu peito. O lobo-de-fogo saltou em sua direção, derrubando a lâmina de sua mão e deixando-o estatelado. Bone ficou de costas no chão, como um grande inseto incapaz de se recompor.

Não pôde fazer nada enquanto a criatura salivante fechava as mandíbulas em sua garganta. Prestes a dar seu último suspiro, Bone tentou alcançar sua lâmina sombria, movimentando seus dedos longos em meio à escuridão até sentir seu toque frio. Segurando a lâmina na palma da mão, fincou-a no lobo-de-fogo em um único movimento. Sentiu que sua mão atravessava as chamas. O lobo-de-fogo uivou em um tom muito agudo. Então, rodopiou por cima da lâmina. A escuridão emanou de dentro do animal como uma fétida névoa subterrânea. Nem líquida nem gasosa, a neblina escapava de dentro dele e se evaporava diante da luz.

Wolfus Bone, ainda estendido no chão, buscava por ar. Sentia sua própria vida indo embora. O lugar onde a fera o havia ferido doía de um jeito entorpecedor. Sua cabeça pulsava e a visão já estava turva. Escutou um ruído. Alguém se ajoelhando ao seu lado. Estava fraco demais para saber quem era, mas sentiu que limpavam a escuridão de seus olhos.

– Onde está o lobo-de-fogo? – perguntou Bone.

– Você o destruiu – disse a voz, de modo tranquilizante.

A pessoa segurava uma xícara diante de sua boca e ele pôde escutar aquela voz sussurrante.

– Beba. Vai amenizar sua dor.

Bone abriu os olhos e percebeu o rosto de Arabella Ripley à sua frente. Ela sorriu.

A cripta

Com a mão erguida, Archie segurava o pingente de modo que sua luminosidade esverdeada clareasse o caminho. Diante dele havia sete pedestais de mármore, cada qual contendo uma gaiola de ferro. Dentro de quatro delas, viam-se livros cujas capas estavam cautelosamente fechadas. Mas o quinto pedestal estava vazio e a portinhola de sua gaiola, aberta.

Um homem estava parado ao lado dela. Em uma das mãos, segurava um molho de chaves prateadas e, na outra, o *Livro das Almas*. A luz azul que emanava do livro era assustadora.

– Professor Von Herring! – gritou Archie. – Ainda bem que o senhor está aqui. Mas o senhor não deveria estar na reunião com os anciãos do museu?

Von Herring sorriu.

– Saí da reunião para procurar você. Agora que o encontrei, tudo vai ficar bem.

– Mas professor – disse Archie –, o senhor não entende, o *Livro das Almas* quer estar junto dos outros Volumes Terríveis. É isso que ele quis esse tempo todo. Ele está tentando liberar a magia deles. Precisamos detê-lo.

Von Herring dirigiu a ele um olhar de piedade.

– Não, Archie, é você que não está entendendo. O *Livro das Almas* está onde sempre deveria ter estado, e agora que você também está aqui, podemos começar.

– O qu-quê? Mas precisamos proteger o museu – disse Archie, recuando.

– Que coisa mais comovente – disse uma voz às suas costas. Archie virou-se e viu uma figura na sombra. Algo estava

muito errado ali.

– Quem é você? – perguntou Archie.

– Ora, vamos lá, garoto, certamente você reconhece o maior colecionador de livros mágicos que o mundo já viu – zombou o homem. Archie sentiu seu estômago dar uma reviravolta desagradável quando reconheceu os frios olhos cinzentos.

– Você é o avô de Arabella! Mas não pode ser – gaguejou. – Arthur Ripley está morto!

O homem riu.

– É nisso que eu queria que você acreditasse. Quando escapei do fogo, mal estava vivo. Levei anos para me recuperar, mas agora estou pronto para conquistar meu maior prêmio: o *Livro das Almas*.

– Mas como você soube do livro...?

– De fato, é muito simples – disse Ripley. – O sócio de John Dee era meu ancestral, Morton Ripley, e ele deixou um registro com todos os seus negócios. Enquanto eu estava convalescendo, encontrei-o entre os papéis do Salão Ripley. Morton tomou providências para que o *Livro das Almas* fosse entregue a você no seu décimo segundo aniversário. Ele sabia que alguém da família Ripley estaria aqui para pegar o livro e pegar você também, porque, como pode perceber, Archie, você sempre fez parte do plano. Você ainda não está entendendo, não é mesmo? – riu Ripley. – Eu voltei por causa do *Livro das Almas*. Mas o livro em si não tem utilidade para mim. Meu ancestral percebeu isso quando o encontrou na coleção do Salão Ripley. Ele sabia que só um ouvinte de livros privilegiado poderia revelar seus segredos, e não nasceu nenhum desses durante muitos séculos. Então, quando descobriu que o grande mago John Dee estava em busca do livro, ele teve uma ideia brilhante. Dee era famoso por suas habilidades de vidência. Por que não usá-lo para encontrar o próximo grande ouvinte de livros?

“A segunda parte de seu plano era ainda mais brilhante. Ele deu instruções a Folly & Catchpole para entregar o livro a você, de modo que você e o *Livro das Almas* chegassem juntos. No dia previsto para a chegada do livro, nós estaríamos esperando, eu e meu cúmplice. Mas você não apareceu e o idiota do Screech não fazia ideia de onde o livro estava, então tive que ser paciente. Claro que não poderíamos permitir que ele estragasse nossos planos, então tivemos que silenciá-lo.”

– Mas por que vocês pegaram Peter Quiggley? – perguntou Archie. – Ele não sabia nada sobre isso.

– Bem, um aprendiz é muito parecido com outro – disse Ripley. – Pensamos que ele era você, mas logo ficou claro que era um ignorante, então devolvemos o pirralho. E agora você está aqui.

Archie deu um passo para trás. Sentia dor no estômago. Percebeu que fora pego em uma armadilha.

Arthur Ripley sorriu.

– E agora que está aqui, você *vai* ordenar que o *Livro das Almas* libere seu último, e mais importante, segredo.

– Nunca! – gritou Archie, de modo desafiador.

– Você vai fazer o que lhe foi mandado – ordenou Von Herring.

– E se eu me recusar?

Ripley deu um sorriso cruel.

– Ah, você não vai recusar – disse. – Porque, se fizer isso, seus primos morrerão.

Enquanto ele falava, Archie se deu conta de que havia outras pessoas nas sombras. Von Herring empurrou Amora e Cardo para a frente. Eles estavam amordaçados e com as mãos amarradas. Archie percebeu seus olhos arregalados e apavorados.

– Como vê, Archie, você realmente não tem escolha – disse Von Herring. Ele entregou as chaves prateadas para Ripley e cuidadosamente colocou o *Livro das Almas* no chão.

– Se você dá algum valor à vida de seus primos, vai comandar o livro.

Desesperado, Archie olhou para os rostos aterrorizados de Amora e Cardo.

– Está bem – disse. – Mas o que faz vocês acreditarem que posso mesmo abrir o livro?

– Você é um ouvinte de livros – afirmou Von Herring. – Você tem o poder. Agora, apresse-se. Não vai demorar até que os anciãos do museu percebam que não estou na reunião e comecem a nos procurar.

Archie olhou fixamente para o *Livro das Almas*. Sua capa estava segura com o fecho de prata gravado com o símbolo de John Dee. Agora ele sabia o que o símbolo significava. Era um aviso. O velho mago não queria que o livro fosse aberto, mas Archie não tinha escolha.

– Abra! – ordenou em voz baixa. – Meus primos dependem de mim.

O fecho destravou-se com um clique. A tira com o fecho deslizou para o chão e a capa do livro abriu-se.

– Ordene ao livro que libere seu último segredo! – mandou Ripley. – Vamos!

Archie sentiu o pânico aumentando.

– Mas não sei como – disse.

– Estou desapontado com você, Archie. Mas já que escolheu desobedecer, não tenho escolha. – Dirigiu-se a Von Herring. – Jogue-os no *Livro das Almas*!

Archie viu o pavor no rosto de Amora quando Von Herring a empurrou com rudeza na direção do livro aberto. Enquanto

isso, o *Livro das Almas* crescia até ficar muitas vezes maior do que seu tamanho original. Sua superfície se agitou como um poço de águas escuras. Amora tentou resistir, mas Von Herring era forte demais.

– Espere! – gritou Archie. – Não a machuque. Digam o que preciso fazer...

Von Herring não respondeu. Seus olhos estavam fixos no pingente no pescoço de Archie.

– Este pingente – disse ele. – É o cristal vidente de John Dee. Eu o reconheço dos retratos. Onde o conseguiu? Me dê ele aqui.

Ele arrancou o pingente do pescoço de Archie, quebrando a corrente de prata. O cristal verde pulsou uma vez e Archie teve um presságio.

O *Livro das Almas* estava brilhando com uma estranha luz azulada. As páginas abertas ondulavam como a superfície de um lago negro.

– Para trás – gritou para seus primos. – Fiquem longe do livro.

Amora e Cardo se afastaram, mas Von Herring estava pregado no chão, olhando para o cristal. Seus olhos estavam arregalados. Subitamente, sua expressão mudou. O deleite foi substituído pela confusão.

– Mas o que é isso? O que está acontecendo? Não, eu não. Leve a garota – gritou ele. O pingente caiu de sua mão, tilintando no chão de pedra, e Archie o pegou.

A superfície do livro começou a se agitar. Duas mãos, parecidas com garras, alcançaram Von Herring e o capturaram. Ele não teve tempo nem sequer de gritar antes de desaparecer debaixo da superfície da página.

Arthur Ripley sacudiu a cabeça.

– Ele foi um idiota – escarneceu. – Deveria saber que o *Livro das Almas* pediria alguma coisa em troca para revelar seu segredo. E agora tem sua alma. E se você se recusar a cooperar, seus primos serão os próximos!

Ripley empurrou Cardo para a frente.

– Então, o que você me diz, Archie Greene? Está pronto para fazer o que mandei?

Se quisesse salvar seu primo, Archie não tinha escolha.

– Seja qual for o segredo que ainda contém, ordeno que o revele.

Ouviu-se o som de um assobio e letras negras começaram a surgir acima do *Livro das Almas*. As letras transformaram-se em palavras.

Archie sabia que era magia negra, mas não conseguiu se impedir de pronunciar as palavras.

“Deixe a escuridão cair
Deixe a escuridão reinar
O poder que existia
Voltará a brilhar.”

O *Livro das Almas* começou a tremer violentamente. Sua capa, que estava bem esticada, começou a ondular e se arquear como se algo estivesse preso dentro dela. Formas surgiram em sua superfície. Repentinamente, uma tinta escura irrompeu do livro como um vulcão.

Primeiro, escorreu como se fosse uma lama negra, mas gradualmente foi adquirindo a forma de um homem alto e muito anguloso vestido com uma túnica roxa e comprida. Usava no pescoço uma corrente de prata com um rubi. Seu rosto era profundamente vincado, com as bochechas murchas e um nariz grande e adunco. Sua pele branca tinha a mesma textura rugosa da capa do livro. Longos cabelos pretos

misturados com prata emolduravam seu rosto magro, e seus olhos negros e arregalados fervilhavam de malícia.

Archie já vira aquele rosto antes.

– Não pode ser! – exclamou horrorizado.

– Ah, pode sim – gritou Ripley, exultante. – O último segredo do livro é a alma do próprio Barzak!

O segredo final

Barzak tinha quase dois metros de altura e dominava o ambiente. Cerrou suas mãos em forma de garras. As unhas negras tinham pontas recurvadas como presas.

A voz de Ripley era triunfante.

– Veja, Archie, quando estava preso nas chamas, Barzak fez a única coisa possível para sobreviver: entregou sua alma ao *Livro das Almas*. Mas ele precisava de um ouvinte de livros para libertá-lo, e agora está livre!

O bruxo estalou seus dedos e o *Livro das Almas* pulsou com sua luz azulada.

– Está tudo pronto – disse Ripley, indicando os Volumes Terríveis em suas jaulas. – O ouvinte de livros é descendente de Obadiah Greene. Foi o poder dele que o libertou.

Os lábios pálidos de Barzak se retorceram em um fraco sorriso. Seus olhos negros voltaram-se avidamente para Archie. Sua voz soou como um trovão:

– Então, garoto, você tem o dom. Pode destrancar os Volumes Terríveis e libertar a magia negra.

Archie afastou-se.

– Nunca! – gritou em tom de desafio.

Arthur Ripley riu.

– Temos toda a persuasão de que precisamos – disse apontando para Amora e Cardo. – Ele fará qualquer coisa para salvar os primos.

– Então, vamos começar – disse Barzak. O bruxo fechou os olhos para se concentrar. Archie começou a ouvir vozes vindas

das jaulas.

– Liberte-nos da prisão – sussurravam as vozes. – Deixe-nos trazer nossa magia negra para o mundo. Deixe a Era das Trevas começar!

– Tenham paciência, irmãos e irmãs das trevas – trovejou Barzak. – Vocês esperaram muito por este momento, estou restabelecido para vocês. Juntos, vamos fazer nascer um reinado das trevas que durará um milênio.

O bruxo dirigiu seu olhar para Ripley.

– Abra as jaulas!

Ripley encaixou a primeira chave de prata na fechadura da primeira jaula e a girou, seguindo a fila até que tivesse destrancado todas as quatro jaulas que continham os Volumes Terríveis.

– Está pronto para usar seu dom para libertar os Volumes Terríveis? – perguntou.

– Nunca! – gritou Archie, novamente.

O rosto de Ripley retorceu-se em um sorriso torto.

– Muito bem – disse ele.

Pôs uma das mãos no ombro de Amora e a outra no de Cardo, e empurrou-os na direção do *Livro das Almas*.

– É uma pena que seu primo seja tolo demais para salvá-los – ironizou Ripley.

– Você realmente acha que vai escapar dessa? – perguntou Archie, tentando ganhar tempo. Vasculhava desesperadamente sua cabeça em busca de uma saída. Qualquer saída.

– E quem vai me impedir? – riu Ripley.

– Gideon Hawke – retrucou Archie, tentando soar mais confiante do que realmente estava.

– Aquele idiota? Não me faça rir. Não, Archie Greene, nenhum cavaleiro de armadura brilhante está vindo em seu socorro.

Era uma ideia. Fez-se uma luz na mente de Archie. Um cavaleiro de armadura brilhante! Era disso que precisava.

– Engraçado você mencionar isso! – disse, vasculhando sua bolsa e pegando o frasco de vidro.

– É o melhor que você consegue fazer? – debochou Ripley.
– Acha mesmo que uma garrafinha catapulo pode ser útil contra o bruxo das trevas? Você é patético, Archie Greene.

Archie ignorou a provocação. Atirou o frasco no chão de pedra.

Ripley ainda estava falando:

– Agora, chega. Vamos acabar com isso. Diga adeus a seus primos, Archie Greene!

Um som alto de algo estourando ecoou atrás deles. Um cavalo relinchou. Subitamente, uma voz profunda veio das sombras:

– Tire as mãos de cima deles, vilão sórdido! Por Archie Greene e pelo Museu das Coleções Mágicas! Atacar!

Acompanhado por um trovão de cascos, Sir Bodwin disparou na direção de um assustado Arthur Ripley. Ripley não acreditava no que estava vendo. Abandonou Cardo e Amora, e correu para dentro da jaula preparada para o *Livro das Almas*.

Sir Bodwin puxou as rédeas e seu cavalo empinou. Suas patas dianteiras ergueram-se no ar, fechando a porta da jaula. O cavaleiro virou seu cavalo e atacou novamente, desta vez Barzak.

– Seu demônio! Em nome da magia, hoje você não vencerá!
– rugiu. Mas o alívio de Archie durou pouco. Barzak ergueu

sua mão em forma de garra. Cavaleiro e cavalo *ezaporaram* em meio a uma ruidosa explosão.

Os olhos de Barzak brilhavam de ódio. Sua voz ecoou pelas paredes:

– Você ousou me desafiar, ouvinte de livros? Por causa disso, você vai morrer! Mas primeiro servirá a seu propósito.

Archie sentiu sua esperança se esvaindo. Mas, naquele momento, escutou outra voz. Era uma voz bem baixinha que sussurrava em seu ouvido. Dizia: “Tenha coragem. Nem tudo está perdido. Os Volumes são poderosos, mas eles dependem do medo. O bruxo também conta com seu medo para obter seu poder.”

Archie se lembrou de *O pequeno livro das bênçãos*. Sabia que só ele poderia ouvir sua voz.

– E meus primos? – sussurrou de volta.

– Eles também precisam ser corajosos. Mas vou ajudar você. Quando o bruxo mandar que você liberte a magia dos Volumes Terríveis, liberte a minha.

Archie podia ouvir as vozes sibilantes que vinham de dentro das jaulas. O barulho era ensurdecador. Fechou os olhos e tentou se concentrar.

– Liberte os Volumes Terríveis! – trovejou Barzak. – Liberte meus irmãos e irmãs das trevas, ouvinte de livros, ou seus primos morrerão!

O que mesmo vovó lhe dissera sobre coragem? Coragem não é o que você sente quando não tem medo; coragem de verdade é quando você está apavorado, mas age assim mesmo. Pela primeira vez na vida, ele compreendeu o que ela queria dizer com aquilo. Suas pernas pareciam feitas de gelatina e ele temia que elas falhassem. Archie tirou *O pequeno livro das bênçãos* do bolso.

– Fique comigo – sussurrou. – Preciso da sua magia.

Em seguida, reuniu toda a coragem que possuía.

– Liberto a magia que existe quando acredito em seu poder acima de todas as coisas.

Dirigiu essas palavras não aos Volumes Terríveis, mas ao pequeno livro em suas mãos. *O pequeno livro das bênçãos* começou a brilhar, emanando uma luz alaranjada que preencheu a caverna escura. Archie sentiu-se inundado de sabedoria e de coragem. Acima de tudo, percebeu um forte ressurgimento da esperança. O pequeno livro transmitia conforto em suas mãos, e ele sentia que sua magia o fortalecia.

– Archie Greene, você tem o poder de salvar a magia. Acredite em si próprio – sussurrou ele.

Os olhos escuros de Barzak flamejaram de ódio. O bruxo ergueu a voz:

– Imbecil! Acha que pode me desobedecer?

De repente, Archie escutou uma nova voz. Era uma voz frágil, mas ainda assim não vacilou.

– Eu o devolvo à escuridão. Ordeno que você retorne para o lugar de onde veio – gritou. E só então reconheceu sua própria voz. Assim que o fez, as palavras se tornaram visíveis, escritas em luminosas letras verdes suspensas no ar. E Archie sentiu o perfume de uma noite estrelada.

Uma expressão de choque e raiva atravessou o rosto de Barzak.

– O que é isso? – trovejou. – Como ousa lançar essa débil magia diante dos Volumes Terríveis? Você vai pagar por isso, ouvinte de livros. Que você e sua família sejam duas vezes amaldiçoados.

Barzak avançou em sua direção, mas Archie gritou novamente:

– Eu o devolvo ao *Livro das Almas*.

O pequeno livro das bênçãos emitiu uma última pulsação de luz e Archie soube que sua magia chegava ao fim. Com um barulho de trovão, Barzak foi sugado para dentro do *Livro das Almas*. Grotescamente, o bruxo se sacudia e se contorcia, lutando para manter o livro aberto. Suas garras negras rasgavam a lombada e seus olhos escuros brilhavam de ódio.

Então, guinchando como um animal à beira da morte, sua túnica escura se dobrou nas páginas do livro, e a pele enrugada de seu rosto e de suas mãos desapareceu sob a capa. Com um último lampejo de luz azulada, o *Livro das Almas* fechou-se com um estalo.

Archie escutou passos apressados e viu Gideon Hawke e Morag Pandrama correndo em sua direção. Morag Pandrama deu um grito de alerta.

Archie virou-se e, para seu horror, viu o rosto grotesco de Barzak aparecer na capa do *Livro das Almas* como se fizesse um derradeiro esforço para escapar de sua prisão.

– Archie – gritou Gideon Hawke. – O fecho!

Em um único movimento, Archie pegou o fecho de prata do chão e colocou-o no livro. Com um último suspiro, o *Livro das Almas* fez um clique e trancou-se.

Protetores de livros

Uma hora mais tarde, Archie, Amora e Cardo estavam sentados no Pena & Tinta tomando chocolate quente com uma dose extra de creme e marshmallows.

– Archie, tem certeza de que você está bem? – perguntou Gideon Hawke com a voz preocupada.

– Estou – afirmou Archie. *O pequeno livro das bênçãos* estava mole e sem vida em suas mãos. Olhou para Hawke.

– Ele nos deu a coragem de que precisávamos – disse.

– É verdade – suspirou Hawke. – Foi a última de suas magias. Você tem sorte por estar vivo. Agora, precisa descansar.

– Mas há tanta coisa que quero saber – protestou Archie. – Qual era a participação de Von Herring nisso tudo?

– Ele esteve trabalhando para Arthur Ripley durante todo esse tempo. Eles sequestraram Geoffrey Screech a caminho do trabalho. Por isso a livraria estava inexplicavelmente fechada no dia em que você e Arabella deveriam ter entregue seus livros. Encontramos Screech são e salvo no Salão Ripley. Ele foi paralisado por um feitiço, mas vai se recuperar.

– E o almanaque era uma armadilha? – questionou Archie.

– Sim. Ele veio da biblioteca privada de Ripley e tinha o objetivo de nos afastar do rumo do verdadeiro Volume Terrível. E, quando isso não funcionou, Barzak orquestrou os ataques ao museu, incluindo os lobos-de-fogo. Ele conseguiu fazer isso mesmo estando dentro do *Livro das Almas*, mas precisava de um ouvinte de livros para libertá-lo.

– Arabella sabia do plano?

– Não, acho que ela não passava de um peão no jogo, como você. Aquela menina tem muitos defeitos, mas provavelmente salvou a vida de Wolfus depois que o lobo-de-fogo o atacou. Acredito que Verônica Ripley soubesse.

– E Rusp...? – perguntou Archie.

– Estava trabalhando para mim – disse Hawke. – Havia muita coisa em jogo e eu precisava saber o que estava acontecendo. Tornou-se ainda mais importante quando vimos que você não cooperaria.

– Entendo – murmurou Archie. – Então não foi ele quem deixou cair a lente imaginária na Trilha de White?

– Não – disse Hawke. – Foi Von Herring. Ele a tirou do museu. Tinha uma fraqueza por instrumentos mágicos. Também teria ficado com o pingente de Dee. Acho que foi ele quem libertou o lobo-de-fogo da garrafa de catapulo para causar a confusão enquanto sequestrava seus primos.

– E o fantasma de John Dee? – perguntou Archie.

Hawke sorriu.

– O espírito de Dee foi finalmente libertado de sua longa vigília – informou. – Ele agora está em paz.

– Que bom – disse Archie. Tinha gostado do velho, apesar dos problemas que lhe trouxe. Ergueu os olhos e viu Loretta e Videira caminhando em sua direção.

– Meu querido! – cantarolou Loretta. – Viemos assim que soubemos. Graças aos céus, você está bem!

– E aí, moleque – gritou Videira, e sua enorme mão espremeu a de Archie em um de seus esmagadores cumprimentos.

– Que bom ver todo mundo! – sorriu Archie. – Bem, quase todo mundo. Queria que vovó estivesse aqui.

– Ela está metida em suas próprias aventuras – disse Loretta. – Disse que vai nos contar tudo quando voltar para casa.

Naquele momento, Pink chegou com uma grande jarra de chocolate quente e um prato de bolinhos.

– Pronto para o refil? – perguntou. – É por conta da casa.

Amora e Cardo deram gritinhos de felicidade. Archie sorriu.

*

A cerca de cem quilômetros dali, nos escritórios londrinos da Folly & Catchpole, Horácio Catchpole mexia-se em sua cadeira sem encontrar uma posição confortável. Prudence Folly, a sócia majoritária da firma, estava sentada do outro lado da mesa.

– Deixe-me ver se entendi direito – disse Prudence, olhando para Horácio como um falcão para um coelho. – Você não apenas se esqueceu de entregar a mensagem com a encomenda, mas também decidiu ignorar as normas da empresa, abrindo o pergaminho e o traduzindo.

Horácio concordou. Seu queixo, já baixo, caiu um pouco mais.

– Você tem algo a dizer em sua defesa?

Horácio respirou fundo.

– É o seguinte – disse –, o pergaminho estava escrito em uma linguagem mágica. Se eu não o tivesse aberto, eles não conseguiriam ler a mensagem.

O rosto de Prudence descontraiu-se. Seus lábios finos se curvaram em um sorriso esquisito.

– Gosto disso, Catchpole! Mostra que nossos serviços especiais ainda são necessários. Folly & Catchpole tem sido a firma escolhida pelos Mandamentos para tarefas mágicas por séculos! Isso prova que ainda temos um lugar no mundo.

O sorriso de Horácio se iluminou. Depois de tudo, talvez ainda houvesse uma chance de ele conseguir uma promoção na primavera. Esperava que o que tinha a dizer em seguida não arruinasse tudo.

– Era o mínimo que eu podia fazer – disse. – Mas ainda há uma coisa que preciso contar para você.

Prudence endireitou-se na cadeira.

– Sim?

– Há outra encomenda para Archie Greene...

*

Dentro da cripta do Museu das Coleções Mágicas, sete jaulas de ferro jaziam sobre seus pedestais de mármore. A quinta jaula ainda estava vazia. O *Livro das Almas* estava finalmente em repouso, mas em um lugar separado e bem seguro, salvaguardado por uma das feras protetoras de livros. Os outros Volumes Terríveis estavam firmemente trancados.

Sob o domo de vidro no Scriptorium, o *Livro dos Cálculos* estava aberto. A ampulheta em sua lombada brilhava à luz da única lâmparina que iluminava a penumbra. Os grãos de areia em seu interior estavam imóveis. E a pena do pássaro Benu, pousada sobre a página aberta, girava e dançava no ritmo da vida e da morte.

O outro *Livro do Destino* estava fechado. Mas, naquele momento, dentro do *Livro da Profecia*, um nome estava sendo apagado... E outro estava sendo escrito... Mas isso já é outra história.

Agradecimentos

Todo livro é uma jornada, e esta foi longa e sinuosa. Devo agradecimentos a algumas pessoas especiais, sem as quais Archie e eu não poderíamos ter chegado aqui.

A Dan, Erin e Harry (o Cat Suit Club), que foram os primeiros a ler as aventuras de Archie e me encorajaram a seguir adiante. A minha irmã, Pig, que viveu e respirou a história junto comigo; e para Bryan por ser o Bryan.

A meu agente Jo Hayes, que, ao lado de Paul Moreton e Eddie Bell, da Bell Lomax Morton, acreditaram que havia alguma coisa aqui.

A Leah Thaxton, Rebecca Lee e a todos da Faber que acreditaram na magia de Archie e deram uma chance para ela.

A meus editores Alice Swan, da Faber, e Antonia Markiet, da HarperCollins, que trouxeram disciplina, pães doces e muito mais para transformarem um manuscrito bruto em algo legível.

A Emma Eldridge pelo inspirado desenho da capa; e a James de la Rue pelas brilhantes ilustrações.

Ao editor de projeto James Rose por sua paciência e bom humor com as alterações de última hora.

A Stuart e Ro pela amizade e tolerância nos momentos em que eu deveria estar escrevendo outras coisas.

Finalmente, a Sara, por sua confiança e amor.

Título original

ARCHIE GREENE AND THE MAGICIAN'S SECRET

Primeira publicação em 2014 pela Faber & Faber Limited

Bloomsbury House,

74-77 Great Russel Street,

Londres WC1B 3DA

Copyright do texto © D.D. Everest, 2014

O direito de D.D. Everest ser identificado como autor desta obra foi assegurado em conformidade com Seção 77 do Copyright, Designs and Patents Act 1988.

Direitos para a língua portuguesa reservados

com exclusividade para o Brasil à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8o andar

20030-021 – Rio de Janeiro, RJ

Tel.: 3525-2000 – Fax: 3525-2001

rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

preparação de originais

ISABELA SAMPAIO

Coordenação Digital

MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital

MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub

CLARICE GOULART

Edição digital: julho, 2017.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

E94a

Everest, D. D.

Archie Greene e o segredo dos magos [recurso eletrônico] / D. D. Everest; tradução Rosa Amanda Strausz. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2017.

recurso digital (Archie Greene)

Tradução de: Archie Greene and the magician's secret

ISBN 978-85-7980-374-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Strausz, Rosa Amanda. II. Título. III. Série.

17-41393

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

O Autor

D. D. Everest é um jornalista bem-sucedido que escreveu diversas obras de não ficção. Ele achava que sabia escrever livros até começar a trabalhar neste. É seu primeiro livro infantojuvenil e quase o matou, o que é bem feito para ele. Ele mora numa casa vitoriana esquisita na Floresta de Ashdown, na Inglaterra, com sua parceira, Sara, seu filho, sua filha e seus dois gatos. Para descobrir mais sobre Archie e D.D. Everest, visite www.archiegreene.com.